



Seminário Teológico Presbiteriano
Rev. Ashbel Green Simonton

SEMENTES

E-ISSN: 2764-9296

REVISTA CIENTÍFICA DE TEOLOGIA
VOL. 3 | Nº 1 | 2024

www.revistasementes.com.br



e-ISSN: 2764-9296

Vol. 3 – Nº 1 - 2024

SEMINÁRIO TEOLÓGICO PRESBITERIANO REV.
ASHBEL GREEN SIMONTON

SEMENTES

Revista Científica de Teologia

DOSSIÊ "EM ESPÍRITO E EM VERDADE": ARTE,
MÚSICA E CULTO



Rio de Janeiro

Março de 2024



Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton

Diretoria

- Diretor - Rev. Sergio T. L. Kitagawa
- Capelão - Rev. Adelino Barros
- Gerente Administrativa - Danielly Coelho
- Coord. do Curso de Teologia – Rev. João Batista Borges
- Coord. do Núcleo de Pós-Graduação – Rev. Eduardo da Silva Machado
- Coord. do CEFAL: Rev. Ricardo Augusto Narciso Gonçalves dos Santos
- Orientadora Pedagógica – Simone Xavier de Lima

S471d Sementes: Revista Científica de Teologia [recurso eletrônico]. – v. 1. 2024. – Rio de Janeiro, RJ: Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

166 f.

Recurso on-line [PDF] 256 Kb. Disponível em: www.revistasementes.com.br

Publicação contínua a partir de 2022.

e-ISSN: 2764-9296.

Título, resumos e textos em português.

Inclui referências.

1. Teologia – Estudo e ensino. 2. Vida cristã. 3. Vocação ministerial. 4. Igreja Presbiteriana – Doutrinas. I. Título. II. Revista Científica de Teologia. III. Faculdade Presbiteriana Mackenzie. IV. Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

CDD 285.098105

JURET- JUNTA REGIONAL DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DO RIO DE JANEIRO

Diretoria

- Presidente - Rev. Sandro Moreira de Matos (SBF)
- Vice-Presidente - Presb. Pascoal da Silva Filho (SOR)
- Secretário - Rev. Arivelton Peisini (SCS)

Titulares

- Rev. Sandro Moreira de Matos (SBF)
- Presb. Pascoal da Silva Filho (SOR)
- Rev. Arivelton Peisini (SCS)
- Rev. Márcio José da Silva Ciríaco (SCX)
- Presb. Antônio José Rosa (SSF)

Suplentes

- Rev. Lael Viana de Alcântara (SLF)
- Rev. Lourival Marciano dos Santos (SRJ)
- Rev. Edson Arantes Ferreira (SGB)
- Presb. Dorvy da Silva Correia (SRF)
- Presb. Cláudio Roberto Quaresma Machado (SNI)

JET - JUNTA DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DA IPB

Diretoria

- Presidente: Rev. Leonardo Sahium
- Vice Pres.: Rev. Alfredo Ferreira de Souza
- Secretário: Pb. Flávio Heringer
- Tesoureiro: Pb. Hildemar Rodrigues Falcão Júnior

Titulares

- Rev. Leonardo Sahium (DF)
- Rev. Alfredo Ferreira de Souza (RR)
- Rev. Sérgio Ribeiro Santos (SP)
- Rev. José Sidério dos Santos (SP)
- Rev. Juliano Balbino (GO)
- Pb. Flávio Heringer (DF)
- Pb. Hildemar Rodrigues Falcão Júnior (MG)
- Pb. Paulo Mendes Júnior (RJ)
- Pb. Ítalo Fittipaldi (PB)



Expediente

Equipe Editorial

Editor-Chefe

- Prof. Dr. Rev. Sergio T. L. Kitagawa - STPS

Editores Adjuntos

- Prof. Rev. Adelino Barros - STPS
- Prof. Dr. Rev. Junio Cesar Rodrigues Lima - PPGH/UERJ - STPS

Conselho Editorial

- Prof. Me. Rev. Ivo César Mozart - STPS
- Prof. Me. Rev. Eduardo Machado - PFI/UFF -STPS
- Prof. Me. José Mirabeau Paes Barreto Neto - STPS
- Prof.^a Me. Simone Xavier de Lima - STPS
- Prof.^a Esp. Tânia Brizon - STPS

Conselho Consultivo

- Prof.^a Dr.^a Alessandra Serra Viegas - STPS
- Prof.^a Dr.^a Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk – UFRJ - STPS
- Prof.^a Dr.^a Vânia de Cássia de Araujo Dutra - STPS

Equipe Técnica

- Prof. Me. Rev. André Luis Barros Monteiro - STPS
- Prof. Dr. Rev. Junio Cesar Rodrigues Lima - PPGH/UERJ - STPS

Diagramação e Editoração Eletrônica

- Equipe Técnica da Revista Sementes



Contato

Endereço Postal

Rua Isolina, 151, Méier, Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20710-080

Contato Principal

Equipe Editorial da Revista Sementes / Seminário Teológico Presbiteriano

Reverendo Ashbel Green Simonton

Rua Isolina, 151, Méier, Rio de Janeiro – RJ - CEP: 20710-080

Tel. +55 (21) 2201-6734 - E-mail: revistasementes@gmail.com

Site: www.revistasementes.com.br

Contato para Suporte Técnico

Equipe Editorial da Revista Sementes

E-mail: revistasementes@gmail.com

Todos os textos são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a posição da editoria ou da instituição responsável por esta publicação.



Sumário

EDITORIAL

Sergio Tuguio Ladeira Kitagawa, 7

ARTIGOS

ENTRE AS HISTÓRIAS DA BÍBLIA E A ESCRITA DA HISTÓRIA: UM ENSAIO SOBRE O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR ENTRE HISTÓRIA E TEOLOGIA

Junio Cesar Rodrigues Lima, 9

A FÉ E O TRABALHO: COMO A VISÃO CRISTÃ MODIFICOU O MUNDO

Patricia Da Costa Fontenele Bean, 17

A ESCRAVIDÃO NO PERÍODO DO CRISTIANISMO PRIMITIVO À LUZ DA TEOLOGIA DE PAULO

Marcelo Uzeda de Faria, 37

COMO OVELHAS QUE NÃO TEM PASTOR: O DISCIPULADO COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NUM MUNDO PÓS-PANDEMIA

Matthaus Leira R. S. de Oliveira, 65

FÉ, DOGMAS, DÚVIDAS: UMA ANÁLISE DA ERA ATUAL DA COMUNICAÇÃO DA FÉ CRISTÃ NAS OBRAS DE TIMOTHY KELLER

Daniel Benhur Oliveira Martins, 85

A ECLESIOLOGIA MISSIONAL COMO FORMADORA DE DISCÍPULOS DE CRISTO

Nilson de Oliveira Pinto Pereira, 102

A PRÁTICA DO DISCIPULADO E O RELACIONAMENTO FAMILIAR

Erick Albert Laterça, 131

DEPRAVAÇÃO TOTAL: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE OS RESULTADOS DA QUEDA NA COMENSALIDADE

Ucleydson Scherrer, 143



EDITORIAL

Rev. Dr. Sergio T. L. Kitagawa

Diretor do STPS

É com plena alegria que apresentamos mais um número de nossa Revista Científica de Teologia Sementes. Diferente das edições anteriores, a presente não traz um Dossiê Temático, mas artigos livres,

Os textos da presente edição são os resultados do trabalho acadêmico realizado em nossa Casa de Profetas, como carinhosamente são chamados os Seminários Teológicos. A começar, pelo labor de um de nossos professores: Junio Cesar Rodrigues Lima, editor de nossa revista e Coordenador do Departamento de Teologia Histórica, abre o presente número com um provocativo ensaio intitulado Entre as Histórias da Bíblia e a Escrita da História: um ensaio sobre o diálogo interdisciplinar entre História e Teologia. Ele parte de um problema aparentemente simples: o de tratar a Bíblia como um documento histórico.

A seguir, temos os artigos produzidos por egressos dos nossos cursos de Pós-Graduação. Sob o título A Fé e o trabalho: como a visão cristã modificou o mundo, Patrícia da Costa Fontenele Bean apresenta panorama da concepção cristã sobre o trabalho, demonstrando ambos como mandamentos de Deus. O chamado a crer e o chamado a fazer são interconexos. No mesmo tom, Marcelo Uzeda de Faria demonstra como a teologia bíblica e pastoral de Paulo ao mesmo tempo adaptada à realidade de sua época e contracultural. Em seguida, Mattaus Leira aborda o papel e a importância do discipulado na vida de pessoas que sofrem em decorrência da pandemia. O artigo mostra como a pandemia vem afetando a comunidade no âmbito emocional e social, causando um distanciamento entre as pessoas e adoecimentos como depressão e ansiedade.

Como fruto de nossas monografias de conclusão do Curso Livre de Bacharel em Teologia, quatro artigos fecham a presente edição.

No artigo Fé, Dogmas, Dúvidas: uma análise da era atual da comunicação da fé cristã nas obras de Timothy Keller, Daniel Benhur Oliveira Martins disserta sobre a necessidade de se encontrar um ponto de conexão entre o que proclama e o que recebe a mensagem do evangelho. É certo que as Escrituras não precisam ser atualizadas, no entanto, não há como questionar a necessidade da contextualização da mensagem do evangelho.

Nilson de Oliveira Pinto Pereira nos chama a atenção para o discipulado em seu texto A Eclesiologia Missional como Formadora de Discípulos. A definição apresentada de uma igreja missional fundamenta-se nos princípios bíblicos do discipulado. Ao acentuar o papel da família como primeiro lugar em que o discipulado cristão ocorre, Erick Albert Laterça nos remete em seu artigo A prática do discipulado e o relacionamento familiar ao resgate consciência e prática da responsabilidade dos pais quanto a vida espiritual de seus filhos.

E para finalizar essa edição, Ucleydson Scherrer faz uma reflexão, do ponto de vista da fé cristã reformada, sobre a relação dos efeitos da queda do homem e a herança que ela relegou a toda humanidade, na perspectiva da comensalidade, evidenciando que a forma como nos alimentamos reflete a nossa relação direta com a criação de Deus.

Cada vez mais tenho a plena convicção de que um estudo sério e profundo das Escrituras Sagradas deve ser realizado com profundo temor e tremor, tanto quanto com humildade e senso crítico. Há os que se arrogam confessionais, porém reproduzem de forma mecânica, vazia e dogmática afirmações sobre as quais não refletiram, não creem, não internalizam, não vivem. Confessionalidade nominal, desprovida de vida, deturpada pela vaidade racionalista, que busca domesticar a divindade.

Louvo a Deus pelo trabalho que tem sido desenvolvido em nosso Seminário. Nossa confessionalidade se expressa por meio da aproximação reverente do texto, de uma reflexão profunda, do questionamento acadêmico consciente e do despertar para uma convicção real, não decorada, não emulada, mas sincera, piedosa e multiplicadora.



ENTRE AS HISTÓRIAS DA BÍBLIA E A ESCRITA DA HISTÓRIA: UM ENSAIO SOBRE O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR ENTRE HISTÓRIA E TEOLOGIA

Rev. Dr. Junio Cesar Rodrigues Lima¹

RESUMO

Alguns historiadores contemporâneos possuem extrema dificuldade em tratar a Bíblia como um documento histórico. Parece-nos que tal dificuldade se deve ao fato de que muitos graduandos em História procuram desenvolver trabalhos acadêmicos tendo, como *elemento desencadeador*, a comprovação de pressupostos que se encontram no campo da fé e da abordagem teológica e, não necessariamente, da História. O objetivo desse *paper* é fomentar essa discussão e averiguar a possibilidade de diálogo interdisciplinar entre Teologia e História, a fim de que a leitura e interpretação dos textos bíblicos seja mais abrangente.

PALAVRAS-CHAVE: Documento Histórico; Área de Conhecimento; História; Teologia; Diálogo Interdisciplinar.

ABSTRACT

Some contemporary historians find it extremely difficult to treat the Bible as a historical document. It seems to us that this difficulty is due to the fact that many history undergraduates try to develop academic work based on proving presuppositions that are found in the field of faith and theological approach, and not necessarily in history. The aim of this paper is to encourage this discussion and investigate the possibility of

¹ Autor do livro Flávio Josefo: o paradigma de circularidade cultural entre as comunidades judaicas e a sociedade romana na Urbs do século I d.C., pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade - UERJ desde 2008, fazendo parte da linha de pesquisa CNPq Discurso, Narrativa e Representação. Possui doutorado e mestrado pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com área de concentração em História Política e linha de pesquisa Política e Cultura. Sua tese de doutorado versou sobre o tema Cesareia Marítima: uma análise sociocultural do plano urbanístico de Herodes Magno no século I d.C. Nela ele desenvolveu os conceitos de Identidade Interseccional, Ponto de Referência Mnemônica, Discurso Urbano Materializado e Etnocidade. Professor de História do Pensamento Cristão, Didática, Prática do Ensino, Andragogia, Educação Cristã, Metodologia Científica e Prática da Pregação do Seminário Teológico Presbiteriano Ver. Ashbel Green Simonton. E-mail: revjuniocesar@gmail.com

interdisciplinary dialog between Theology and History, so that the reading and interpretation of biblical texts can be more comprehensive.

KEYWORDS: Historical Document; Area of Knowledge; History; Theology; Interdisciplinary Dialogue.

A Bíblia se trata de um documento histórico? Muitas vezes, o pano de fundo ou contexto sociocultural que acompanha essa pergunta está impregnado de pressupostos que tem mais a ver com o senso comum que com a pesquisa científica. Geralmente quem faz essa indagação simplesmente quer saber se todos os fatos registrados na Bíblia podem ser comprovados historicamente ou encontram guarida no tempo e no espaço; como se disso dependesse o fortalecimento da fé. No entanto, muitos cristãos esquecem que a fé religiosa não precisa ser comprovada e nem deve, porque no instante em que isso acontecer, ela perde a sua identidade para aquilo que pode ser visto, certificado e transitará no terreno do que é concreto e palpável, perdendo assim a sua essência.

Qualquer historiador que se preze jamais encontrará uma comprovação científica para teofanias, animismos, jumentas falando, mar se abrindo, gente andando sobre as águas, nem mesmo para a ressurreição de alguém depois de três dias de morto. Isso não quer dizer que, enquanto sujeito, um historiador não possa acreditar em todas essas coisas. Mas, todas elas permanecerão no âmbito da fé e no campo da Teologia.

A História, enquanto Ciência Humana, trabalha com outros parâmetros e se propõe a outro tipo de abordagem. No entanto, isso nunca a impedirá de dialogar com a Teologia, pois, como disse o historiador Ciro Flamarion, a História precisa dialogar com outras áreas de conhecimento a fim de cumprir seus objetivos, mantendo “[...] o contato e o debate permanentes com outras ciências sociais, incluindo a importação de problemáticas, métodos e técnicas de tais ciências [...]” (CARDOSO, 2007, pp. 42-43).

Logo, o diálogo com a Teologia pode ajudar o historiador em seu trabalho; principalmente porque o seu objeto de pesquisa, ou seja, o indivíduo, a sociedade, a cultura, a política e o *político*, o espaço organizado, aquilo que é simbólico e representativo, as narrativas e os discursos possuem uma relação estreita com a cosmogonia e a cosmologia expressas em uma cosmovisão teológica, como acontece nas sociedades que produziram os textos bíblicos. Olhar para o indivíduo (em nosso caso, tanto os personagens quanto os autores bíblicos) significa entrar em contato com uma *memória discursiva*, com sua formação política e sociocultural que, por sua vez, é múltipla e atemporal, ainda que ele não tenha plena consciência disso. Entretanto, ainda

hoje, alguns historiadores têm extrema dificuldade para adotar a Bíblia como documento histórico.

Aliás, é preciso entender aqui que, apesar do cristianismo ter códices bíblicos variados desde a Antiguidade, todos os escritos considerados canônicos sempre se tratou de livros independentes que, por isso, possuíam *condições de produção, sujeitos locutores e interlocutores*, recorte historiográfico e *objetividade* diferentes. Não havia a necessidade de realizar qualquer tipo de harmonização entre esses escritos. A linearidade histórica que o cristianismo ocidental conhece e, às vezes inconscientemente adota como fato histórico, foi construída por Eusébio de Cesareia (séculos III e IV d.C.) em sua obra “História Eclesiástica”, onde ele mesmo declarou quais eram os objetivos de sua produção literária.

Registrar as sucessões dos santos apóstolos e os tempos transcorridos desde o surgimento de nosso Salvador até nós; enumerar a magnitude dos feitos registrados pela história eclesiástica e os que nela se sobressaíram no governo e presidência das igrejas mais ilustres, assim como quantidade daqueles que em cada geração, de viva voz ou por escrito, foram os embaixadores da palavra de Deus; consignar quantos, quais e quando, absorvidos pelo erro e levando ao extremo suas fantasias, proclamaram publicamente a si mesmos introdutores de um mal chamado saber e devastaram sem piedade, como lobos cruéis, o rebanho de Cristo; apresentar as desventuras que se abateram sobre toda a nação judia depois que concluíram sua conspiração contra nosso Salvador, assim como também o número, o caráter e o tempo dos ataques dos pagãos contra a divina doutrina, e a grandeza de quantos por ela, segundo a ocasião, enfrentaram o combate em sangrenta tortura; relatar os martírios de nosso próprio tempo e a proteção benévola e propícia de nosso Salvador. Ao empreender a obra não tomarei outro ponto de partida que o princípio dos desígnios de nosso Salvador e Senhor Jesus, o Cristo de Deus (EUSÉBIO, HISTÓRIA ECLESIASTICA, LIVRO I.I II).

Para tanto nós, depois de reunir o que achamos de aproveitável para nosso tema daquilo que estes autores mencionam aqui e ali, e colhendo, como de um prado espiritual, as frases oportunas dos velhos autores, tentaremos dar corpo a uma trama histórica e estaremos satisfeitos por poder preservar do esquecimento as sucessões, se não de todos os apóstolos de nosso Salvador, ao menos dos mais importantes nas Igrejas mais ilustres que ainda hoje são lembradas (EUSÉBIO, HISTÓRIA ECLESIASTICA, LIVRO I.IV).

E começarei, como disse, pelas disposições e a teologia de Cristo, que em elevação e grandeza excedem ao homem. Já que, efetivamente, quem se disponha a escrever as origens da história eclesiástica deve necessariamente começar por remontar se à primeira disposição de Cristo mesmo pois foi d'Ele mesmo que tivemos a honra de receber o nome mais divina do que possa aparecer ao vulgo (EUSÉBIO, HISTÓRIA ECLESIASTICA, LIVRO I.VII VIII).

Entretanto, não se pode confundir a História Eclesiástica com a História da Igreja. A primeira possui um compromisso com a Teologia Cristã e a *confessionalidade*. A segunda se propõe a fazer uma abordagem mais científica dos temas que emergem da

história da igreja cristã, em suas mais variadas formas de expressão cultural, social, política, econômica e tantas outras manifestações.

A Bíblia, como nós a conhecemos, nasceu em 1455, quando Gutenberg fez a primeira publicação dela, após a invenção da imprensa. O historiador francês Roger Chartier se dedica ao estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; bem como, a história dos livros e de todos os objetos que contém a comunicação do escrito; além disso, ele também analisa as práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo usos e significações diferenciadas (CHARTIER, 1991, p.178). Em sua obra “O Mundo Como Representação”, ele afirma que a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: é pôr em jogo o corpo; é inscrição num espaço; relação consigo e com o outro. Por isso, segundo ele, não há texto fora do suporte que lhe permita ser lido (ou ouvido); não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor. Chartier distingue dois conjuntos de dispositivos e os caracteriza como indispensáveis: aqueles que provêm das estratégias de escrita e das intenções do autor; e os que resultam de uma decisão do editor ou de uma exigência da oficina de impressão. “Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que outros transformam em objetos impressos” (CHARTIER, 1991, p.182).

Logo, é preciso dizer que cada texto bíblico possui um recorte historiográfico específico que não pode ser desprezado durante uma abordagem histórica, sob pena de comprometimento da leitura e da interpretação dos fatos e das narrativas que emergem das narrativas. “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder [...]” (LE GOFF, 1990).

Não há como desvendar as *condições de produção* dos textos bíblicos, sem que o analista, seja ele, linguista, historiador ou teólogo coloque esses discursos em contato com a sua exterioridade, seus co-textos e contextos.

[...] Os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística. Em consequência, não se trabalha, como na Linguística, com a língua fechada nela mesma, mas com o discurso, que é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto. Nem se trabalha, por outro lado, com a história e a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas significam (ORLANDI, 2003, p. 16).

Isso então quer dizer que a Bíblia pode ser considerado um documento histórico? Essa mesma pergunta foi externada por um aluno em uma das aulas de História Antiga durante a minha graduação. A professora prontamente disse que não. A resistência dela ao admitir a Bíblia como documento estava mais pautada no preconceito ou no senso comum que em uma discussão que foi vencida no início do século XX, momento em que os historiadores da Escola dos Annales na França, negaram uma história positivista, contada apenas de cima para baixo e pautada em documentos escritos oficiais, para aderir a uma história problema, a variação dos tipos de documentos e a relativização das fontes oficiais.

Foi nesse período que Marc Bloch declarou que “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele” (BLOCH apud Le GOFF, 1990, p.89).

Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documento, especializado para esse uso [...] que historiador das religiões se contentaria em consultar os tratados de teologia ou as recolhas de hinos? Ele sabe bem que sobre as crenças e as sensibilidades mortas, as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliários das tumbas, têm pelo menos tanto para lhe dizer quanto muitos escritos (BLOCH apud LE GOFF, 1990).

Lucien Febvre também afirmava que:

A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem [...] faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas; com formas de campo e com más ervas; com eclipses da lua e arreios com peritagens de pedras, feitas por geólogos e análises de espadas de metal, feitas por químicos. Em suma, com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significativa a sua presença, atividade, gostos e maneiras de ser (FEBVRE apud Le GOFF, 1990, p.89).

Logo, se para o historiador contemporâneo documento é tudo o que o homem produz, por que tanta discussão sobre a utilização da Bíblia como documento histórico? Por que alguns historiadores têm tanta dificuldade até para citar a Bíblia em suas referências bibliográficas? Acredito que tal controvérsia resida no fato de que muitos graduandos cristãos confundem uma abordagem teológica da Bíblia com uma produção historiográfica que faça uso dela como documento.

É claro que, como disse Edward Carr, a história se trata de uma série de julgamentos aceitos. No entanto, essa máxima entre os historiadores não pode ser utilizada para minimizar a análise crítica da Bíblia enquanto documento histórico. O

status de um fato como fato histórico depende de interpretação. Os fatos falam apenas quando o historiador os aborda. É ele quem decide quais os fatos que vêm à cena e em que ordem ou contexto. O historiador tem a dupla tarefa de descobrir os poucos fatos importantes e transformá-los em fatos da história e de descartar os muitos fatos insignificantes como não históricos. Os fatos mesmos se encontrados nos documentos, ou não, precisam ser processados pelo historiador antes que se possa fazer qualquer uso deles.

A Bíblia pode ser considerada como um documento histórico. Mas lembre-se de que os autores não estavam preocupados em construir narrativas históricas no sentido moderno e contemporâneo; nem mesmo os cronistas palacianos. Assim, um historiador deve tratar a Bíblia como qualquer outro documento histórico e buscar os indícios dos contextos sociais, políticos, culturais, econômicos e tantas outras circunstâncias que funcionaram como *condições de produção* para cada discurso bíblico.

Ao exercer o seu ofício, um historiador não se limitaria aos textos canônicos. Jamais trabalharia com o conceito de *livros apócrifos*. Para ele, não há harmonizações, revelação progressiva, intervenção divina, Palavra de Deus, inspiração etc. Esse tipo de abordagem pertence ao campo da Teologia. E não há problema nenhum com a escolha desse modelo de análise, simplesmente deve-se admitir que se trata de uma abordagem teológica, ou seja, uma área de conhecimento científico que, às vezes até dialoga com a História como no caso do surgimento da Teologia Histórica, mas que se difere do modelo de abordagem científica de um historiador. Caso contrário, críticas como a do professor Ciro Flamarion (e com toda razão), continuarão a acontecer.

Os livros bíblicos, na maioria dos casos, pelo menos no contexto da civilização ocidental (e até mesmo naquele do Islã), não são tratados do mesmo modo que as outras fontes antigas disponíveis. E se isso é assim no tocante às tentativas de reconstruir as origens de Israel, os estragos possíveis à seriedade dos debates serão ainda maiores quando se tratar de assuntos propriamente religiosos [...]. [...] como é atestado pelo horror que sentem muitos orientadores de monografias ou dissertações – entre os quais me incluo – quando aparece algum cristão marcadamente religioso que, sendo aluno de História, decida escolher (como costuma acontecer, infelizmente) assuntos bíblicos para seu trabalho de fim de curso ou sua dissertação de mestrado (CARDOSO, 2005, p. 218).

O trabalho principal do historiador não é registrar, mas avaliar. Os fatos da história nunca chegam a nós puros. Eles são sempre refratados através da mente do registrador, disse Edward Carr. Logo, o que historiadores, geógrafos, antropólogos, sociólogos, linguistas e analistas de discursos buscariam na bíblia? Provavelmente, uma leitura

política, social, cultural, geográfica, antropológica, linguística, literária ou tantas outras abordagens que proporcionam uma leitura sócio-histórica mais abrangente. E isso sem desconsiderar a cosmovisão, a cosmogonia e a cosmologia da sociedade que produziu e recebeu cada um desses escritos.

Devido ao diálogo interdisciplinar, os limites entre política, cultura e sociedade estão cada vez mais difíceis de definir. Investigar a organização social das comunidades culturais que emergem dos textos bíblicos, as vinculações dessas comunidades com outros centros de poder, bem como, a economia doméstica, as relações de parentesco, conceitos de direito comum e diversas ações e funções no âmbito doméstico contribui, por exemplo, para a uma abordagem mais completa das relações políticas estabelecidas entre judeus, *judeanos* e não-judeus, em diversos recortes historiográficos.

Resta-nos então a seguinte pergunta: o que um teólogo buscaria na Bíblia? Certamente, algumas circunstâncias similares, mas, fundamentalmente, a utilização da História para obter a compreensão, comprovação ou a formação de uma verdade bíblico-teológica confessional que defina os princípios morais, estabeleça os padrões éticos, contribua para o exercício da espiritualidade, bem como, para o desenvolvimento do cristianismo na sociedade, a partir da transformação do indivíduo. E esse não é e nunca será o objetivo da História.

No entanto, como bons teólogos, em vez de pensarmos nas contradições disciplinares, deveríamos trabalhar para que exista uma abordagem teológica mais abrangente, a partir do diálogo interdisciplinar, entre as mais variadas áreas de conhecimento que compõem as Ciências Humanas e as Ciências Sociais, sem prejuízo para fé e a *confessionalidade*. Pois, para um bom teólogo, a Filosofia, História, Geografia, a Sociologia e a Antropologia sempre estarão a serviço da Teologia, ou seja, serão utilizadas para que o ser humano compreenda o fim principal de sua existência. “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” (ROMANOS, CAPÍTULO XI, v. 36).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da Supermodernidade. São Paulo: Papirus. 2007.

- _____. O sentido dos outros: atualidade da antropologia. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. Por uma antropologia dos mundos contemporâneos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BLOCH, Marc. Apología de la historia: o el ofício del historiador. México: Fondo de Cultura Economica, 2001.
- CARDOSO, C. F. S. Narrativa, sentido, história. São Paulo: Papyrus, 1997.
- CARDOSO, C. F. S. Uma introdução à história. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Um historiador fala de teoria e metodologia, Ensaios. Bauru, SP: Edusp, 2005.
- CARR, Edward Hallet. O que é história? São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. A história cultural – entre práticas e representações. Alges: DIFEL, 2002.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>. Acessado em 3 de março de 2011.
- DELGADO-VELASCO, Argimiro. Introducción in: CESAREA, Eusébio de. Historia Eclesiástica. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica. São Paulo: Editora Novo Século, 1999.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.
- ORLANDI, Eni. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Fontes, 2003.
- RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- ROSANVALLON, Pierre. Por uma história do político. São Paulo: Alameda, 2010.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.
- _____; CORRÊA, Roberto Lobato. Economia, cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- _____; CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e cultura: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.
- SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.



A FÉ E O TRABALHO: COMO A VISÃO CRISTÃ MODIFICOU O MUNDO

Esp. Patricia Da Costa Fontenele Bean¹

RESUMO

O presente artigo possui o intuito de demonstrar como a fé cristã advinda dos ensinamentos de Jesus Cristo influenciou a sociedade de modo que possamos visualizar uma divisão bem delineada nos segmentos sociais, econômicos e culturais ao longo dos anos. A fé influenciou as relações de trabalho nas suas mais básicas expressões, não apenas financeiras, mas acima de tudo comportamentais dentro da cosmovisão de uma sociedade. Veremos uma linha crescente dentro da história humana, com variações em tempo e espaço.

PALAVRAS-CHAVES: Fé; Trabalho; Protestantismo; Reforma; Renascentismo; Iluminismo; Teoria do Desconstrutivismo.

ABSTRACT

The purpose of this article is to show how the Christian faith, derived from the teachings of Jesus Christ, has influenced society in such a way that we can visualize a well-defined division in social, economic and cultural segments over the years. Faith has influenced labor relations in their most basic expressions, not just financially, but above all behaviorally within a society's worldview. We will see a growing line within human history, with variations in time and space.

KEYWORDS: Faith; Work; Protestantism; Reformation; Renaissance; Illuminism; Deconstructivist Theory.

INTRODUÇÃO

O artigo se propõe a estabelecer uma correlação entre fé e trabalho. Ressaltando a condição divina do labor desde o início da humanidade. Dentro de um panorama social e econômico

¹ A autora é Bacharel em Direito, formada pela Faculdade Cândido Mendes (RJ); Pós-Graduada em Estudos Bíblicos no Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton, com área de concentração na disciplina de Exegese das Cartas paulinas. Membro da Igreja Batista Reformada de Nova Friburgo (RJ).

iremos abordar o Antigo Testamento através de Moisés e os Dez mandamentos dados por Deus; o Novo Testamento com a concretização das boas novas trazidas por Jesus Cristo; a adoção do Cristianismo como religião do Império Romano; a Idade Média que abarca o modelo de servidão; Lutero com o rompimento da metodologia eclesiástica; O Iluminismo; a idade moderna; pós-moderna e por fim a teoria do desconstrutivismo.

1.0 UMA VISÃO GERAL DO TRABALHO

De acordo com o dicionário de Filosofia² a palavra “trabalho” deriva do latim “labor”, sendo definido como a atividade cujo fim é utilizar as coisas naturais ou modificar o ambiente e satisfazer as necessidades humanas.

O homem depende da natureza, pois somente extraindo dessa fonte poderá atender suas necessidades e seus interesses, sendo o agente ativo na elaboração ou utilização dos recursos naturais, no qual exerce força em diferentes graus de esforço (físico e intelectual). Podemos assim afirmar que ao homem foi conferido por Deus um dom de utilizar os recursos naturais disponíveis para uso em benefício próprio.

O homem foi feito a imagem e semelhança de Deus, nosso Criador. Dele herdamos o intuito de fazer, de construir, de modelar, de mudar algo de uma situação para outra. Deus como “arquiteto” do mundo construiu do vazio todo o nosso mundo. Gênesis 1: 1-2 “¹ No princípio criou Deus o céu e a terra.² E a terra era sem forma e vazia.”

Ao homem foi conferido o trabalho de nomear os animais do mundo formando uma organização para definição de cada espécie. E além dessa atribuição certamente o homem para se alimentar coletava frutas, água, mantimentos, o que também pode se definir como trabalho. Desde a criação o homem foi colocado numa posição acima das demais criaturas.

Gênesis pode ser considerado o primeiro evangelho do trabalho, pois mostra de fato o que consiste o trabalho humano, qual seja, imitar Deus, porque traz para si este singular elemento de semelhança com o Criador. O trabalho humano é uma forma de participação na obra de Deus, por tal razão o desempenho de suas atividades deve ser considerado como um prolongamento da obra do Criador, sendo uma contribuição pessoal para a realização do plano providencial de Deus na história. Quando o homem trabalha não está apenas transformando as coisas materiais e a sociedade, mas realiza-se em si mesmo, superando-se.

² Trabalho. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Martin Fontes, 2007. p. 1147 – 1149.

Gênesis 3:17-19 “E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. **No suor do teu rosto comerás o teu pão**, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.” (grifo nosso)

Todavia, dentro da literatura falada e escrita o ato de trabalhar, ganhou uma forma romantizada, pois lhe foi imputado pejorativamente um caráter penoso. Certamente em decorrência da queda de Adão e Eva. O trabalho foi associado à ideia de castigo, uma maldição divina, oriunda do pecado original. O trabalho foi visto por séculos como algo ruim, pesaroso, dispare de sua função divina conferida por Deus, apenas a repreensão foi exaltada e não mais as benesses do trabalho.

O trabalho apresenta as seguintes características: envolve o uso de energia; trata-se de uma ação transformadora sobre o objeto trabalhado; está intimamente ligado a uma necessidade pessoal e/ou social; é um elemento de aperfeiçoamento do objeto sob o qual a energia despendida será exercida, gerando um progresso³ sociedade-esforço-perseverança.

Ao homem foi conferido o poder de ir além da matéria, estabelecendo conexões e visualizando o invisível, que podemos dizer que se trata do puro exercício da fé. O homem consegue desenvolver seus pensamentos, emoções e ações. Isso transcende sua ação mecânica.

O pensamento e o conhecimento do homem, apesar de serem extraídos de seu cérebro, são, todavia, em sua essência uma atividade inteiramente espiritual, pois transcendem aquilo que ele pode ver e tocar (Hermisten **apud** BAVINCK, 2001, p.18).

Mas como podemos perceber, o homem foi desenvolvendo suas habilidades não só físicas, mas também intelectuais, de modo que houve um dado momento a conduta impositiva de um homem mais forte sobre outro ou outros mais fracos. E o homem se submeteu a outro homem, a voz de comando mais ativa poderia ser de ordem patriarcal ou por supremacia.

A escravidão era a forma mais peculiar de trabalho forçado. Quando uma nação, normalmente por motivos de guerra, subjugava a nação conquistada o povo se tornava escravo do conquistador; outro modo de escravização ocorria quando houvesse a impossibilidade de pagamento de uma dívida, o devedor se tornava servo de cobrador.

³ Costa, Hermisten M. P. da. O trabalho como exercício criativo e alegre da vocação de Deus - Fundamentos e implicações: uma aproximação Reformada.

Infelizmente ao longo dos séculos houve um abuso de poder onde a crueldade passou a ser empregada, culminando na escravidão sob imposição do medo, da crueldade, do desrespeito ao outro homem, tornando essa prática de trabalho repulsiva e desumana.

Dando um salto na história podemos verificar que a condição de trabalho escravo passou a outro patamar. O trabalho escravo ainda existia no mundo, mas com na Idade Média, surge uma nova classe social, que também era subjugada, formada por pequenos proprietários que venderam suas terras para quem tinha mais recursos e se tornaram servos. A prática disseminou-se na Europa e tornou-se a forma predominante de organização do trabalho agrário na época, os feudos.

Diante das relações de trabalho formava-se uma sociedade em forma de hierarquia. E em contraposição ao trabalho físico houve uma supervalorização do trabalho intelectual, sendo este visto como uma atividade contemplativa do ócio e muito mais digna, pois somente aos nobres; fortes; reis; superiores; era possível seu exercício.

Somente com o advento da Revolução Industrial, com base no êxodo rural, essa forma de trabalho servil foi sendo banida, dando início ao proletariado.

A Revolução indústria significou uma profunda transformação na economia e na sociedade do século XVIII, caracterizada pela passagem da manufatura para a industrialização mecânica, surgindo o trabalho assalariado. Temos a burguesia e o proletariado como antagonistas da era capitalista.

Podemos dizer que muitas das relações de trabalho não foram expostas, mas o intuito do artigo é apenas apresentar um panorama desta trajetória.

2 FÉ COMO FATOR REVOLUCIONÁRIO DO TRABALHO.

A fé é um sentimento inerente ao ser humano. Deus ao criar o homem o fez a sua imagem e semelhança, de modo que fomos feitos de modo diverso dos demais seres vivos, temos em nossa composição atributos que geram em nós a crença, advinda do raciocínio que nos conduz a acreditar em algo sem mesmo que o vejamos, toquemos ou comamos, apenas acreditando em sua existência física ou não.

A fé, como descrito nas Escrituras Sagradas: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem.” (Hebreus 11:1)

A fé é exercida na qualidade de fator gerador de melhoria, pois podemos ser humanos melhores através de nossas ações para com outro ser humano, pensando no bem-estar coletivo e até mesmo individual, fazendo com que o homem viva em comunidade.

Exercemos a fé no ato de criação sobre uma matéria para transformação desta em outra. A curiosidade foi aguçada e novas criações surgiram, desde a roda até o ônibus espacial. Sendo a Fé o combustível primordial para que o trabalho saia da sua forma mais primitiva para um avanço tecnológico.

Todavia, não queremos abordar a fé como apenas um sentimento de força motriz para os avanços da humanidade. Nesse trabalho queremos destacar a FÉ cristã. A fé baseada nos ensinamentos de Cristo como o sentimento de GRAÇA que brota do coração daqueles que creem que Deus deu seu único Filho para que todos aqueles que nele crerem não pereçam, mas tenham a vida eterna.

Estamos falando da fé redentora, da fé dita por muitas por louca, a fé que faz com que um homem mude seu comportamento vil, que freie sua natureza pecaminosa para agir de acordo com os ensinamentos de seu Salvador. E por reconhecimento dessa benesse passamos a agir de modo amável, pois aprendemos que devemos amar o próximo como a nós mesmo, buscando fazer isso por obediência e reconhecimento da nossa salvação por amor a Deus, que desde o princípio do mundo nos amou primeiro, tanto que realizou uma obra redentora para nosso resgate e para que mudemos nosso comportamento.

E será sob este aspecto de mudança de comportamento que este artigo pretende se desenrolar, demonstrando que ao longo dos anos o homem entendeu que pela fé em Cristo seu comportamento deveria ser mudado e isso atinge o seu trabalho.

Pela fé o trabalho do homem deve ser amoroso. Seria um adjetivo talvez romântico, mas foi usada por Jesus. Foi amor! Creio que definir o trabalho exercido pelo homem de forma cristã, só deve ser definido com o trabalho feito com amor. Amor a Jesus, amor a Deus, amor ao próximo, amor a si mesmo, amor à criação como um todo.

Para glorificarmos a Deus temos que exercer o trabalho executando-o de forma legítima, usando os recursos que Deus nos confiou para dominar a terra, cumprindo nosso propósito da criação.

No Catecismo de Westminster (1648), que é utilizado por muitas Igrejas Protestantes⁴ como um padrão doutrinário, em sua abertura temos a pergunta primordial: “- Qual é o grande

⁴ Timothy Keller foi perspicaz no texto de introdução do livro Catecismo Nova Cidade, Editora Fiel, 2017, p.7.

objetivo do homem? Resposta – O grande objetivo do homem é glorificar a Deus e gozar dele para sempre.” O trabalho é deve ser realizado como uma forma de glorificar a Deus.

3 FÉ E TRABALHO

Iremos fazer um corte cirúrgico na linha de tempo acima descrita para que possamos analisar como a fé influenciou tais relações de trabalho, iniciaremos no período de Moisés, nos anos de Ministério de Jesus Cristo, na constituição da Igreja Católica Romana, no Protestantismo, no Iluminismo, no Modernismo, no Pós-modernismo e por fim na atualidade.

3.1 No tempo de Moisés

Moisés era levita, as tribos eram comandadas pelo chefe da família (patriarca) que acumulavam a função de sacerdotes, juízes e chefe militar. Tendo nascido em uma época em que os hebreus eram mantidos escravos no Egito, praticavam a agricultura; pastoreio; artesanato e comércio. Moisés foi elevado a líder do povo de Deus, tendo recebido os Dez mandamentos para a aplicação na vida do povo hebreu após a saída da escravidão e trajetória no deserto. Os dez mandamentos constituem o coração da Lei de Deus.

Deus não fez os dez mandamentos⁵ para uma só geração, mas para seu povo, para todo o Israel, a sua nação escolhida, que somos nós, por essa razão este artigo não poderia iniciar seu conteúdo sem abordar os Dez mandamentos, que são as leis de Deus, que são leis fundamentais até os dias atuais.

E daí surgir nova pergunta: As leis não foram dadas aos judeus? E nos que somos gentis devemos obedecê-la? Os judeus foram apenas os receptores da lei, aqueles que a receberam de Deus, mas nós fomos incluídos no plano da salvação por sermos participantes da aliança do Novo Testamento pelo qual adquirimos tal benção pelo sangue de Jesus Cristo, todos juntos somos o “o novo Israel” (RM 11.17)

Moisés não pensou em nós, mas Cristo sim. Jesus Cristo reafirmou os mandamentos dados a Moisés? Sim. Ao falar com o Jovem Rico, Jesus menciona os Dez mandamentos, como sendo uma indicação fundamental para a vida (Mt 19.18); No Sermão do monte Jesus ratifica e aumenta as exigências morais contidas nos dez mandamentos (Mt5.21ss) Jesus afirma que veio para cumprir a lei. Lei essa que o próprio Cristo diz que não se serve acrescentar nem retirar um “i” ou “til”, portanto os Dez mandamentos são válidos para todas as épocas.

⁵ REIFLER, Hans U. A ética dos Dez Mandamentos: um modelo de ética para os nossos dias. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 181 – 218.

Faz-se necessário darmos foco ao oitavo mandamento, pois é o que se aplica ao tema deste artigo. E sobre este iremos nos debruçar.

“Não furtarás” (Êxodo 20.15; Lv 19.11; Dt 5.19) (grifo nosso)

Esse mandamento traz um princípio moral no qual se protege a propriedade. Não furtar significa não possuir algo que não tenha sido obtido por meios legais e de forma honesta. Esse mandamento quer proteger o direito individual de adquirir e administrar sua propriedade, condenando a subtração desta condição.

Mas ao falarmos em furto, logo pensamos na subtração do bem, todavia, furtar vai além da ação de tomar posse. Quero me ater às acepções que envolvem o proceder omissivo, qual seja o ato no qual a pessoa furta de outrem o seu tempo, furta a sua benção, furta a palavra de Deus. Ao retirar o til e o i que trazem o real significado da Palavra de Deus o sujeito furta o direito do conhecimento divino.

Quando se desvia verba, adulteram produtos, medidas, regras comerciais, apropriação de gorjetas, merenda escolar, impostos destinados ao bem comum. Neste mundo envolvo a tanta corrupção o furto é visto como um pequeno “detalhe”, uma conduta aceitável socialmente se de pouca monta, mas isso é errado! Deus foi claro: - “Não furtarás;”.

O homem quando é preguiçoso ele está furtando, pois esse seu pecado certamente prejudica a alguém, sejam seus pais, sua família, seu empregador. Quando o servo é infiel ao seu senhor a vide é destruída com dito nas Escrituras Sagradas. Em várias passagens bíblicas temos exemplos dados onde o trabalho foi confiado ao homem é o mesmo por falha de caráter agiu com torpeza, preguiça, engano e muitos outros fatores que resultaram na perda da propriedade de outro.

Na passagem bíblica na qual Jesus cita que os talentos foram dados as pessoas e essas fizeram mal uso deles, Ele nos mostra claramente que Deus espera de nós que usemos o dom que Ele nos presenteou para agirmos conforme a habilidade concedida, mas muitos por preguiça não querem fazer uso dela, pois “DÁ TRABALHO”.

O trabalho pode ser abordado de muitos modos, mas o se que pretende aqui é dizer que ele representa a ação que Deus espera de você, de mim, de todo ser vivente, até mesmo dos não salvos. Não há no mundo um ser vivente que não tenha uma capacidade dada por Deus. Tudo tem alguma função, seja na cadeia alimentar, seja na função de ser objeto para algum propósito de Deus, tudo tem a sua razão de existir.

Jesus enfatiza que do coração procedem os maus desígnios. E a estes maus designios que fazem com que O HOMEM SE TORNE UM FURTADOR.

No aspecto laboral temos a afirmação em Salmos 128:21 “Do trabalho de tuas mãos comerás feliz serás, e tudo te irá bem”. O trabalhador deve agir com diligência e docilidade, sempre obedecer aos seus senhores, patrões. E do lado oposto à relação trabalhista os empregadores devem pagar salários justos e humanos, com rigor no pagamento e na pontualidade.

No Antigo Testamento o trabalho era valorizado e entre o povo de Deus, os judeus, havia a observância aos mandamentos de Deus. Moisés escreveu o Pentateuco que é composto pelos cinco primeiros livros do Antigo Testamento. A conduta moral, social e econômica era regida pelos ensinamentos contidos nestes livros e dentre estes estava o trabalho digno e correto.

Na perspectiva judaica o trabalho manual era altamente estimado, sendo respeitado como uma dádiva concedida por Deus aos homens. Portanto, o trabalho era considerado como uma obrigação religiosa.

Infelizmente com o passar dos anos surgiu uma dicotomia entre o sagrado e o profano. No Talmude⁶, vemos em uma das orações, a clara distorção entre o trabalho realizado como dádiva de Deus e o trabalho exercido com desvio da observância da lei judaica, voltado para extravagância, preguiça, futilidade, perdição.

Eu te agradeço Senhor, meu Deus porque me deste parte junto daqueles que se assentam na sinagoga, e não junto daqueles que se assentam pelas esquinas das ruas; pois eu me levanto cedo, eles também se levantam cedo; eu me levanto cedo para as palavras da lei, e eles, para as coisas fúteis. Eu me esforço, eles se esforçam: eu me esforço e recebo a recompensa, eles se esforçam e não recebem recompensa. Eu corro e eles correm: eu corro pra a vida do mundo futuro, e eles, para a fossa da perdição (Oração da Talmude)

Diante de sua natureza pecaminosa, o homem, mesmo diante dos mandamentos de Deus, se desvirtuou em seus caminhos. Vemos que sempre houve um desvio de conduta do homem, que buscava caminhar sem observar os preceitos do Criador, que podemos definir como um ato de rebeldia. O trabalho e a fé se distanciaram por vicissitudes humanas.

3.2 No tempo do Ministério de Jesus Cristo

No tempo descrito nas passagens bíblicas do período entre o nascimento e morte de Cristo temos outro panorama econômico e social, que envolvia o controle religioso pelos Judeus e o

⁶ Talmude, cujo nome significa ‘instrução’, consiste em uma coleção de leis rabínicas com seus comentários interpretativos a respeito das leis de Moisés, compilada entre os anos 100 e 500 da Era Cristã.

poderio do Império Romano. Era um mundo hostil, onde o povo estava sobrecarregado com a cobrança de impostos, e sempre houve a idealização de um salvador, de um messias que acabaria com a tirania de Roma, que libertasse o povo do julgo opressor. Essa era visão dos Judeus.

Havia artesões, comerciantes, escravos, médicos, pescadores, ou seja, uma gama de trabalhadores, todos exerciam suas profissões sob os olhares atentos do Império Romano que imputava ao povo o pagamento de impostos, portanto, o trabalho era incentivado como uma forma de gerar renda para que os cofres do império fossem abastecidos.

Jesus nasceu num lar cujo patriarca exercia a função de carpinteiro e se acredita que lhe foi transmitido o conhecimento desta arte. Seu lar era humilde. Na escolha de seus discípulos Jesus buscou, numa diversidade de ocupações, aqueles a quem iria ensinar os conhecimentos de Deus, eles também eram pessoas à margem da sociedade. Não houve em momento algum, a busca de trabalhadores que dispunham de alto conhecimento intelectual. Prevaleceu a simplicidade.

Aos poucos Jesus ia ensinando, não só aos seus discípulos, mas nas sinagogas, nos montes, nas casas e em todo tempo reafirmava os mandamentos dado a Moisés no monte Sinai. Em diversas ocasiões Jesus citou e explicou os mandamentos do decálogo.

O próprio Jesus afirma que assim como Deus Ele estava trabalhando, demonstrando que o trabalho é algo bom e louvável.

Com o advento do Ministério de Jesus Cristo, vemos uma revolução surgindo, pois o Messias revolucionário, esperado pelos Judeus não se enquadrava na pessoa de Jesus Cristo, homem simples, nascido em um lar humilde, acompanhado de pessoas também simples, era um contexto diverso do esperado pelo Judaísmo. O que foi disseminado por Cristo era o amor a Deus e ao próximo. Toda a obra redentora de Cristo foi feita com base no trabalho dado opor Deus a Jesus Cristo, cuja consumação se fez na Cruz. Não houve um ato heroíco e opositor ao poderio Romano.

Homens comuns, pela fé naquele a quem passaram a seguir, tiveram suas vidas modificadas inclusive no que tange ao aspecto da servidão, do trabalho rotineiro, na labuta diária. Servir ganhou nova roupagem, nova dimensão, o que era pequeno e sem beleza passou a ser visto como algo que significa dignidade e honradez. Ser útil era bom e os cristãos passaram a valorizar seus trabalhos, agindo com mais amor ao próximo. O cansaço não era mais visto como um castigo, mas uma constatação de que o labor produziu bons frutos, dignos de honrar a Deus.

O suor e a fadiga, destacado em Gênesis, representa a condição da humanidade, e isto proporciona ao cristão a possibilidade de participar no amor à obra que Cristo veio a realizar. Levando consigo a cruz de cada dia nas atividades que é chamado a realizar. Portanto, o cansaço vem como uma pequena parcela que deve carregar na obra redentora de Cristo.

Ser um bom trabalhador é um modo de honra e dar Gloria a Deus seguindo fielmente os mandamentos de Cristo. O que deve se ressaltado é que Jesus não ensinou uma correta conduta apenas ao menos favorecido na relação de trabalho, qual seja, o trabalhador, Ele também ensinava ao patrão uma conduta correta. O amor ao próximo era uma via de duas mãos e não apenas algo que se aplica apenas uma parcela da sociedade.

Deste modo, que a fé em Jesus Cristo revolucionou as relações de trabalho. Amar seu próximo como a si mesmo tem uma ampla extensão não apenas social, familiar, mas também econômica. Se eu amo meu servo, eu respeito seu trabalho, pago o devido salário correspondente ao serviço prestado e reconheço sua necessidade de descanso, busco melhorar sua condição de vida. Ao revés, se sou bom trabalhador procuro fazer o melhor trabalho possível para que o fruto do meu trabalho seja bom, que meu empregador prospere, agindo corretamente em relação ao tempo, ao material, ao convívio, a produtividade.

Jesus nos deixou uma grande lição ao dizer que não veio ao mundo para ser servido, mas para servir. Aos Apóstolos foi confiada a tarefa de espalhar as boas novas e divulgar os ensinamentos dados por Cristo. Encontramos no Didaquê⁷ no capítulo XII, o reflexo destes princípios:

1. Acolha todo aquele que vier em nome do Senhor. Depois, examine para conhecê-lo, pois você tem discernimento para distinguir a esquerda da direita.
2. Se o hóspede estiver de passagem, dê-lhe ajuda no que puder. Entretanto, ele não deve permanecer com você mais que dois ou três dias, se necessário.
3. Se quiser se estabelecer e tiver uma profissão, então que trabalhe para se sustentar.
4. Porém, se ele não tiver profissão, proceda de acordo com a prudência, para eu um cristão não viva ociosamente em seu meio.
5. Se ele não aceitar isso. Trata-se de um comerciante de Cristo. Tenha cuidado com essa gente!

Essa mudança de mentalidade está intimamente ligada ao exercício da fé. Vemos nos posicionamentos acima que o trabalho era necessário e deveria ser exercício por todos. Aqueles que se afastavam do trabalho, sem motivo, eram ditos como pessoas não confiáveis.

⁷ Didaquê – documento anônimo amplamente aceito. Por sua pretensão de ter sido redigido pelos apóstolos, dá-se o seu nome completo como: Didaquê: ensino do senhor através dos doze apóstolos.

A igreja primitiva formada pelos apóstolos se expandiu. Muitas Igrejas foram formadas em diversas cidades. A mensagem de Cristo era difundida e para identificar os seguidores de Cristo foi utilizada a palavra “cristãos”.

3.3 No tempo do Igreja Católica Apostólica Romana

Com a evolução da Era Cristã, vemos que a expansão do Cristianismo. A Igreja católica foi sendo construída durante séculos, mas podemos destacar como marco o ano de 380 D.C quando houve a adoção do Cristianismo como religião oficial do Império Romano.

Roma foi uma grande potência, tendo sido um império desbravador. Estradas foram construídas, aquedutos, literatura, relações comerciais. Mas algo que mais se destaca como legado da cultura romana foi o advento do Cristianismo como religião.

Muitos adotaram o Cristianismo como religião por uma questão de imposição do Império Romano e não por vontade própria, de modo que as práticas mundanas não foram alteradas, o comportamento dos novos cristãos não era condizente com os ensinamentos de Cristo. A usura, a fornicação, a lascívia, a cobiça, estiveram presentes no desenrolar da história da Igreja Católica. Não podemos dizer que todos os novos convertidos seguiam este comportamento, mas devido à adoção de culturas pagãs para satisfazer os desejos daqueles que adentraram para Igreja, muitos não tiveram uma mudança real.

Isto refletiu negativamente no trabalho, pois a banalização da vida cristã trouxe frouxidão no senso de honradez e utilidade do servo. A era Constantianiana trouxe o mundo para dentro da Igreja e não a Igreja para o mundo, tudo era aceitável, bastava que se confessasse cristão. Havia os cristãos fiéis aos ensinamentos de Cristo, mas estes se tornaram minoria, pois os demais não mudaram seus comportamentos apenas adotam o título religioso.

O brilho da honradez do trabalhado foi apagado, pela agregação de conceitos não cristãos. Formando uma verdadeira miscelânea, no qual o paganismo se misturava com o cristianismo.

A Igreja Católica cresceu exponencialmente na Idade Média, abriu muitas fronteiras e passou a ser possuidora de muitas terras e mantenedora de um grande e vasto poderio sobre os pobres e ricos. Seu domínio era quase absoluto.

Na Idade Média o trabalho era dividido entre importância social: oradores (eclesiásticos), defensores (guerreiros) e os trabalhadores (agricultores, camponeses que estavam nos feudos).

O clero ocupava o topo da hierarquia social. A Igreja católica se expandiu por toda Europa, mantenedora de muitas terras, agia com demasiada imposição de suas vontades, sob o argumento de ser a portadora da vontade divina.

A Igreja passou a adotar práticas de pressão psicológica para conduzir seus membros para a prática de ações que lhe trouxessem benefícios, pois caso não fossem cumpridas o cristão era tido como pecador, podendo sofrer represálias.

O resultado foram séculos de opressão sobre os trabalhadores, a servidão era novamente um fardo pesado e desleal, onde o trabalhador esperava que a penúria terrena fosse recompensada pela salvação de sua alma. Sob essa ótica, o trabalho era visto como um castigo legítimo diante dos pecados humanos, o que era absurdamente pregado pela Igreja.

3.3.1 Igreja Católica nos tempos atuais.

Abriremos um parêntese para termos uma visão atual sobre esse tema, sob a perspectiva a Igreja Católica, buscando com fonte atual a Carta Encíclica *Laborem exercens*. Nesta carta o Pontífice inicia sua fala demarcando duas realidades dentro da sociedade moderna, apontando de um lado o Capitalismo e do outro o comunismo, que estiveram presente no século XX.

Dentro destes dois conceitos político e econômicos o Papa relata que o “sistema cristão” foi de suma importância para atender as necessidades humanas e sociais da época entre o início do Capitalismo e as revoluções socialistas, ressaltando que muitos embates surgiram em decorrência das tensões sociais resultantes de ambos os sistemas. Ressaltando que a Doutrina social católica foi um norteador que apontava para a divindade do trabalho, como um atributo dado por Deus aos homens.

Em seu discurso o Papa João Paulo II arroga a Igreja Católica o direito, o dever e a competência de ter apresentado uma via de solução intermediária entre concentração capitalista e a coletivização comunitária, com o objetivo de recolocar o homem no centro das preocupações que envolviam o processo produtivo.

A Igreja Católica se aclama como intermediadora entre o Terreno e o Espiritual, se pondo acima e além das tensões sociais, afirmando a impossibilidade de contestação de suas diretrizes, sob pena de contradição a ordem divina. Em sua fala, a Igreja Católica cabe à missão de interpretar a sociedade para encontrar a “gradual solução” para os problemas, que no presente caso, são aqueles referentes ao trabalho humano.

João Paulo II introduz uma distinção entre o trabalho objetivo (técnica do domínio sobre a matéria) e o trabalho subjetivo (o homem como sujeito ativo do trabalho), mas que são partes integrantes de um mesmo propósito dado por Deus ao homem.

Destaca que o “trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho”. Apontado que ao longo dos anos houve uma degradação do trabalho, em virtude do desarranjo da ordem social oriundos do materialismo liberal, no qual é nítida a separação entre capital e trabalho onde o lucro é a meta e o homem apenas como o vendedor do trabalho (fator de produção – gerador de lucro), perdendo-se o plano divino estabelecido originalmente.

Como fator de produção o homem passa a ter menos valor do que o trabalho humano, pois é mais precário que a máquina. Há uma desvalorização do homem.

Entretanto, o Pontífice João Paulo II encarou tais questões capitalistas (geração/lucro) como uma mera formalidade ética, pois afirmou que ao homem, mesmo diante do cenário capitalista cumprir a finalidade divina, qual seja: dominar a terra e produzir. Ele ignora a luta entre as classes da burguesia e do proletariado, apontando como gerador do conflito a “degradação universal do trabalho”. Ou seja, no discurso de João Paulo II na encíclica ele reafirma a doutrina tradicional, se pronunciando como única via para instaurar a justiça no mundo. O homem deve cumprir sua finalidade divina: trabalhar, mesmo sofrendo pressões sociais, mesmo diante das desvalorizações. O que se conclui que a Igreja católica historicamente sempre fechou seus olhos para as injustas da propriedade privada e o trabalho assalariado.

3.4 No tempo da Reforma Protestante

Retornando a linha temporal dentro do contexto de evolução da sociedade, temos o período intitulado como Reforma Protestante, movimento religioso que ocorreu no século XVI que rompeu o muro de sustentação da Igreja Católica. Os reformadores, em boa parte, defendiam a volta à Igreja Patrística, qual seja, a Igreja elaborada pelos primeiros Pais Apostólicos que consiste na elaboração doutrinal das verdades de fé do Cristianismo.

Com a queda da Igreja Católica, iniciada por Lutero, mas consolidada principalmente por Calvino, os princípios do Cristianismo foram resgatados. O amor aos ensinamentos de Cristo foi um dos pontos altos da Reforma Protestante.

Com a Reforma Protestante tivemos um recomeço uma nova busca pelo que Cristo havia determinado. Um retorno à Igreja elaborada pelos primeiros Pais Apostólicos, de modo que o homem comum podia se sentir novamente abençoado pela Palavra de Deus e não apenas julgado e condenado por ela. Era o fim das indulgências, condenações,

desapropriações em nome da Santa Igreja Romana. A era da Graça resplandece, o homem é grato a Deus por tudo e em agradecimento se torna útil novamente para Deus e para o mundo. O acesso à leitura facilitou esse crescimento.

O respeito ao trabalho pode ser comprovado com a não cobrança de indulgências ou qualquer outro encargo aos fiéis. Qualquer participação financeira se fazia por livre e espontânea vontade com ciência do cumprimento individual das Escrituras Sagradas.

O trabalhador era valorizado, não sofria assédio para que se pagasse por um “lugar no céu” ou para que não se fosse dito como pecador. O povo teve acesso à leitura e ao conhecimento das Escrituras Sagradas. O conhecimento trouxe o idealismo de agir de modo correto e digno. A alfabetização das massas trouxe novas profissões, novo desejo de crescimento. A reforma Protestante foi incentivadora do crescimento intelectual e social, o que refletiu na econômica. O trabalho era desempenhado com zelo e mais expertise.

Para o reformador Calvino o trabalho humano é uma vocação de Deus. Sendo algo digno, pois deve ser visto como providência divina na vida do homem. A privação do trabalho é um flagelo para alma humana, visto que somente atingiremos a plenitude se trabalharmos na fé e na obediência de Deus. Essa é a vocação humana.

O homem só pode ser considerado homem quando satisfaz suas necessidades, e desta forma se educa, não apenas na teoria, mas também na prática. O trabalho exige conhecimento e hábito na ocupação. O homem civilizado é educado no costume e na necessidade da ocupação. O trabalho deve ser considerado como uma prenda conferida por Deus, independentemente dos senhores terrenos, assim não importa o trabalho em si, mas o espírito com o qual ele é feito.

A dignidade é o fator primordial, devendo permear o comportamento humano no exercício em nossas ações. E dignidade deve ser entendida como uma ação voltada para glorificar a Deus, pois que a realizamos para o Senhor e pela capacitação dado pelo Senhor.

Belíssima oração⁸ de João Calvino que retrata seu posicionamento sobre o tema em apreço que demonstra o pensamento reformado:

“Nosso bom Deus, Pai e Salvador, uma vez que a Ti Te aprouve ordenar que trabalhemos para podermos atender à nossa pobreza, por Tua graça, de tal modo abençoa nosso trabalho que Tua bênção se estenda até nós, sem o que ninguém

⁸ João Calvino, 1509—1564, “Oração para antes do trabalho”, 1562. *Orações*. OPERA CALVINI, tomo VI, p. 137. **In:** Biéler, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. Trad. Luz, Waldyr Carvalho. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 513.

poderá prosperar no bem, e que tal favor nos sirva para testemunho de Tua bondade e assistência, por meio da qual reconhecamos o paternal cuidado que tens por nós. Ademais, Senhor, que Te apraza assistir-nos por Teu Santo Espírito, para que possamos exercer fielmente nosso dever e vocação sem qualquer dolo nem engano. Pelo contrário, que tenhamos antes o propósito de seguir tua ordenança que satisfazer o desejo de enriquecer-nos; que se, não obstante, a Ti Te apraz prosperar nosso trabalho, que também nos dês a disposição de proporcionar assistência àqueles que estão na pobreza, segundo os recursos que nos houveres dado, retendo-nos em toda humildade, a fim de que não nos elevemos acima daqueles que não hajam recebido tal abundância de tua generosidade. Ou, se nos queres tratar em maior pobreza e indigência do que desejaria nossa carne, que Te apraza conceder-nos a graça acrescentando fé em Tuas promessas, para fazer-nos seguros de que nos haverás de, por Tua bondade, prover-nos sempre o sustento, de sorte que não caiamos na descrença; antes, pelo contrário, esperemos pacientemente que nos acrescentes não somente de Tuas graças temporais, mas também de Tuas graças espirituais, para que tenhamos sempre mais amplo motivo e ocasião de render-Te graças e descansar inteiramente em Tua bondade somente. Ouve-nos, Pai de misericórdia, por Jesus Cristo, Teu Filho, nosso Senhor.”

Mas não podemos omitir que houve uma guerra travada entre a Igreja Católica e os Protestantes, uma guerra ideológica. Tais tensões marcaram a transição do feudalismo para a Idade Moderna.

3.5 No Tempo do Iluminismo – Idade Moderna

O conflito religioso entre a Igreja Católica e o Protestantismo trouxe como consequência um desgaste. Surge o Iluminismo como um movimento desbravador, voltado para o Homem como centro das atenções e rejeitando o divino como regulador das relações culturais, sócias e econômicas.

O Iluminismo, intitulado como era das “Luzes” numa referência a escuridão que o mundo havia estado durante Idade Média, na qual tudo e todos eram controlados pela Igreja Católica. Agora a “luz” da razão se fazia presente e o homem pensaria por si próprio.

O Iluminismo trouxe o humanismo ao mundo moderno. Tendo surgido como herança do movimento renascentista, retomando pensamentos greco-romanos de cultura ao ócio e valorização do trabalho intelectual, em desvalia ao trabalho braçal. Segundo o pensamento de Platão (427-347 a. C.) nascemos para comandar, não para servir.

Todavia, tal movimento se esqueceu de que nem todos estão no topo para desfrutar das benesses da burguesia e de que o homem é pecador por natureza e sua condição de miserabilidade o impede de progredir sem que suas mazelas o destruam, somente com a interferência divina podemos ter uma conduta digna e ter um padrão moral correto e eficaz. A razão não substitui a necessidade humana de ser remido de seus pecados. O homem sendo o seu próprio condutor o leva a graves falhas de conduta.

Num mundo onde o capitalismo avançava de forma descontrolada, quanto mais se afastava a concepção religiosa de trabalho mais se incentivava a prática de cruel do mercado

de trabalho, onde a exploração do labor é necessária para obtenção do lucro. Os trabalhadores se submetiam a baixos salários, diante da escassez de serviços, pois as máquinas substituíam o homem. O trabalho era um modo de exploração, de submissão da condição humana, se perdeu a visão de benefício divino para a condição de penúria.

O crescimento do mundo; a briga eclesiástica; o surgimento das máquinas e da produção em larga escala trouxeram a ganância e o homem trabalhador novamente se vê rebaixado, comprado, onde sua utilidade é diminuída pela simples substituição, não há mais valorização pessoal, cada qual é uma peça substituível num universo de milhões de peças a serem usadas e descartadas da mesma forma cruel.

Ressurge a escravidão com nova roupagem, a de um operário. Como falar de Cristo a tais operários no mundo moderno, já cansados de guerras, fomes, vícios e opressões, surge o movimento da Teologia da Prosperidade, onde o homem é enaltecido com poder para mudar o que ele quiser, basta se sacrificar doar, fazer, trocar com Deus e tudo lhe será concedido.

A era da Graça perde lugar para a era da Prosperidade onde é preciso fazer boas obras para obter a salvação. A compra ou troca era um padrão da sociedade. E a moeda de troca era a bondade em troca da salvação. O intuito é fazer para receber e ao contrário se eu não faço, não recebo. Os prósperos são vistos como bons e os pobres como pecadores, uma visão rasa e desprovida do conceito de Graça trazida por Cristo. A teologia da Prosperidade ao enfatizar a riqueza como prova da aproximação a Deus foi um modo cruel de novamente subjugar o povo, já que o trabalho é visto somente como uma fonte de renda para o sustento dos líderes.

A civilização teve suas raízes espirituais arrancadas por ideologias que buscavam substituir a fé cristã, mas que na verdade deixaram um vácuo que levou o mundo a toda sorte de demagogias religiosas, filosóficas e políticas. Tudo pela recusa de aceitar Deus como Senhor de nossas vidas e que pela Graça divina alcançamos a salvação e não por obras humanas.

O movimento Romantismo ressurgiu na era das Luzes. Segundo os preceitos do romantismo, Deus se confunde com a natureza e a natureza sendo a força vital do homem o molda, não havendo o porquê de se ater aos ensinamentos da Escritura Sagrada, pois Deus se manifesta em tudo e não num código de normas escritas por homens.

Adentrando na era do Modernismo as palavras: igualdade, fé na Inteligência humana e razão universal e pensamento otimista, eram as grandes bandeiras. O que não perdurou devido as grandes tensões do século XX: duas guerras mundiais, campos de concentração,

militarismo, ameaça nuclear etc. O otimismo não conseguiu se estabelecer diante de um cenário de extrema hostilidade.

Tudo levava ao afastamento da religião, o que trouxe desgraça e confusão e não “luzes” como propagava o Iluminismo. O caos foi iniciado.

3.6 Idade Pós-Moderna

Houve muitas teologias para reconectar Cristo e o novo mundo que surgia, mas não obtiveram grandes êxitos. Muitos outros movimentos que discutiam a grandeza do homem e o Poder de Deus e até mesmo se Cristo era apenas um mito ou uma história. A razão como a fator primordial mudou o mundo de maneira que o retorno à teologia clássica já não era mais possível.

E a agora estamos num mundo pós-moderno, cujo objetivo é o abandono de tudo, onde a diversidade impera. Tal movimento teve início na segunda metade do século XX, implantado o pensamento de demolição de todas as formas estáveis, dentre elas o Cristianismo.

Surge a teoria do desconstrutivismo que ameaça toda a verdade esculpida durante séculos de toda a existência da humanidade. E o trabalho e a fé passam por uma nova perspectiva, num mundo sem verdades, onde em nada se acredita e o que é pior, nada se teme, o homem perdeu o freio de seus atos e consequências. A vida se tornou desgovernada e poucos olham com fé a esperança do por vir e o trabalho é um desafio diário para se manter dentro de uma sociedade depravada.

Num mundo sem limites, sem planejamento racional, na busca de uma vida livre de contenções sociais, religiosas ou políticas. Diversos conflitos geraram um novo gênero filosófico que se revoltam com todo o percurso da história a partir do triunfo do Cristianismo e buscam remodelar a própria história com a inclusão de novos padrões.

A verdade é vista como plural, ou seja, elas são relativas e dependem do contexto social e cultural, não há contradição entre as verdades individuais, acredita-se que apenas ocorre uma complementação entre as mesmas. O que se aplica também na verdade religiosa, os conceitos cristãos se tornam relativos, a mensagem redentora de Jesus e todo seu ministério são vistos como uma mera história ocorrida, cuja leitura irá variar individualmente.

Outro fator que deve ser ressaltado na filosofia pós-moderna e o fato de que não há mais o conceito de neutralidade, pois não se considera plausível a realização de uma ação neutra, visto que o julgamento humano é encharcado das crenças e verdades de cada

indivíduo, de modo que não existe uma análise totalmente isenta, as informações buscadas seguem um padrão do buscador e isso corrompe o julgamento.

O cristianismo até mesmo reconhece a impossibilidade da neutralidade, porém sob outro prisma de que o homem se distanciou de Deus por seguir as paixões de seu coração pecaminoso e age segundo seus impulsos. Quando o correto era adotar a neutralidade da verdade contida em Cristo. Diferentemente do pensamento Pós-moderno, ressalta que existe somente uma verdade a ser seguida e que está é única e perfeita e que não procede do coração do homem, vem de Deus e por isso é a correta. E pela fé depositada no filho unigênito como Senhor e Salvador de nossas vidas, podemos ter restaurada a comunhão com o divino e assim o trabalho que desempenhamos é feito de modo digno e correto.

4.0 CONCLUSÃO ÉTICA

Diante de toda a panorâmica desenvolvida durante a concepção deste trabalho, apenas resta efetuar uma conclusão sob o aspecto ético das teorias que se desenvolveram nas gerações passadas e na atual geração.

Dentro da visão de sociedade, o mandamento divino do trabalho passou por diversas abordagens, mas sobre olhar cristão não podemos titubear quanto ao determinado por Deus ao homem como mandamento.

Temos a certeza de que algo não pode ser expresso pela vontade e determinação individual, pois se assim o fosse o certo é o que é certo para cada um de nós. Essa visão nos levaria ao anarquismo. E sobre essa visão, infelizmente atualmente se repousa a teoria do desconstrutivismo na qual tudo construído pode ser desfeito para que se alcance uma nova concepção com base nas ideias humanas. Contudo, não há entre aqueles que defendem tais posicionamentos um consenso do que se pode construir, apenas que se pode a tudo desconstruir.

Sempre houve na raça humana o medo do desconhecido, o medo da ira de Deus, o medo da punição. Este sentimento também está sendo desincentivado, o que torna o homem indestrutível aos seus olhos, mas que na verdade o leva ao caos. Insistir que não existem árbitros finais daquilo que é certo ou errado, nos leva ao fim da sociedade.

Para a religião cristã Jesus é a verdade (João 14:6), sendo a fonte da qual emana a verdade. Existe um norte a ser seguido, o homem tem um caminho correto a percorrer, e

ciente da verdade esboçada em Cristo, a humanidade segue um padrão linear, onde os valores podem ser partilhados, não há opiniões subjetivas.

A fé e o trabalho são mandamentos de Deus e devem agir conjuntamente na vida de um cristão. Nosso crescimento social está à beira de uma catástrofe, pois se nega o conhecimento do passado em detrimento de uma busca irreal de uma verdade subjetiva sem parâmetros, uma vez que se nega reconhecer a importância dos conhecimentos adquiridos por nossos ancestrais.

Hoje, o novo é idolatrado, mas o que é novo hoje, amanhã já não o será. E ficamos sem base para uma construção segura de uma sociedade sólida. A solidez se forma através de alicerces construídos, porém se concordarmos em modificar tudo não restará nada para nos apoiarmos e teremos inevitavelmente uma sociedade fraca, sem rumo, sem saber em que acreditar, sem um caminho a perseguir o homem sempre irá se perder no labirinto de seus pensamentos.

Jesus deixou claro que Ele é o caminho, a verdade e a vida e somente por Ele iremos alcançar a Deus. Não há outro modo de salvação, não há outro caminho a percorrer sem se perder. Muitos tentaram como vimos no transcórre deste artigo, mas todos falharam quando se afastaram de Deus. Fé e trabalho devem andar juntos na vida de um verdadeiro cristão!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Martin Fontes, 2007. p. 1147 – 1149
- BERTUCI, Heber R. A Hermenêutica na Pós-Modernidade Rio de Janeiro, 2021. Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton – Disciplina: Hermenêutica
- COSTA, Hermisten M. P. da. O trabalho como exercício criativo e alegre da vocação de Deus - Fundamentos e implicações: uma aproximação Reformada.
- GEISLER, Norman L. Ética cristã: alternativas e questões contemporâneas. Tradução: *Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 136-149*
- NASCIMENTO FILHO, Antônio José do. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Eclesiologia dos Reformadores. Rio de Janeiro: Edição Catedral, 2013.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Laborem exercens*. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. [Promulgada em 14 de setembro de 1981]. (Coleção A voz do Papa, n. 160).

REIFLER, Hans U. A ética dos Dez Mandamentos: um modelo de ética para os nossos dias.

São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 181 – 218

STANLEY J. GRENZ & ROGER E. OLSON. A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 15-25

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/a-sociedade-feudal.htm>.

<https://historiadamundo.com.br>; Acesso em: 20 de junho de 2022.

A ESCRAVIDÃO NO PERÍODO DO CRISTIANISMO PRIMITIVO À LUZ DA TEOLOGIA DE PAULO

Rev. Esp. Marcelo Uzeda de Faria¹

RESUMO

A análise do fenômeno da escravidão, mesmo que seja numa sociedade tão antiga e diferente como a romana, fornece subsídios para uma reflexão sobre as modalidades de exploração do trabalho vigentes no mundo contemporâneo e suas consequências econômicas, políticas e culturais. E, ao mesmo tempo, permite que se tente uma aproximação do contexto histórico da Igreja cristã, que nasceu num momento socioeconômico e cultural do império romano, onde a escravidão era parte da realidade da vida diária. Este artigo tem por objetivo investigar, analisar e compreender o contexto da escravidão na sociedade greco-romana no primeiro século da era cristã e o pensamento Paulino acerca dessa instituição, com um recorte na Carta a Filemon, a fim de constatar como sua teologia bíblica, pastoral e prática era, ao mesmo tempo, adaptada à realidade de sua época, mas contracultural, estabelecendo bases para uma superação pacífica daquele modelo de relação de trabalho baseada na exploração servil.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão Antiga; Sociedade Greco-romana; Novo Testamento; Teologia de Paulo.

ABSTRACT

The analysis of the phenomenon of slavery, even in a society as ancient and different as the Roman one, provides insights for reflecting on the modes of labor exploitation prevailing in the contemporary world and their economic, political, and cultural consequences. At the same time, it allows for an approximation of the historical context of the Christian Church, which emerged in a socioeconomic and cultural moment of the Roman Empire where slavery was a part of daily life. This article aims to investigate, analyze, and understand the context of slavery in Greco-Roman society in the first century of the Christian era and Paul's thoughts on this institution, focusing on the Letter to

¹ Bacharel em Teologia pelo STPS. Especialista em Altos Estudos de Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra (2020); Bacharel em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2004) e em Ciências Navais pela Escola Naval (1993). É Defensor Público Federal desde 2006 e professor de Direito Penal da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro.

Philemon. The goal is to determine how his biblical, pastoral, and practical theology was both adapted to the reality of his time and countercultural, establishing a foundation for a peaceful overcoming of that model of labor relations based on servile exploitation.

KEYWORDS: Ancient Slavery; Greco-Roman Society; New Testament; Pauline Theology.

INTRODUÇÃO

A odiosa prática da escravidão é um fenômeno que acompanha a humanidade desde os seus primórdios, perpassando toda a história e, infelizmente, chegando até os dias atuais. Sua origem talvez possa ser atribuída às primeiras guerras e conquistas territoriais, que tinham como uma de suas consequências a subjugação dos povos vencidos aos seus conquistadores, reduzindo-os ao trabalho forçado. Com o passar do tempo, diferentes fontes, como por exemplo, a cobrança de dívidas, o tráfico de pessoas e as condenações criminais, passaram a alimentar a escravidão e o próprio modelo de trabalho servil passou a ter variações de sociedade para sociedade.

De acordo com as Estimativas Globais da Escravidão Moderna², publicadas em 2017, em todo o mundo, cerca de 40,3 milhões de pessoas estavam submetidas à escravidão - sendo que uma em cada quatro vítimas era criança. No Brasil, só no ano de 2020, 936 pessoas foram resgatadas em condições análogas à de escravo³.

É necessário pontuar que a definição moderna de escravidão é muito distinta daquela que se aplica às sociedades escravistas clássicas do passado. Por essa razão, atualmente, sob o aspecto jurídico-legal, é preferível falar-se em “condições de trabalho análogas à escravidão”⁴.

Contudo, há um elo comum entre a antiguidade e a modernidade: em ambos os cenários, utiliza-se o termo escravidão como um instrumento de crítica social para evidenciar aspectos que cada época percebe como degradantes da condição humana.

A relevância da pesquisa evidencia-se pela necessidade de a igreja cristã apresentar uma resposta bíblica em face do problema da escravidão, que é uma realidade

² https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_575479/lang--en/index.htm

³ <https://www.ecodebate.com.br/2021/10/11/oit-divulga-dados-sobre-escravidao-contemporanea-no-brasil/>

⁴ Código Penal, Art. 149. Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto: Pena - reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência.

que está bem próxima da sociedade contemporânea. E é claro que essa resposta tem que ser peremptoriamente contrária à escravidão ou a qualquer outro tipo de exploração depreciativa do ser humano, o qual segundo a cosmovisão cristã, foi criado conforme a imagem de Deus.

A escolha do tema justifica-se porque, ao longo da história, tem-se levantado suspeitas sobre a postura da Igreja cristã acerca da escravidão. A delimitação da pesquisa cinge-se à escravidão no Novo Testamento, especialmente na Carta de Paulo a Filemom. O problema central diz respeito à alegação de que o ensino das epístolas Paulinas, incorreria em uma suposta condescendência em relação àquela prática no contexto da sociedade greco-romana no primeiro século.

No entanto, o fato é que não se pode fazer qualquer análise da escravidão no primeiro século desvinculada de uma abordagem da própria sociedade romana, ou seja, deve-se investigar a maneira como os grupos sociais se organizavam do ponto de vista político, econômico, cultural e ideológico e isso inclui também a comunidade de fiéis que compunha a Igreja Cristã.

Assim, este artigo tem por objetivo investigar, analisar e compreender o contexto da escravidão na sociedade greco-romana no primeiro século da era cristã e o pensamento Paulino acerca dessa instituição, com um recorte na Carta a Filemon, a fim de constatar como sua teologia bíblica, pastoral e prática era, ao mesmo tempo, adaptada à realidade de sua época, mas contracultural, estabelecendo bases para uma superação pacífica daquele modelo de relação de trabalho baseada na exploração servil.

1. PANORAMA DA ESCRAVIDÃO NA SOCIEDADE GRECO-ROMANA NO PRIMEIRO SÉCULO

O principal interesse do tema em estudo reside no fato de que a escravidão tem sido uma realidade constante na história, subsistindo até os dias atuais. Por isso, ao iniciar o estudo panorâmico acerca da escravidão antiga, o primeiro cuidado que se deve adotar é de não se confundir a definição moderna de escravidão com aquela que se aplica às civilizações clássicas do passado.

Brown (2012, p. 666) adverte que “a escravidão com a qual a maioria dos leitores de língua portuguesa está acostumada é aquela dos negros, na América, mas a situação romana era mais complicada”.

Não obstante, pesquisar sobre esse fenômeno, ainda que em contexto de uma “sociedade tão diferente e distante da nossa como aquela de Roma, é uma forma de refletir sobre as modalidades de exploração do trabalho vigentes no mundo contemporâneo e suas consequências econômicas, políticas e culturais” (JOLY, 2013, p.12).

1.1 A escravidão antiga

O primeiro passo e foco desse trabalho, portanto, é conceituar o que é a “escravidão antiga”. Há duas linhas interpretativas: a convencional e a sociológica.

A linha convencional toma como base o conceito romano de propriedade absoluta (*dominium*) e define “a escravidão como o tratamento de seres humanos e de sua descendência como propriedades (ou “bens móveis”) capazes de serem comprados e vendidos por donos particulares” (HARRILL, 2008, p. 507).

Na maioria dos estudos, a escravidão romana é apresentada sobretudo como uma relação econômica e o escravo é apresentado primordialmente como uma propriedade e, como tal, é permitida sua exploração econômica irrestrita pelo senhor e sua anulação como indivíduo. Em consequência, tem-se uma ideia restrita do fenômeno servil, prevalecendo a descrição do “estado” de escravo em vez da escravidão como um “processo”, que podia ter a liberdade como ponto de chegada. (JOLY, 2013)

Nessa toada, a expressão “escravidão de bens móveis” implica a ideia de propriedade absoluta de um ser humano como objeto tangível que pode ser comprado ou vendido e é importante para distinguir esse instituto jurídico de outras situações que envolvem outras formas de trabalho dependente, mas que não caracterizam escravidão. Todavia, essa concepção orientada pela lei romana pode gerar dificuldades de identificação da escravidão em função da falta de exatidão da documentação jurídica disponível para a investigação histórica.

Todavia, a linha de interpretação sociológica parece apresentar uma melhor solução, ao rejeitar a centralidade da posse e da propriedade. Ainda que não negue que os escravos fossem objetos de propriedade, essa abordagem reconhece a escravidão como uma espécie de *morte social*, conforme explica Harrill (2008, p. 507), “menos uma instituição estática de lei de propriedade e mais um processo dinâmico de dominação total, um tipo absoluto de domínio que nega ao escravo o acesso a relações autônomas fora da esfera de influência do patrão.”

Essa orientação propõe que a escravidão seja considerada um fenômeno inserido num quadro dinâmico de interações sociais que moldou o universo cultural tanto se senhores como de escravos (JOLY, 2013). Portanto, a escravidão não deve ser definida como um *status*, mas como um processo de transformação de *status* que pode durar toda a vida e estender-se para as gerações seguintes. Isso desloca o centro do debate da desumanização do escravo e de sua convação em propriedade para os problemas referentes a sua ressocialização.

Segundo a abordagem sociológica, são necessárias a presença e a combinação permanente de três forças, “para que um fenômeno de dominação possa ser chamado de escravidão: (1) violência direta e insidiosa (uma força social); (2) morte social anônima e alienante (uma força psicológica); e (3) uma desonra geral (uma força cultural).” (HARRILL, 2008, p. 507)

Como as aristocracias das cidades greco-romanas desprezavam o trabalho manual, cabia aos escravos e aos libertos o desempenho de atividades consideradas inferiores e sujeitas às ordens de outra pessoa. Essa mão-de-obra subalterna ocupava não apenas os campos na atividade braçal agropastoril, mas “em todas as ruas principais da cidade antiga enfileiravam-se lojas, algumas administradas por escravos ou libertos em nome de um empresário rico. (...) Os membros dessa classe contribuíam para a cidade onde viviam”. (STAMBAUGH e BALCH, 2008, p. 106)

1.2 A Sociedade escravista

Os estudiosos da escravidão comparativa distinguem entre as sociedades genuinamente escravistas e as sociedades que simplesmente compreendiam escravos. Passa-se, então, ao segundo ponto desse panorama, que implica responder à pergunta: a sociedade greco-romana do primeiro século da era cristã pode ser classificada como uma sociedade escravista?

A questão não é simples e a nossa visão moderna não pode nos induzir a cair na armadilha de pensar na “antiga escravidão como uma instituição monolítica, sem respeitar suas distintas manifestações na antiguidade clássica” (HARRILL, 2008, p. 506). Portanto, a resposta exige uma abordagem holística do fenômeno.

Do ponto de vista econômico, pode-se afirmar que uma sociedade é genuinamente escravista quando a escravidão se torna uma instituição essencial para a

sua economia e seu modo de vida, no sentido de que os rendimentos que mantêm a elite dominante provêm substancialmente do trabalho escravo.

Thielman (2007, p. 467) observa que a escravidão estava tão arraigada e era tão essencial à economia do Império Romano que “sem ela os romanos não teriam alcançado o domínio político da região do Mediterrâneo, tampouco suas célebres realizações arquitetônicas, urbanas, literárias e filosóficas seriam possíveis”.

A escravidão era um elemento importante na economia antiga, mas não substituíam a mão de obra contratada. E, dependendo de seus talentos, os escravos eram usados tanto para trabalhos qualificados como professores, médicos, cozinheiros e administradores, como para trabalhos rotineiros da casa ou trabalhos que exigiam a força física em moinhos, minas, casas de banhos e campos.

Por essa razão, não se pode reduzir o conceito de “sociedade escravista” na antiguidade romana a algo demasiadamente centrado no entendimento da escravidão como mera instituição econômica. Nesse sentido, Joly (2013) propõe uma ampliação da concepção da escravidão a fim de ser vista também como uma instituição social e política, considerando que a relação senhor-escravo tinha consequências para a organização sociopolítica da cidade, pois o escravo libertado por um cidadão romano podia vir a se tornar cidadão.

Na mesma linha de entendimento, Harrill (2008) explica que as sociedades genuinamente escravistas têm essa designação não por causa do seu número real de escravos, mas pela integração dos escravos em sua economia e sua sociedade. Assim, pode-se concluir que, de acordo com esse critério, a Itália clássica (incluindo as colônias romanas como Corinto) é qualificada como uma sociedade genuinamente escravista.

Com exceção do serviço militar e do labor nas minas, normalmente os escravos romanos não eram separados dos libertos no trabalho ou na espécie de profissão desenvolvida. Essa integração dos escravos em todos os níveis da economia é um elemento fundamental distintivo da escravidão moderna.

Além das abordagens socioeconômicas, Joly (2013) entende que se podem compreender as repercussões da “escravidão antiga” no campo das representações culturais de duas maneiras: a primeira, porque a relação senhor-escravo era empregada conceitualmente para se formatar outras relações de exploração e subordinação; e na segunda, porque o termo “escravidão” era impregnado de toda uma gama de significados

negativos, o que se percebe nos autores antigos, não por meio qualquer crítica à escravidão como instituição, mas como uma espécie de censura a uma “racionalidade servil”, isto é, quando a camada senhorial se apropria de traços de caráter que seriam típicos dos escravos (v.g. a falta de autocontrole, o apego a bens materiais, o egoísmo, o individualismo, adulação dos superiores etc).

Portanto, é correto dizer que “qualquer análise da escravidão romana não pode ser desvinculada de uma análise da sociedade romana, ou seja, do modo como os grupos sociais se organizavam do ponto de vista político, econômico e ideológico” (JOLY, 2013, p.28).

1.3 O escravo

Como alguém se tornava escravo na sociedade greco-romana? Primeiramente, é importante destacar que a escravidão antiga era desligada de qualquer critério étnico, geográfico ou racial. A escravização, sobretudo de estrangeiros, era alimentada por várias fontes.

De acordo com Harrill (2008, p. 509), “incluindo a reprodução natural da população escrava existente, aprisionamento na guerra, importação do comércio exterior, pirataria, banditismo, sequestro, rejeição de crianças e a punição de criminosos (pena de escravidão)”. Além disso, segundo a lei romana, os credores podiam escravizar de forma permanente ou temporária os devedores que não pagassem ou não pudessem pagar suas dívidas.

Stambaugh e Balch (2008, p. 105) também registram que “homens e mulheres livres, em geral não cidadãos romanos, podiam tornar-se escravos por condenação em processo criminal, por captura de comerciantes de escravos ou por guerra, ou vendendo-se a si mesmos como escravos para evitar o risco ainda mais duro da pobreza total”.

A partir do quadro acima, é interessante distinguir, ainda que em uma abordagem puramente psicológica, o escravo nascido no cativo, em geral dentro de uma família em que os escravos participavam até certo ponto da vida social, daquela pessoa nascida livre, que era capturada e reduzida à escravidão, sendo desenraizada do lar e da família por guerras, piratas ou caçadores de escravos, e cortados de tudo o que normalmente forneceria estruturas de apoio a um ser humano.

O *status* jurídico mais baixo de todos na sociedade romana era o do escravo. Todavia, a forma de tratamento a que eram submetidos e até mesma a legislação variavam

muito no mundo antigo, de país para país e de proprietário para proprietário. Wright (2020, p. 93) observa que “muitos escravos eram membros de família valorizados, respeitados e confiáveis, enquanto outros eram usados e abusados de todas as formas imagináveis por patroas e patrões desumanos”.

Brown (2012, p. 667) observa que, “na categoria geral, a mais pesada forma de vida escrava era daqueles que executavam penosos trabalhos manuais (...). Em um nível particularmente elevado encontravam-se os escravos bem instruídos que administravam as propriedades e negócios de seus senhores”.

Joly (2013, p. 127) acrescenta que “do ponto de vista da ideologia da camada senhorial, o escravo geralmente aparece excluído da comunidade cidadã. Ele é considerado um ‘instrumento que fala’, cuja única função é o trabalho para outrem”.

No entanto, havia escravos que eram inteligentes, cheios de habilidades e talentos, seres humanos espertos, o que tornava um tanto ambivalente a posição daqueles aos quais se confiavam à supervisão de uma fazenda ou de uma loja na cidade, ou o entretenimento da família e a educação de seus filhos (Stambaugh e Balch, 2008).

Dependendo do caso, alguns escravos recebiam considerável responsabilidade e independência tinham certos direitos legais de fazer contratos, e alguns deles tinham seu próprio dinheiro (*peculium*) para administrar e gastar.

Como é cediço, os filósofos gregos consideravam os escravos às vezes menos que humanos. “A lei romana tratava-os como peças de propriedade, e os milhares de escravos que trabalhavam como máquinas em navios, fazendas, construção de estradas e minas eram tratados apenas como se fossem mercadorias”. (STAMBAUGH E BALCH, 2008, p.102)

Todavia, engana-se quem pensa no escravo somente como mero meio de produção. Isso porque sua trajetória era vinculada à condição sociopolítica de seu senhor, de maneira que a esfera de ação do escravo variava de acordo com sua situação de dependência do seu senhor, na sociedade em que estava inserido.

1.4. O liberto

Uma vez escravo, sempre escravo? Seria possível deixar de ser escravo? A resposta é afirmativa. Apesar de se encontrar no mais baixo setor da escala social, é importante considerar que no mundo romano, o escravo podia almejar a liberdade no seu horizonte de expectativa com a manumissão e sua consequente inclusão no corpo de cidadãos.

“Uma vez escravizado e vendido, o escravo podia mais tarde ser alforriado por seu patrão. O processo de libertar um escravo é chamado *manumissão*, processo que não deve ser confundido com *emancipação*, tentativa de se fazer uma mudança política”. (HARRILL, 2008,p. 511)

De acordo com as fontes antigas, um chefe de família “emancipava” (*emancipo*) um filho adulto do pátrio poder (*patria potestas*) mas “manumitia” (*manumito*) um escravo. Jamais usava o termo *emancipação* (fim da subordinação legal) referindo-se a escravos.

A distinção entre os dois termos não é mero jogo de palavras. A manumissão romana era uma forma limitada de libertação que fazia do ex-escravo um *liberto* que, não obstante, ainda devia ao antigo patrão um número específico de trabalhos diários (*operae*) e deferência respeitosa (*obsequium*), incluindo a perda do direito de fazer processo.

Em posição diversa, Stambaugh e Balch (2008, p. 104) parecem usar o termo emancipação como sinônimo de manumissão, quando afirmam que “na emancipação de escravos. Cidadãos romanos libertavam seus escravos em números consideráveis e todo escravolibertado tornava-se não só um *libertus* ou *liberta* (“homem livre” ou “mulher livre”), mas também cidadão romano”.

De acordo com Harril (2008), o termo *emancipação* de escravos é sinônimo de *abolição*,tratando-se de “uma invenção do Iluminismo europeu do séc. XVIII, para expressar a convicção moral e política de que a escravidão, seja como instituição, seja como ideologia, repugna aos ideais de todas as sociedades civilizadas e justas de seres humanos”.

Não obstante a divergência de opiniões acima, o certo é que com a manumissão, através de um procedimento público legal, instaurava-se uma nova relação de dependência (patrono- cliente) e o liberto adquiria cidadania romana plena ou se tornava um Juniano Latino⁵.

Assim, o liberto pleno passava a deter não apenas a liberdade pessoal, mas também a liberdade cívica (com sua inscrição em uma das tribos urbanas e direito de

⁵ Status de Latinus junianus: segundo Joly (2013, p. 35), por meio da Lex Junia, Augusto introduziu uma nova categoria de libertos. “São latinos porque a lei deseja que sejam livres como se fossem cidadãos romanos ingênuos que, emigrados de Roma para colônias latinas, tornaram-se colonos latinos; são junianos porque a lei Júnia tornou-os livres, ainda que não fossem cidadãos romanos”.

voto nas assembleias), embora não gozasse de elegibilidade para as magistraturas (JOLY, 2013).

Já o status de *Latinus Junianus* (uma espécie de liberdade parcial), conferia-lhe “direito de celebrar contratos romanos (*commercium*), mas não o direito a um matrimônio reconhecido(*conubium*) nem a capacidade de fazer um testamento romano ou de herdar dele (*testamenti factio*)” (HARRILL, 2008, p. 512). Porém, todos os filhos nascidos após a manumissão gozavam de completa liberdade social, podendo até ascender a aristocracia.

Destaque-se que, no campo moral, a divisão entre livres e escravos era estabelecida numa espécie de relação dialética, de mútua determinação entre escravidão e liberdade. Logo, estar sob a dependência de alguém não significava necessariamente estar privado da liberdade e ser livre não era garantia de total independência. Assim, a escravidão na sociedade romana não podia ser considerada um problema moral cuja resolução passasse seriamente pela abolição.

O liberto continuava ligado ao seu ex-dono (agora patrono) por certas obrigações legais vulnerável às zombarias e caçadas por parte dos que lhe estavam acima na escala social. Pormais bem-sucedido que fosse, o liberto ainda carregava consigo certo estigma de sua origem servil: o seu nome proclamava seu status de liberto; não podia exercer o ofício público ou ascender ao *status* de equestre; não se casaria com o membro da aristocracia senatorial (STAMBAUGH E BALCH, 2008).

As relações sociais eram estabelecidas pelos laços familiares de contatos pessoais de favores feitos, retornos esperados e lealdades devidas. Em Roma, havia a instituição da “clientela”, pela qual o “patrono” influente dava proteção e apoio a “clientes” que dependiam que retribuíssem por meio de votos em épocas de eleições.

A reciprocidade era o elemento mais importante nos intercâmbios que governavam esses relacionamentos pessoais e sociais, sempre na expectativa de retribuição, não necessariamente de retorno monetário, mas de prestígio, lealdade ou apoio militar.

A sorte e as condições dos libertos variavam assim como as das demais pessoas livres. Alguns alcançavam riqueza e outros tinham uma vida relativamente confortável trabalhando muito no artesanato ou no comércio, com ou sem o patrocínio do seu

patrono. Outros libertos mal conseguiam sobreviver e continuavam dependentes dos seus donos antigos.

Importante lembrar que a manumissão não era concedida automaticamente depois de determinado tempo de serviço ou após atingir determinada idade. Também não era um ato puramente de bondade do senhor ou prova do tratamento humano dos escravos no império romano.

Na verdade, adverte Harrill (2008, p. 513), “quando a manumissão convinha aos interesses do patrão e porque reforçava a instituição e a ideologia da escravidão, muitos romanos viam-na como a costumeira recompensa para os escravos que os serviam nas cidades”. Assim, a possibilidade de manumissão era um poderoso incentivo para a obediência do escravo.

Em que pese as existirem algumas oportunidades para um elevado *status* ou resistência para um grupo seleto dos escravos mais habilidosos e afortunados, a grande maioria dos escravos vivia e morria debaixo de um sistema brutal que jamais questionou a moralidade de escravizar outros seres humanos e que não tinha nenhum movimento abolicionista.

2. O IMPACTO DA TEOLOGIA PAULINA PARA AS RELAÇÕES SOCIAIS EM CRISTO

Passa-se a analisar o pensamento do apóstolo Paulo e seu ponto de vista sobre a questão da escravidão no ambiente da igreja cristã do primeiro século.

2.1 O senhorio de Cristo como resposta da Teologia Paulina à prática da escravidão

Por que o Novo Testamento nunca condena explicitamente a escravidão? Schreiner (2015) considera que, para os leitores atuais, um dos elementos mais desconcertantes da teologia de Paulo é sua aparente aceitação da escravidão. Por que ele não criticou essa instituição qualificando-a como desumana e contrária à vontade de Deus?

James Dunn (2003) também confessa que a abordagem Paulina do tema foi vulnerável a críticas porque aparentemente aceita com muita facilidade e sem questionar a escravidão como instituição.

Harrill (2008, p. 517) reconhece que “as cartas de Paulo exemplificam a dificuldade que os escritos greco-romanos como um todo apresentam para o estudo da escravidão antiga: falampouco sobre os escravos”.

A melhor resposta, conforme bem resume Ridderbos (2014, p. 348), é que “Paulo não fala ‘sobre a escravidão’, mas sim, sobre escravos cristãos e senhores cristãos e exorta-os a vere experimentar sua posição na sociedade por meio de Cristo”.

Reforçando essa orientação, Martin (1984, p. 135) afirma que, na verdade, “a atitude apostólica para com a escravidão como uma instituição não é definida em lugar algum e, na melhor das hipóteses, deve ser extrapolada do seu ensino acerca da vida dos crentes cristãos”.

Como as cartas de Paulo mencionam os escravos apenas incidentalmente e de passagem, ou metaforicamente para comunicar um dado teológico, Harrill (2008) recomenda muita cautela quando se faz alguma inferência ética acerca da escravidão como fenômeno geral do mundo greco-romano. Há muito pouco material para se reconstruir uma ética própria de Paulo sobre o tema.

A teologia de Paulo tem como pressuposto a identificação de duas esferas da existência humana: “em Adão” e “em Cristo”. Cada esfera tem caráter, conduta e consequências distintos. É por meio da resposta da fé à mensagem do Evangelho que se obtém a transferência de uma esfera para outra, sendo a igreja o ambiente em que se deve viver a vida cristã. A crucificação e a ressurreição de Jesus tornam possível a passagem da esfera “em Adão” para a esfera “em Cristo”, onde ele é supremo Senhor, os cristãos são justos e o Espírito é essencial à vida (HARVEY, 2017).

Assim, a conversão ao cristianismo impactava a autopercepção do indivíduo, bem como o contexto social da nova solidariedade que instaurava. “O evangelho que Paulo pregava transformava o mundo social, no sentido de que a escravidão é entendida de uma nova maneira. Em Cristo, é irrelevante se o indivíduo é escravo ou livre. Pertencer a Cristo é a realidade fundamental e decisiva”. (SCHREINER 2015, p. 400)

No pensamento ético paulino, o ideal cristão para o trabalho diário é que este seja aceito como a vontade de Deus na qual o crente pode se regozijar, pois tudo o que faz, em última análise, é para o Senhor. Morris (1981, p.91) acentua que o mais importante “é servir a Deus, e o escravo não deve aborrecer-se indevidamente pelo fato de ser

escravo. Se, Deus o chamou como escravo, Ele lhe dará graça para viver como escravo. Se, contudo, ocorrer a oportunidade de tornar-se livre, Paulo sugere que a aproveite.”

Já a visão escatológica de Paulo, propõe que a estratificação social deste mundo é uma situação temporária. Portanto, conforme Schreiner (2015) observa, o crente não deveria viver nesse mundo como se o seu *status* social fosse algo definitivo. Assim, a condição de livre ou de escravo não deveria significar algo de essencial importância para um cristão.

Acerca da forte visão apocalíptica de Paulo, Brown (2012, p. 670) argumenta que:

As estruturas sociais que impedem a proclamação do evangelho precisam ser neutralizadas. Contudo, precisamente porque Cristo está prestes a voltar, outras estruturas que não representam os valores do evangelho têm permissão para permanecer, desde que sejam utilizadas para possibilitar o anúncio de Cristo. Não será por muito tempo. (...) No entanto, revolucionar a sólida instituição romana da escravatura não era uma empresa factível no limitadíssimo tempo antes da vinda de Cristo. Obviamente, no nível terreno, os escravos procurarão obter a liberdade, mas, se alguém agora é escravo e a liberdade física não é alcançável, tal situação não é essencialmente importante.

Por isso, Paulo faz uso de uma linguagem paradoxal para enfatizar seu argumento de que o *status* social temporário teria pouca importância. “O escravo que é *chamado* entra na gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Esta liberdade divina tem tão maior importância do que as circunstâncias exteriores, que ele pode considerar-se *liberto do Senhor*”. (MORRIS, 1981, p. 91)

Na seção prática de suas cartas, as palavras de Paulo sempre refletem a estrutura social das comunidades destinatárias. Portanto, a questão da escravidão já era uma realidade nos tempos da igreja nascente e é inegável que se afigurava como um grande desafio para a ética do cristianismo primitivo. Dunn (2003, p. 785) observa que “as economias do mundo antigo não poderiam ter funcionado sem a escravidão”.

“A sociedade nas províncias do Império Romano, onde Paulo desenvolvia sua atividade missionária, era altamente estratificada”. E na sua parte mais baixa “estava o imenso número de escravos com cuja existência o bem-estar econômico do império estava intimamente ligado”(BROWN, 2012, p. 666).

Nessa linha, Martin (1984, p. 132) explica que “a igreja nasceu numa sociedade em que a escravidão humana era uma instituição aceita, sancionada por lei e parte do

arcabouço da civilização greco-romana”. Apesar de não haver um registro preciso, a maioria dos estudiosos estima que nada menos de 1/3 dos habitantes dos grandes centros urbanos eram escravos.

Ao afirmar que não há nem escravo nem livre⁶, Paulo não está negando as realidades sociais do mundo em que vivia. Suas instruções aos escravos e senhores⁷ mostram que ele não era nenhum revolucionário: o padrão social da época é preservado. (SCHREINER, 2015)

Respondendo ao questionamento sobre a posição paulina, Wright (2020, p. 92) faz a seguinte analogia: “Paulo não podia contemplar um mundo sem escravidão, assim como nós não podemos contemplá-lo sem eletricidade. A maioria das coisas com que contamos no mundo moderno – televisão, computadores e outras invenções – seria impossível se não houvesse eletricidade”.

Acerca das críticas aos escritos paulinos sobre os relacionamentos sociais na igreja, em especial sobre a escravidão, Dunn (2003) argumenta que não deveria surpreender-nos o fato de os conselhos de Paulo serem tão ambivalentes quanto parecem ser porque a escravidão era fato estabelecido da vida no mundo antigo e ainda não era considerada imoral ou necessariamente degradante. Era simplesmente o meio de providenciar mão-de-obra na extremidade inferior do espectro econômico.

Para Martin (1984, p. 132), “o problema não era a aceitação da instituição em si, nem como reagir a uma exigência pela sua abolição (...), mas sim da maneira de os escravos aceitarem sua posição, e do tratamento que os donos cristãos de escravos devem dar aos escravos sob seu controle”.

O ensino de Paulo não oferece qualquer apoio à violência como meio de terminar a escravidão porque a sua ética rejeita o uso da retaliação⁸. Ademais, essa teria sido uma estratégia suicida, pois ele vivia em um tempo que não era oportuno para uma solução rápida para uma questão tão difícil.

⁶ Gálatas 3.28

⁷ Efésios 6.5-9 e Colossenses 3.22-4.1

⁸ Rm 12.21; I Co 6.7

Martin (1984) também destaca que Paulo não faz qualquer chamada pública paraderrubar o sistema da escravidão e suas exortações não mencionam qualquer referência a levantamentos de escravos no passado. Os romanos jamais esqueceram o legado de Espártaco, que devastou a Itália numa guerra que durou três anos e que, até ser sufocada, custou dez legiões.

Harril (2008) observa que as antigas revoltas de escravos ocorreram num espaço de tempo muito limitado, num contexto de maciça expansão militar e convulsão política dos últimos tempos da república romana, e coincidiram com o relaxamento – não a intensificação – do controle sobre a população escrava. Já a ausência de revoltas de escravos no período do império romano não quer dizer que a escravidão estivesse mais humanizada ou que os escravos estavam satisfeitos com seu *status*.

Muito pelo contrário, a escassez de rebeliões representa, segundo Harril (2008, p.517), “o que James Scott chamava de ‘o transcritor público’, as ações e palavras que grupos dominantes e subordinados usam em aberta interação”.

Em outras palavras, havia um consenso social sobre a necessidade da escravidão para a constituição da sociedade. Assim, a instituição era definida como um dos mecanismos de um processo contínuo de dominação nas hierarquias de uma sociedade onde cada um era subordinado a alguém num certo sentido.

Por meio desse “transcritor público”, era exercida a *auctoritas* (superioridade), a forma romana por excelência de dominação que era extremamente eficaz em seus objetivos repressivos. O domínio sobre os escravos se manifestava em uma forma absoluta e personalizada de poder que envolvia uma série de modos específicos de dominação, levando os subordinados não apenas a cumprir as ordens individuais, mas também a prevenir os desejos do patrão, sob o medo da punição.

Thielman (2007, p. 467) anota que os escravos não tinham “direitos legais e poderiam ser criados, estuprados, punidos e assassinados a critério de seus senhores. A instituição era tão brutal que só sobrevivia devido ao uso sistemático do medo e da violência”.

Assim, os escravos ficavam à mercê das vontades imprevisíveis de seus senhores, e os que falhassem em agradá-los teriam que enfrentar o perigo de sua reação. Gaia e Nascimento (2021) observam que o domínio absoluto é fundamental para se

compreender o emprego do medo como ferramenta administrativa, ajudando a explicar como a dinâmica das relações escravistas se estabelecia.

Não havia qualquer garantia de que o escravo não seria punido pelo senhor, e essa insegurança acerca de suas ações gerava uma atmosfera de medo constante. O temor do castigo fazia com que os escravos se empenhassem em cumprir suas obrigações. Independentemente da variedade de condições em que os escravos pudessem se encontrar na sociedade, o medo e a ausência de direitos legalmente legitimados, os encerrava sob a mesma situação: debaixo do domínio daqueles que estavam em posição de *auctoritas*.

Mas o medo também era uma via de mão dupla. “Os escravos, diariamente subjugados, encontravam meios de subverter o sentido do medo, tornando-o também frequente na vida de seus senhores” (GAIA E NASCIMENTO, 2021, p.118).

Ainda que as revoltas dos escravos estivessem na memória de Roma como o meio mais extremo e mais prejudicial aos senhores, outras formas cotidianas de resistência também poderiam redundar em danos físicos e patrimoniais, o que gerava nos patrões um medo perene latente.

Assim, naquele cenário de aparente conformação, também se podia perceber um “transcrito oculto”, uma espécie de resistência escrava *subterrânea* ao transcrito público da *auctoritas*, trazendo uma compreensão mais ampla de rebelião para abranger toda uma série de pequenas práticas subversivas pontuais como a fofoca, a preguiça, a vadiagem, a fuga, o roubo, o aborto e até o suicídio.

Nesse caldeirão de tensões e medos, em vez esgarçar mais ainda o tecido social e de pregar abertamente contra a escravidão, Paulo direciona o seu ensino moral ao seu público-alvo para atender à exigência específica e urgente de definir como os escravos cristãos deviam servir e como os senhores cristãos deviam tratar seus escravos.

“Paulo crê que o evangelho transforma esse relacionamento social de modo que escravo e senhor sejam amados irmãos tanto na carne como quanto no Senhor e que os irmãos devem se responsabilizar pelo bem-estar espiritual uns dos outros” (THIELMAN, 2007, p. 467). Marshall (2007, p. 314) percebe “aqui como a relação escravo-senhor ou escravo-homem livre deveria ser transcendida na igreja por uma relação superior. Essa relação seria certamente verdadeira ‘no Senhor’ (cf. Cl 3.11).”

Por isso, embora “Paulo não defenda um abandono total do sistema, claramente indica uma melhoria na situação dos escravos. Os mestres devem tratar seus escravos de uma maneira humana e humanitária quanto possível” (MARTIN, 1984, p. 135). Isso implica o tratamento justo, a remuneração razoável, bem como a vedação de excesso na aplicação de medidas repressivas e de abuso da vulnerabilidade alheia.

Como opina James Dunn (2003, p. 785) “a contestação responsável da prática da escravidão teria exigido mudança completa do sistema econômico e reformulação completa das estruturas sociais, o que não era concebível na época, exceto em termos idealistas ou anárquicos”.

Segundo Bousset (1929 apud MARTIN, 1984, p. 132), caso Paulo incitasse a revolta, “o cristianismo teria afundado além de qualquer esperança de recuperação, juntamente com outras tentativas revolucionárias deste tipo; poderia ter levantado um novo levantamento dos escravos e ter sido esmagado juntamente com ele.”

“Paulo não defende uma filosofia social que tolera a revolução e a violência. Nas exigências das estruturas sociais do império romano nos dias de Paulo, a escravidão poderia ser derribada somente por meios violentos; e o apóstolo não terá nada a ver com o ódio entre as classes ou os métodos violentos”. (MARTIN, 1984, p. 159).

A partir dessa perspectiva, talvez seja possível inferir dos escritos paulinos uma forma de “transcrito oculto”, só que, em vez promover qualquer tipo de rebelião coletiva ou individual contra a *auctoritas*, o seu ensino epistolar seria orientado para práticas virtuosas e uma ética decorrente da aplicação do evangelho à vida dos escravos e senhores convertidos.

“No mundo antigo, as ameaças aos escravos vinham muito facilmente dos lábios dos senhores e o escravo não podia reagir (...). Mas o patrão cristão deve saber que tudo o que diz ou faz a seu servo deve ser dito ou feito lembrando-se que tem um Senhor ... nos céus” (FOULKES, 1983, p. 140).

Assim, os escravos cristãos são encorajados a obedecer não por medo, mas com temor e tremor e, não apenas para serem vistos e agradar aos senhores (na expectativa de serem gratificados com a manumissão ou outra benesse), mas de coração, em última análise, como que servindo ao próprio Senhor Jesus. Os senhores cristãos, a seu turno,

são exortados a tratarem seus escravos com justiça e equidade, sabendo que também estão debaixo do senhorio de Cristo e que Deus não faz acepção de pessoas⁹.

Os escravos cristãos podiam servir com toda dedicação ainda que estivessem trabalhando para maus senhores. Isso porque, além de estarem servindo a Cristo, reconheciam “que o julgamento divino de senhores não salvos desencadeará no futuro um castigo muito mais severo, por causa de todos os pecados deles, do que qualquer retribuição humana poderia infligir” (BLOMBERG, 2019, p. 399).

Nesse sentido, Martin (1984, p. 172) afirma que “Paulo deu uma nova aparência à escravidão, ao considerar a condição humana como sendo de pouca importância em contraste com o desejo de uma pessoa de cumprir a vocação cristã.”.

Não obstante, é inegável que o ensino de Paulo acaba por inserir uma enorme tensão na escravidão como sistema social, mas Ridderbos (2014) ressalta que isso deve ser interpretado mais como uma consequência do que como um objetivo deliberado das admoestações paulinas. Foulkes (1983, p.138) comunga da mesma opinião de que “o ideal do cristão para seu trabalho diário, seja ou não visto pelos homens, é que esse trabalho seja aceito como vontade de Deus, no qual pode se regozijar, e que não seja feito por constrangimento ou descuidadamente, mas porque é Sua vontade”.

Em nenhuma de suas cartas, Paulo “pede explicitamente a abolição da escravidão, ainda que, indiscutivelmente, prepare o terreno para esse desdobramento em uma data posterior. Nesse ínterim, o relacionamento entre escravos e senhores deve se tornar pelo menos mutuamente benéfico” (BLOMBERG, 2019, p. 426).

Wright (2020, p. 93), com muita lucidez, arremata que “em um mundo no qual muitos cristãos eram escravos trabalhando para senhores não cristãos, era mais do que inútil sugerir emancipação instantânea. Paulo, de forma sensata escolheu um caminho diferente”.

Para Thielman (2007, p. 468), o evangelho, ao redefinir radicalmente o relacionamento entre o senhor e o escravo, remove “a brutalidade e os aspectos desumanos do mercado romano de escravos, e sem esses aspectos, o desaparecimento

⁹ Quanto a vós outros, servos, obedecí a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre. E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há acepção de pessoas. Efésios 6:5-9

dessa instituição, pelo menos nos círculos cristãos, espera apenas que a aplicação coerente do conceito social radical de Paulo seja completada”.

Após quase dois mil anos de exegese e aplicação, pondera Marshall (2007), o que resta evidente, no final das contas, é que não se pode tratar um irmão como um escravo e que a escravidão é incompatível com a fé cristã. Todavia, a igreja primitiva não chegou de imediato a essa conclusão.

2.2. A Carta de Paulo a Filemom

A carta a Filemom é o menor de todos os escritos de Paulo e, por isso, há quem até a considere um bilhete pessoal. Blomberg (2019) classifica a epístola como uma excelente ilustração de uma *carta de recomendação* (ou de apresentação ou intercessão), que era comum nos papiros e tinha por finalidade apresentar o portador da carta ao seu destinatário para depois pedir algum favor.

Todavia, pode-se afirmar que se trata de uma verdadeira epístola, ou seja, um documento escrito para ser ouvido em público, em virtude da maneira como a carta começa associando Timóteo com Paulo e Filemom a toda a igreja que se reúne em sua casa. Para Martin (1984, p.162), “nosso conhecimento de Paulo teria sido bem mais pobre se este documento tão pequenão tivesse sido preservado”.

A carta é remetida não apenas à intimidade de uma família, mas a uma igreja que se reúne na casa, o que lhe dá caráter e aplicação públicos, razão pela qual foi preservada e incluído no cânon do Novo Testamento (BLOMBERG, 2019).

Convém recordar que, no primeiro século, a esmagadora maioria das igrejas se reunia em casas de família greco-romanas, no formato de igrejas domésticas, que eram as células básicas da igreja crescente numa época de grandes tensões sociais na família dentro da sociedade romana.

Bruce (2003) considera que a carta lança pouca luz sobre a postura de Paulo, em relação à escravatura como instituição. Haveria um ensino mais formal sobre esse assunto nas “tabelas do lar” de Colossenses e Efésios, e em observações em outras cartas.

Contudo, de acordo com Martin (1984, p. 158), a carta tem um elevado valor como documento histórico e “lança luz incomum sobre a consciência cristã a respeito da instituição da escravidão no mundo antigo e, assim, complementa e corrige o que

achamos nas assim- chamadas regras do lar (*Haustafeln*) nas demais epístolas do Novo Testamento”.

O texto deixa claro que Paulo escreve em plena consciência de sua autoridade apostólica. Assim, pode-se dizer que se trata de uma carta apostólica acerca de uma questão pessoal ou uma epístola a uma igreja que abrangeria uma carta a um indivíduo, que sendo membro da igreja, faz com que o assunto seja de interesse de toda a comunidade.

Mas, ao mesmo tempo, Paulo se identifica como prisioneiro, que renunciou a “sua liberdade por Cristo, apelando para a liberdade de outrem e, em cada linha, bem abaixo da superfície, está o questionamento fundamental do status social de senhor e escravo apresentado pela mudança de relacionamento introduzida pelo evangelho” (BROWN, 2012, p. 666).

Apesar da brevidade da carta, sua exegese está longe de ser pacífica. Os comentaristas propõem três possíveis reconstruções do contexto em que Paulo escreve: (1) a hipótese do “escravo fugitivo” (que é a mais tradicional); a hipótese da “intercessão”; (3) a hipótese do escravo “enviado”. Para Harrill (2008), nenhuma das três linhas resolve definitivamente todos os problemas exegéticos.

A primeira hipótese sugere que Onésimo havia cometido um ato injusto contra seu senhor Filemon e fugira, vindo a ter contato com Paulo, por ter-se tornado companheiro de prisão, onde se converteu a Cristo. O problema dessa posição é que Paulo não faz qualquer pedido a Filemon que perdoe o delinquente ou tenha piedade dele, situação esperada por causada fuga.

A segunda hipótese, na verdade, é uma variante da primeira, mas supõe que Onésimo não seria um “criminoso fugitivo” (*servus fugitivus*) que teria fugido para se ver livre, mas um “delinquente vadio” também chamado de “erro”, que buscara refúgio ao lado de Paulo para pedir sua intercessão por algum deslize anterior.

Nos termos da lei então vigente no Império Romano, um escravo fugitivo poderia buscar asilo na casa de um amigo junto ao altar da família. Em contrapartida, a lei romana também exigia que o acolhedor do escravo deveria pagar o valor correspondente a cada dia de trabalho perdido ao seu senhor. Porém, essa hipótese falha por não haver qualquer tom de repreensão é censura de Paulo a Onésimo por ter abandonado a casa sem permissão.

A terceira hipótese ventilada é de que o escravo teria sido enviado por Filemom com um recado ou para servir a Paulo na prisão e tenha se demorado além do tempo estipulado. Daí o propósito da carta de devolvê-lo com o pedido de que ele não seja penalizado. Talvez isso explique a ausência de repreensão a Onésimo, já que a culpa pela demora poderia ser atribuída ao próprio Paulo. O versículo 18 usa o condicional (se algum dano te fez ou se te deve alguma coisa), como se a injúria não fosse uma situação real, mas meramente sentida. Os problemas exegéticos dessa hipótese decorrem do fraseado extremamente respeitoso e circunspecto de Paulo.

O nome do escravo é mencionado pela primeira vez somente no v. 10 da carta. Trata-se de um nome comum para escravos, “achado muitas vezes nas inscrições, parcialmente porque um escravo sem nome receberia este nome de identificação (“Onésimo” significa “útil”), na esperança de que vivesse à altura do seu nome adotivo no serviço de seu dono” (MARTIN, 1984, p. 170).

Segundo Wright (2020, p. 228), “o nome de forma irônica significa ‘útil’, que era precisamente o que ele não havia sido para Filemom; talvez Filemom tivesse brigado com ele e dito que ele não valia a comida que comia. Mas, de qualquer modo, Onésimo agora estava sob a influência de Paulo”.

Qualquer que seja a real situação, o pedido de Paulo poderia ser considerado “um pensamento revolucionário em contraste com o tratamento contemporâneo de escravos fugitivos, pelo qual o senhor deles podia tratar de prender e depois castigar com brutalidade” (MARTIN, 1984, p. 155).

A ousada intercessão de Paulo em favor de Onésimo é preparada de forma cuidadosa em linguagem branda com tons de petição, permeada de compaixão cristã, culminando com um apelo à colaboração e consentimento voluntário de Filemom, acompanhado da promessa de indenização por qualquer prejuízo decorrente da conduta do escravo e da perspectiva de uma futura visita do apóstolo.

O Apóstolo também ora por seu amigo Filemom para que a parceria que eles compartilham no evangelho seja produtiva e tenha o efeito que precisa ter. Trata-se de um efeito poderoso: *realizar todo o bem que está trabalhando em nós* (WRIGHT, 2020). Para Blomberg (2019, p. 375) “a impressão é que a oração de Paulo por Filemom inclui a esperança de que ele reconheça que acolher Onésimo, em vez de castigar, decorre de suas convicções cristãs”.

Na carta a Filemom, Paulo incentiva a reconciliação entre o senhor e seu escravo porque esse novo relacionamento entre os dois implicava a conversão do escravo ao cristianismo (THIELMAN, 2007, p. 461).

A identificação de Paulo com o escravo e com seu senhor é tão intensa que lhe permitiu desempenhar o papel de mediador, e representar de modo relevante as duas partes. Brown (2012, p. 668) constata que “o fato de Paulo ter sido o responsável pela nova vida partilhada tanto por Filemom quanto por Onésimo sublinha essa mensagem destinada a ampliar os efeitos daquela realidade teológica no plano social”.

Partindo dos pressupostos de que é a Cristo Jesus que os escravos estão servindo e de que os donos também têm um Senhor no céu, de que Deus não faz acepção de pessoas e que todos são servos de Cristo, propõe-se uma relativização da escravidão, uma vez que agora todos – escravos e senhores – fazem parte da família da fé. Por isso, a epístola nos leva para uma atmosfera em que a instituição somente poderia murchar e morrer (BRUCE, 1957, p.90 apud MARTIN, 1984, p. 159).

A abordagem paulina em relação a Filemom não é impositiva, mas voluntarista, permitindo-lhe decidir sobre o assunto depois de apelar a sua consciência através da carta. O que ele deseja é o consentimento voluntário, baseado na técnica de cooperação cristã, fulcra sobretudo na participação comum de dois homens na experiência das realidades da fé e na sua vida comum como membros do Corpo de Cristo.

Segundo Marshall (2007, p. 313), “o principal significado teológico da epístola repousa no fato de que todo o apelo a Filemom é baseado no evangelho e no companheirismo que resultou dele”.

Paulo precisava ser bastante cuidadoso e, ao mesmo tempo, firme em sua autoridade ao tratar com Filemom sobre a situação de Onésimo, considerando o contexto da naturalidade que era o uso da mão-de-obra escrava na sociedade romana. O intérprete hodierno não pode simplesmente ler o texto e criticá-lo com as lentes de hoje, mas deve fazer um esforço para enxergar o *sitz in lebem* no qual essa carta foi escrita.

Wright (2020, p. 228) nos adverte que “pode parecer muito simples para nós, mas nós não vivemos no seu mundo. Como qualquer pessoa de posses naquele tempo, Filemom tinha escravos. Para eles era uma coisa bastante natural, assim como possuir um carro ou um aparelho de televisão hoje em dia”. Assim, como hoje a maioria das pessoas

não poderia imaginar uma sociedade sem esses bens, a maioria das pessoas daquela época consideraria impossível viver sem escravos.

“Paulo insiste que Filemom (o senhor) deveria abrir mão das convenções sociais brutais que envolviam a escravidão na Roma antiga e amar Onésimo (o escravo) como se fossem irmãos de fato, como se Onésimo fosse o próprio Paulo” (THIELMAN, 2007, p. 461).

Blomberg (2019, p. 237) conclui que, “no mínimo, Filemom precisa reconhecer que a conversão de Onésimo faz dele um irmão na fé, um irmão que aos olhos de Deus, em todos os aspectos, é igual ao seu senhor”. E isso já seria suficiente para levá-lo a amar e valorizar Onésimo, já que ele compreende bem a quão drástica foi a sua transformação.

Portanto, o argumento de Paulo não deriva de uma convicção sobre a humanidade comum compartilhada entre escravo e senhor, mas da relação que os dois possuem por serem irmãos em Cristo, o que inaugura uma rede de novas situações e um circuito de novos relacionamentos que caracterizam a vida da igreja.

A visão paulina da escravidão não era destituída de consequências sociais concretas. Reconhecer que o escravo é irmão ou irmã em Cristo certamente transformaria a maneira como ele era tratado (SCHREINER, 2015). Segundo Marshall (2007, p. 315), Paulo ensina “uma teologia da ação cristã, que mostra como um apelo pode ser baseado no evangelho e o efeito que tem na vida daqueles que o aceitam”.

Talvez o versículo 21 seja uma sutil sugestão para que Filemom conceda a manumissão a Onésimo. Era um elemento normal da escravidão romana e servia para reforçar o domínio e o controle social. Blomberg (2017, p. 377) entende que “a expressão ‘não mais como escravo’ sugere a possibilidade de que Paulo esteja solicitando manumissão plena, uma possibilidade que se torna provável quando se reconhece a forma gramatical incomumente enfática traduzida por “não mais”.

Harrill (2008) supõe que, se Paulo está pedindo a manumissão de Onésimo, não está condenando a instituição, mas reforçando sua legitimidade, ao agir conforme suas regras e procedimento. Mas, mesmo que continuasse sendo um escravo *segundo a carne*, Onésimo fora alçado a uma nova posição como cristão com a mesma dignidade de Filemom *no Senhor*, numa nova comunidade em que todos os homens são irmãos.

“Quando Onésimo é enviado a seu dono, ‘não mais como escravo, mas como irmão caríssimo’, a emancipação formal seria uma questão de oportunidade, de

confirmação técnica do novo relacionamento que já passara a existir” (BRUCE, 2003, p. 390).

Ao insistir na “teologia da reconciliação cósmica” como fundamento central da carta, Thielman (2007, p. 463) sustenta que Paulo envia Onésimo de volta a Filemom para que seu relacionamento “possa ser reorientado em torno de sua participação comum na família de Deus.(...) Sua reconciliação recíproca por meio do Evangelho rompe as convenções sociais pelas quais eles se relacionaram apenas como senhor e escravo”.

Schnelle (2010) corrobora esse argumento ao afirmar que o motivo teológico central da carta é a conversão de Onésimo (v.11) e tem consequências não só para ele mesmo, mas também para relação do escravo-senhor. Portanto, Filemom deve reconhecer e aceitar o novo *status* do escravo Onésimo como irmão amado “tanto na carne como no Senhor”.

Para Brown (2012), o apelo de Paulo não é apenas para que Onésimo escape à punição que poderia ser legalmente imposta, tampouco se resume a que ele seja alforriado, mas que ele seja incluído no plano do relacionamento cristão: “recebe-o como se fosse a mim mesmo” (v.17).

Segundo Thielman (2007, p. 467), há três pressupostos teológicos de Paulo que, somados, compõem uma declaração social surpreendentemente radical para seu contextocultural: “que Deus conduz os crentes a tomar decisões corretas, que o amor ao próximo ocupou lugar central da ética cristã e que o evangelho derruba barreiras sociais”.

Esse é o grande desafio para Filemom: romper com a antiga estrutura social da casa e reconhecer a Onésimo um novo *status* social como irmão amado, ainda que sob seu antigo *status* legal de escravo. Para Blomberg (2019, p. 378), “a própria dinâmica de endereçar essa carta não apenas a uma pessoa ou à intimidade de uma família, mas a uma igreja que se reúne nas casas, coloca sobre Filemom não muito sutil para que obedeça.”

O aguilhão da escravidão é parcialmente tirado dessa prática desumana pela atitude dos escravos como cristãos, bem como pela declaração do apóstolo no sentido de que todas as distinções sociais de “escravo” e “livres” são canceladas na Igreja (MARTIN, 1984, p. 133).

Wright (2020, p. 229) ressalta que “evangelho não é uma simples mensagem sobre como as pessoas ‘são salvas’ de um modo puramente espiritual. É sobre o senhorio de

Jesus, o rei sobre o mundo real, sobre a realidade de vida das pessoas, sobre as decisões difíceis que temos que enfrentar”.

“A epístola também é importante por mostrar como o ensinamento de que os crentes são só em Cristo se realiza na terra, quando Filemom é confrontado com o problema concreto de receber de volta e perdoar um escravo que o prejudicou” (MARSHALL, 2007, p. 315).

Brown (2012, p. 669) identifica o pedido como “um dramático exemplo do modo de pensar de Paulo, mantendo-se fiel à mudança de valores realizada por Cristo: a antinomia não é simplesmente entre escravo e livre, mas entre escravo e a nova criatura em Cristo”.

Pelo fato de o apóstolo abordar o problema dos relacionamentos sociais numa aproximação ético-religiosa, Ridderbos (2014) entende que as admoestações de Paulo são dotadas de significado permanente e inequívoco para todos os relacionamentos sociais, por mais modernizados que sejam.

E embora os inúmeros escravos que vieram ao aprisco estivessem na mente do apóstolo ao escrever essas palavras, os princípios (...) se aplicam a empregados e empregadores de todas as épocas, estejam eles no lar, no comércio ou no governo (FOULKES, 1983, P. 137).

CONCLUSÃO

Lamentavelmente, a realidade da escravidão perpassa toda a história e chega até os dias atuais. A partir de uma cosmovisão cristã bíblica, compreende-se que se trata de um dos efeitos deletérios da Queda, que afetou todas as esferas de relacionamentos. Deve ser repudiada qualquer prática que deprecie o ser humano criado à imagem de Deus, e, ao mesmo tempo, deve crer que há redenção para todas as áreas da vida através do Senhor Jesus Cristo.

A análise do fenômeno da escravidão, mesmo que seja numa sociedade tão antiga e diferente como a romana, fornece subsídios para uma reflexão sobre as modalidades de exploração do trabalho vigentes no mundo contemporâneo e suas consequências econômicas, políticas e culturais. E, ao mesmo tempo, permite que se tente uma aproximação do contexto histórico da Igreja cristã, que nasceu num momento socioeconômico e cultural do império romano, onde a escravidão era parte da realidade da vida diária.

Mas, a principal questão levantada pelos leitores contemporâneos do Novo Testamento é o problema da escravidão e ainda continua de pé a indagação porque Paulo não ataca nem condena diretamente aquela instituição.

Paulo foi um homem do seu tempo. É verdade que não há qualquer escrito paulino condenando a escravidão ou fomentando a rebelião em busca da emancipação dos escravos. Mas, isso não significa que o apóstolo tivesse chancelado a instituição da escravidão ou que os cristãos nos séculos posteriores pudessem buscar respaldo em seus escritos para explorar seu semelhante.

Apesar das históricas revoltas de escravos no período pré-cristão, havia muito pouco precedente ideológico para se iniciar um movimento de abolição da escravidão e o cristianismo nascente não possuía qualquer força política para encampar a ideia de emancipação geral dos escravos, sobretudo dentro de um contexto socioeconômico e cultural que jamais conhecera outra realidade que não a escravista.

A principal ênfase do ensino apostólico estava na transformação espiritual interior decorrente da reconciliação das pessoas com Deus, o que lhes permitia ter a esperança de uma gloriosa eternidade com Ele, independentemente de experimentar de imediato a libertação física e social neste mundo.

Ademais, ao basear seu ensino ético na igualdade que há em Cristo, qualquer que seja a posição social ou econômica, Paulo propôs uma nova forma de relacionamento que, a partir da igreja, alcançaria todas as esferas da sociedade e lançaria as sementes para que surgissem séculos mais tarde os movimentos abolicionistas capitaneados por pessoas de convicções cristãs.

Assim, longe de acusar Paulo de ser um apoiador do sistema escravista e do *status quo*, cabe indagar se o novo relacionamento delineado por ele entre escravos e senhores cristãos, mesmo dentro dos limites da escravidão romana, poderia hoje servir de exemplo humilhante para a sociedade contemporânea onde há tantos relacionamentos destituídos de qualquer vínculo pessoal.

REFERÊNCIAS

- BLOMBERG, Craig L. *Introdução de Atos a Apocalipse: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos*. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. 2.ed. - São Paulo: Paulinas, 2012.
- BRUCE, F. F. *Paulo o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.
- DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Biblioteca de estudos bíblicos. São Paulo: Paulus, 2a. ed., 2003.
- FOULKES, Francis. *Efésios: Introdução e Comentário* (Série Cultura Bíblica). Vida Nova: São Paulo, 2a. ed., 1983.
- GAIA, Deivid Valério; NASCIMENTO, Fabiana Martins. *Os usos do medo como fator administrativo na villa romana: as relações entre senhores e escravos nos tratados agrícolas de Catão, Varrão e Columela*. Phoínix, Rio de Janeiro, 27-2: 111-127, 2021.
- HARRILL, J. Albert. *Paulo e a escravidão*. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 505-534.
- HARVEY, John D. *A Interpretação das Cartas Paulinas: um prático e indispensável manual de exegese*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- JOLY, Fábio Duarte. *A escravidão na Roma antiga*. 2ª.ed. São Paulo: Alameda, 2013.
- KITTEL, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- MARSHALL, I. Howard. *Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- MARTIN, R. P. *Colossenses e Filemon: Introdução e Comentário* (Série Cultura Bíblica). Vida Nova: São Paulo, 1984.
- MORRIS, Leon. *1 Coríntios: Introdução e Comentário* (Série Cultura Bíblica). Vida Nova: São Paulo, 1981.
- REID, Daniel G. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. tradução: Márcio Loureiro Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

- RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. 2ª.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.
- SCHREINER, Thomas R. *Teologia de Paulo: o apóstolo da glória de Deus em Cristo*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. 2ª.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- THIELMAN, Frank. *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- WRIGHT, N. T. *Paulo para todos: cartas da prisão: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.



COMO OVELHAS QUE NÃO TEM PASTOR: O DISCIPULADO COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NUM MUNDO PÓS-PANDEMIA

Esp. Matthaus Leira R. S. de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo aborda o papel e a importância do discipulado na vida de pessoas que sofrem em decorrência da pandemia. O trabalho mostra como a pandemia vem afetando a comunidade no âmbito emocional e social, causando um distanciamento entre as pessoas e adoecimentos como depressão e ansiedade. Estudos na área científica e dados estatísticos mostram as graves consequências deixadas pela pandemia e as possíveis sequelas que podem permanecer ao longo da vida. O discipulado, que é uma ordem de Jesus para que ensinemos as pessoas a seguir o Cristo, o amando e obedecendo, também é um meio de estreitar as relações, de comunhão, de ajudar a levar as cargas uns dos outros, fornecer alívio, compartilhar e dividir. Mostraremos o que a Bíblia diz a respeito do discipulado no viver em comunidade, tendo como exemplo a Igreja Primitiva. Trataremos os ensinamentos bíblicos a respeito do discipulado como uma ferramenta terapêutica para os que estão sofrendo. Teremos como base a análise dos estudos referentes a COVID-19, assim como, indagações relacionadas ao discipulado. Ao final do estudo, esperamos ter uma compreensão da importância de se cumprir esta tarefa e de nos estimularmos a prática. Discipulado é vida na vida!

Palavras-chave: Discipulado; Pandemia; Saúde Mental.

ABSTRACT

This article addresses the role and importance of discipleship in the lives of people suffering due to the pandemic. The work shows how the pandemic has been affecting the community emotionally and socially, causing distancing between people and illnesses such as depression and anxiety. Scientific studies and statistical data reveal the severe consequences left by the pandemic and the possible long-term sequelae. Discipleship, which is a command of Jesus for

¹ O autor é especialista em estudos do Novo Testamento e graduando em Teologia pelo STPS, membro da IPB de Tinguí - RJ. Atua como professor de iniciantes na fé (Classe de Catecúmenos), trabalha com discipulado, evangelismo, estudos bíblicos e na recepção da Igreja. Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Castelo Branco - RJ. É auxiliar técnico em laboratório de farmácia de manipulação.

us to teach people to follow Christ, loving and obeying Him, is also a means of strengthening relationships, fostering communion, helping to bear one another's burdens, providing relief, sharing, and dividing. We will show what the Bible says about discipleship in living in community, using the Early Church as an example. We will discuss biblical teachings on discipleship as a therapeutic tool for those who are suffering. Our study will be based on analyses of research related to COVID-19, as well as questions related to discipleship. At the end of the study, we hope to understand the importance of fulfilling this task and to encourage its practice. Discipleship is life on life!

KEYWORDS: Discipleship; Pandemic; Mental Health.

INTRODUÇÃO

Segundo o Evangelho de Mateus 28.19-20, “fazer discípulos” se trata de uma ordem de Jesus para toda a Igreja. O Mestre dedicou tempo da sua vida para cuidar de pessoas. Ele caminhou lado a lado, ensinou, viveu, formou discípulos e enviou-lhes a fazerem o mesmo. Mateus 9.35-38, por exemplo, mostra Jesus indo de cidade em cidade, às aldeias, sinagogas ou atravessando lugares onde os judaístas do templo não iriam, a fim de exercitar o discipulado. Jesus ensinava, pregava e curava.

35 Καὶ περιῆγεν ὁ Ἰησοῦς τὰς πόλεις πάσας καὶ τὰς κόμας διδάσκων ἐν ταῖς συναγωγαῖς αὐτῶν καὶ κηρῦσσων τὸ εὐαγγέλιον τῆς βασιλείας καὶ θεραπέων πᾶσαν νόσον καὶ πᾶσαν μαλακίαν ἐν τῷ λαῷ. 36 Ἴδων δὲ τοὺς ὄχλους ἐσπλαγχνίσθη περὶ αὐτῶν, ὅτι ἦσαν ἐκλελυμένοι καὶ ἐρριμμένοι ὡς πρόβατα μὴ ἔχοντα ποιμένα. 37 τότε λέγει τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ· ὁ μὲν θερισμὸς πολὺς, οἱ δὲ ἐργάται ὀλίγοι. 38 δεήθητε οὖν τοῦ κυρίου τοῦ θερισμοῦ ὅπως ἐκβάλῃ ἐργάτας εἰς τὸν θερισμὸν αὐτοῦ.²

35 E Jesus percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todo tipo de doenças e enfermidades. 36 Ao ver as multidões, Jesus se compadeceu delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. 37 Então Jesus disse aos seus discípulos: — A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. 38 Por isso, peçam ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.³

O versículo 36 deixa claro que as pessoas estavam aflitas, perdidas e Jesus as via, prestava atenção nelas. O grego ἐσπλαγχνίσθη περὶ αὐτῶν (*esplanchnisthe peri auton*) diz que Jesus foi movido pela compaixão (indo em direção deles), porque ἦσαν ἐσκυλμένοι καὶ ἐρριμμένοι (*êsan êskilmenoi kai errimmenoi*) eles eram (estavam) cansado(s) e rejeitado(s). As multidões estavam como ovelhas sem um pastor para cuidar e guiá-las. O comentário da Bíblia

² KATA MATΘAION 9.35-38. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/209/MAT.9.by04>. Acessado em: 01/05/2022.

³ MATEUS 9.35-38. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/1840/MAT.9.naa>. Acessado em: 01/05/2022.

de estudo King James⁴ fala sobre a implicação da condição espiritual de Israel citado em Ezequiel 34 que refletia as falhas dos pastores espirituais que abandonavam e negligenciavam o seu rebanho. O cenário descrito por Mateus é o mesmo em que remonta Ezequiel. A diferença e maior importância agora é que Jesus é o verdadeiro Pastor que está preocupado com as suas ovelhas⁵, o que é tornado explícito em João 10 onde Jesus referenciado como O Bom Pastor.

Nos versos seguintes Jesus vai dizer que são muitos que estão na condição de “ovelhas abandonadas”, usando a imagem de uma grande colheita. No entanto, existem poucas pessoas para realizar o trabalho, por isso, o evangelista evidencia o pertencimento. A forma como o versículo 37 foi construído esclarece que os discípulos pertencem a Jesus. Pois, a expressão μαθηταῖς αὐτοῦ (*mathetais autou*) denota uma condição de posse, “discípulos Dele”.

No versículo 38 Jesus orienta aqueles que O pertencem para pedirem (suplicarem) [δεήθητε (*deêthete*)] a Deus que é o Senhor (dono) da colheita [Κυρίου τοῦ θερισμοῦ (*kyriou tou therismou*)] para que envie pessoas para trabalhar nela, no grego ἐκβάλλη (*ekbalê*), Ele pode enviar. Aqui Jesus ainda não havia ordenado aos seus discípulos para irem como trabalhadores às searas, mas para que orassem a Deus que providenciasse os trabalhadores. “Ninguém pode fazer o trabalho da seara a não ser que seja primeiro chamado e qualificado para isso por Deus”.⁶ Portanto, para se entender o que é discipulado, antes precisamos compreender que somos discípulos, seguidores de Jesus, e que Ele é quem escolhe os seus discípulos. João 15.16 diz: “Não foram vocês que me escolheram, pelo contrário, eu escolhi vocês”⁷. É o chamado da Graça. O chamado eficaz de Cristo. “Vem e segue-me!” Esse imperativo usado com Pedro, André, Levi, e a todo aquele que crê. Graça real.

Dietrich Bonhoeffer em seu livro “Discipulado” diz o seguinte:

Essa graça é preciosa porque chama ao discipulado; é graça porque chama ao discipulado de Jesus Cristo; é preciosa por custar a vida ao ser humano; é graça pois só assim dá vida ao ser humano; é preciosa porque condena o pecado; é graça porque justifica, perdoa o pecador. É preciosa sobretudo porque foi preciosa para Deus, porque lhe custou a vida de seu Filho — “Porque fostes comprados por preço” (1Co 6.20) — e, portanto, não pode ser barato para nós o que custou caro para Deus. É graça, sobretudo, porque Deus não considerou que seu próprio Filho custasse caro demais para pagar por nossa vida, e assim o deu por nós. A graça preciosa é a Encarnação de Deus. (BONHOEFFER, 2016, p.18).

Se Jesus nos chama para sermos os seus discípulos, e não há como resistir este chamado, portanto, devemos obedecer a sua ordenança em fazer discípulos. Só o fato de Jesus ser o Cristo,

⁴ HOLMAN. Bíblia de Estudo King James. Editora BV Books. 2018, p.1561.

⁵ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo de Genebra. Editora Cultura Cristã. 2009, p.1244.

⁶ Ibidem.

⁷ JOÃO 15.16. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/1840/JHN.15.naa>. Acessado em: 01/05/2022.

confere a Ele total poder para chamar e exigir obediência à Sua Palavra (BONHOEFFER, 2016, p.31).

O discipulado tem custos. Tanto de sermos seguidores de Jesus, quanto de fazer discípulos a seguirem O Caminho. Jonas Madureira (2019) em seu livro “O Custo do Discipulado”, retrata bem este assunto, fazendo um estudo em Lucas 14.25-35. Há um custo do amor, custo do sofrimento e custo da renúncia. “— Se alguém vem a mim e não me ama mais do que ama o seu pai, a sua mãe, a sua mulher, os seus filhos, os seus irmãos, as suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.” (Lucas 14.26) - custo do amor. “E quem não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo.” (Lucas 14.27) - custo do sofrimento. “Assim, pois, qualquer um de vocês que não renuncia a tudo o que tem não pode ser meu discípulo. (Lucas 14.33) - custo da renúncia. O discipulado, o seguir a Cristo envolve amá-lo mais, amá-lo acima de tudo. O discipulado, em fazer discípulos do Mestre, envolve amar as pessoas, se envolver e se importar com elas. O discipulado implica em sermos considerados como ovelhas indo para o matadouro. Envolve sofrer pelo que as pessoas padecem e padecer por você mesmo, pelos seus pesares. Mas nem todo sofrimento é evidência de um verdadeiro discipulado. Somente o sofrimento que é fruto da obediência a Jesus atesta que somos seguidores e exercemos um autêntico discipulado (MADUREIRA, 2019, p.33). “Discipulado é auto esquecimento” (MADUREIRA, 2019, p.35). A atitude de ajudar as pessoas a seguirem Jesus pressupõe o ato de que seguimos a Jesus. Isso quer dizer que quem não segue Jesus não pode ajudar pessoas no processo de discipular (MADUREIRA, 2019, p.19).

Outro aspecto muito importante é saber que o processo de discipulado não se inicia com algo que fazemos, mas sim com base no que Jesus fez (DEVER, 2016, p.16). “O motivo para discipular outras pessoas começam no amor de Deus e em nada mais” (DEVER, 2016, p.17). “Discipulado é alegria” (BONHOEFFER, 2016, p.13).

1. O DISCIPULADO NO NOVO TESTAMENTO

Só há discipulado por meio de Jesus Cristo. Ele é o motivo, a razão do discipulado. Não há como seguir uma vida cristã sem Jesus, até porque, não existe vida sem Ele. “Cristianismo sem Jesus Cristo vivo permanece um cristianismo sem discipulado, e cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Jesus Cristo” (BONHOEFFER, 2016, p.33).

O evangelho, as boas notícias do Salvador é o assunto que deve permear o discipulado. A vida de Jesus é o que interessa, e é o que Ele fez que motiva e inspira as pessoas a anunciar a salvação aos outros.

Quando as Escrituras Sagradas tratam do discipulado de Jesus, proclamam a libertação do ser humano de todos os preceitos humanos, de tudo que o oprime, de tudo que o sobrecarrega, de tudo que lhe suscita preocupação e dor na consciência. No discipulado, o ser humano deixa o duro jugo de suas próprias leis e vai para o jugo suave de Jesus Cristo. O mandamento de Jesus é duro, implacavelmente duro para quem se opõe a ele. Porém, o mandamento de Jesus é suave e leve para aquele que se lhe submete de bom grado. “Os seus mandamentos não são penosos” (1ª João 5.3 ARA). O mandamento de Jesus não consiste em um tipo de tratamento de choque emocional. Jesus nada nos exige sem nos dar a força para fazê-lo. Seu mandamento não visa jamais destruir a vida, mas conservá-la, fortalecê-la e curá-la (BONHOEFFER, 2016, pp.12-13).

Mas o impacto do evangelho na vida das pessoas não se dá somente pelos pontos fortes, mas também acontece por meio das fraquezas, pois, Deus age assim para que o poder dele seja demonstrado mediante a nossa fragilidade e Ele receba toda a glória (DEVER, 2016, p.21). “Então ele me disse: “A minha graça é o que basta para você, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.” De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo” (2ª Coríntios 12.9 NAA). “Discipular” no evangelho significa que as vezes você será o primeiro a confessar suas fraquezas ou seus pecados, e agindo assim, você demonstrará a forma de encontrar justificação em Cristo, não em si mesmo (DEVER, 2016, p.29). “Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que tal poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós” (2ª Coríntios 4.7 NVI).

A nossa vida deve ser voltada pelo bem de outras pessoas; o amor ao próximo que é o ponto crucial no fazer discípulos (DEVER, 2016, p.22). “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Marcos 10.45 NAA). Servimos as pessoas por causa de Cristo. “Um discípulo é alguém que discipula” (DEVER, 2016, p.27). Discipular o próximo é iniciar um relacionamento onde o discipulador ensina, corrige, serve de exemplo e ama (DEVER, 2016, p.28).

Bonhoeffer detalha as diferenças entre a graça real no poder de Jesus Cristo que transforma vidas, onde há o verdadeiro discipulado e a graça barata que não promove mudança, pois nem sequer há Cristo nela:

A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento do pecador, é o batismo sem disciplina eclesial, é a comunhão sem confissão de pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, é a graça sem cruz, é a graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado. A graça preciosa é o tesouro oculto no

campo, pelo qual o ser humano vende feliz tudo que possui; é a pérola preciosa, pela qual o mercador oferece todos os seus bens; é o domínio do reino de Cristo, pelo qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; é o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo deixa suas redes para trás e o segue (BONHOEFFER, 2016, p.17).

O apóstolo Paulo nos ensina que o discipulado é árduo, é um trabalho que requer luta para se exercer (Colossenses 1.28-29). Devemos agir da mesma forma se desejamos fazer o bem ao próximo (DEVER, 2016, p.24). O custo do discipulado relatado em Lucas, como apresentado na introdução deste trabalho, nos dá esse panorama. Madureira (2019, p.14) estuda o tema traçando a argumentação em torno da distinção entre os dois sentidos de discipulado: um como ato de seguir a Jesus e outro como ato de ajudar as pessoas a seguirem a Jesus.

Seguir a Jesus “não é uma tarefa a mais, como ter um trabalho. [...] É tudo. É um compromisso solene que compele o candidato a discípulo a reordenar todos os seus outros deveres” (BLOMBERG, 2017, pp.378-379). “Então Jesus disse aos seus discípulos: - Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mateus 16.24 NAA). “- Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus” (Lucas 9.62).

1.1. O discipulado como Jesus ensinava

Marcos 9.30-50 demonstra o caminhar de Jesus junto aos discípulos, os seus ensinamentos, as dúvidas que surgiam a respeito de determinados ensinamentos e as explicações de Jesus referente as dúvidas. Blomberg (2017, p.366), em seu estudo sobre essa passagem, detalha que Jesus está predizendo sua morte e ressurreição, mas percebe uma falta de entendimento e angústia de seus discípulos (vv. 31-32). Enquanto os discípulos discutiam sobre grandeza (vv. 33-34), Ele com extrema humildade, amor e paciência, dá explicação sobre como eles deveriam proceder: (a) ter uma atitude como a de um servo ou uma criança (vv. 35-37); (b) reconhecer a legitimidade de quem ensina sob a autoridade de Jesus, sendo ou não do círculo de amizade deles; (c) evitar a possibilidade de escândalos – para os outros e para si próprios – considerando-se o julgamento por vir (vv. 42-49); e (d) viver em paz entre si e com os outros (v. 50).

Em Lucas 9.57-62 Jesus traz um ensinamento colocando à prova os que desejavam segui-lo.

57 Enquanto seguiam pelo caminho, alguém disse a Jesus: — Vou segui-lo para onde quer que o senhor for. 58 Mas Jesus lhe respondeu: — As raposas têm as suas tocas e as aves do céu têm os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. 59 A outro Jesus disse: — Siga-me! Mas ele respondeu: — Senhor, deixe-me ir primeiro sepultar o meu pai. 60 Mas Jesus insistiu: — Deixe que os mortos sepultem os seus mortos. Você, porém, vá e anuncie o Reino de Deus. 61 Outro lhe disse: — Senhor, quero segui-lo, mas permita que antes disso eu me despeça das pessoas da

minha casa. 62 Mas Jesus lhe respondeu: — Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus.⁸

Bonhoeffer (2016, pp.34-36) faz o seguinte estudo desta passagem: (1) o primeiro discípulo se oferece para seguir Jesus; ele não foi chamado por Jesus. Ninguém pode chamar a si mesmo! Ele é advertido de que não sabe o que diz e faz, pois o assunto que Cristo trata é do caminho da cruz, e, ninguém pode desejar isso por escolha própria. Há um abismo entre se oferecer espontaneamente ao discipulado e o verdadeiro discipulado. Mas quando Jesus chama, Ele transpõe o abismo mais profundo; (2) o segundo discípulo quer enterrar o pai antes de seguir Jesus. Está preso a lei humana. A isso o chamado de Jesus se contrapõe veementemente, não admitindo que, logo naquele momento, algo se interponha entre Jesus e aquele que foi chamado, mesmo que seja o que exista de maior e de mais sagrado, mesmo que seja a lei. Jesus opõe-se à lei e ordena o discipulado. Só Cristo pode falar desse modo. É dele a última palavra; o outro não pode contestar. Esse chamado, essa graça, é irresistível; (3) o terceiro discípulo entende como o primeiro, mas este quer impor, criar condições para o discipulado. Aqui o discipulado deixa de ser discipulado.

Jesus utilizava do recurso de parábolas para os seus ensinamentos. Elas tinham como característica de atrair ou repelir os ouvintes, ou seja, ou elas afastavam ainda mais os que já estavam distantes de Deus ou atraíam aqueles que seriam regenerados (BLOMBERG, 2017, p.343). Kunz (2020) analisa as parábolas de Jesus abordando-as como gênero literário e conceitua parábola como a explicação de algo desconhecido através de figuras conhecidas (o cotidiano no contexto em que estavam inseridos). Ele afirma que as parábolas ajudam os ouvintes (também a nós leitores) a enxergar através dela o que não poderia ser visto sem ela: nossa própria realidade por exemplo. Fazia com que os ouvintes parassem e pensassem sobre suas ações ou dar respostas a Jesus.

O texto de Lucas 14.25-35 é um claro ensino de Jesus através de parábola. A palavra “aborrecer” (conforme ARA e ARC) é uma vívida hipérbole semita para “amar menos” (BLOMBERG, 2017, p.382), uma característica literária da parábola. Jesus mostra através dessa parábola o cálculo do custo de segui-lo (vv. 28-30) com o custo de não o seguir (vv. 31-32), “e fica claro que o segundo custo é de longe muito mais alto” (BLOMBERG, 2017, p.382).

Jesus ensinava as multidões, como sabemos no conhecido Sermão da Montanha (Mateus 5-7). Ele tinha conversas cruciais com os seus discípulos, explicando a Sua Missão (João 5.19-47). Também ensinava nas sinagogas. Mas nem tudo que era ensinado era bem recebido, como

⁸ Lucas 9.57-62. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/1840/LUK.9.naa>. Acessado em: 01/05/2022.

exemplificamos acerca do ensino através de parábolas. Após realizar uma série de feitos como ensinamentos, orações, alimentar uma multidão a partir de cinco pães e dois peixes, andar sobre o mar, Jesus ensina que Ele é o pão da vida (João 6.22-40); repreende aqueles que vão ao seu encontro somente com o intuito de obter mais alimento físico (v. 26); e de que Ele é o verdadeiro Pão que alimenta, no qual Deus Pai é quem dá (vv. 32, 33 e 35). Os judeus murmuravam ao ouvirem isto (vv. 41, 42 e 52), e Jesus tecendo a tese de Sua Missão, para que veio ao Mundo, de que o Pão é a sua Carne, e, que havia descrentes entre eles, muitos dos seus discípulos o abandonam, pois o ensinamento era duro (vv. 60 e 66)! Os verdadeiros discípulos de Jesus permanecerão nele mesmo quando os seus pecados forem confrontados através do ensinamento da Palavra: “Porventura, quereis também vós outros retirar-vos? Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (João 6.67-69 ARA).

Outro aspecto a se destacar é que Jesus ia até as pessoas para ensinar. Como analisado no texto de Mateus 9.35-38, Jesus observava as pessoas aflitas, estava atento a elas (v. 36). Também devemos não somente observar e estar atentos aos aflitos e necessitados, mas também ir até eles! O versículo 35 diz que Jesus percorria [περιῆγεν (*periegen*)], no sentido de ir, andar ao redor. Ele percorria observando os necessitados para ensinar [διδάσκων (*didaskon*)], no sentido de que a causa, o motivo dele percorrer por entre os povoados, as cidades, era para ensinar para que eles pudessem aprender [δᾶω (*daô*)] o evangelho [εὐαγγέλιον (*euangelion*) – boas notícias] do Reino [βασιλείας (*basileias*)] no qual Ele proclamava/pregava [κηρύσσω (*kerysson*)].

O que podemos extrair é que as pessoas estão por aí aflitas e necessitadas. Assim como Jesus, devemos estar atentos a essas particularidades indo até essas pessoas com o objetivo de pregar e ensinar a verdade do Evangelho do Reino de Deus. Esta mensagem confrontará a alma aflita do pecador. Havendo quebrantamento e arrependimento, a pessoa permanecerá nele, pois mesmo que a mensagem seja dura e impactante, ela não terá outro caminho melhor para ir, pois a verdade a libertará (João 8.32). Se dá assim o início de um verdadeiro discipulado.

1.2. O discipulado como ensino

Discipular é ensinar. Ensinamos com palavras e ensinamos todas as palavras transmitidas por Jesus e todas as palavras da Bíblia, e o ensino ocorre quando as pessoas aprendem a manter entre si conversas espirituais significativas (DEVER, 2016, p.30).

Ensinar é um ato de amor. “Eu lhes dou um novo mandamento: que vocês amem uns aos outros. Assim como eu os amei, que também vocês amem uns aos outros. Nisto todos conhecerão que vocês são meus discípulos: se tiverem amor uns aos outros” (João 13.34-35 NAA). Se para discipular pressupõe-se que antes somos discípulos, também se pressupõe que amamos (ao menos deveríamos) a quem discipulamos. Este amor deve estar centralizado em Jesus, na Sua Palavra, no evangelho. “Com que tipo de amor Jesus amou seus discípulos? Ele os amou com um amor que apontava continuamente para as palavras do Pai” (DEVER, 2016, pp.41-42). Amar e ensinar assim como Jesus fez.

A Bíblia atribui a nós esse tipo de trabalho. Paulo diz para estimularmos e edificarmos uns aos outros (1ª Tessalonicenses 5.11) e ensinar uns aos outros, desejando que todos sejam maduros em Cristo (Colossenses 1.28); e o autor aos Hebreus (Hebreus 10.24) diz para que pensemos em animar uns aos outros ao amor e às boas obras (DEVER, 2016, pp.54-55).

O ensino como educação cristã, é uma forma consistente e prática de conduzir pessoas ao amadurecimento, por meio do estudo da Palavra de Deus, proporcionando o desenvolvimento do indivíduo como um todo, lhe oferecendo condições de crescer em sua vida espiritual, no conhecimento de Deus e das Escrituras (MOLOCHENCO, 2007, pp.15-16). E o estudo leva a leitura, ao crescimento na graça e conhecimento de Jesus (2ª Pedro 3.18). Hendricks nos lembra que um dos nossos objetivos é formar estudiosos da Bíblia para o resto da vida. Nosso ensino deve ser uma forma de estimular nossos discípulos a fazerem isto: a terem entusiasmos com a Palavra de Deus, incentivando-os a explorar as Escrituras por si mesmos. “O segredo do estudo bíblico é esse: ensinar os outros o que devem procurar nas Escrituras, e na certa eles encontrarão” (HENDRICKS, 1991, p.124). Molochenco (2007, p.17) diz que a educação cristã somente cumpre sua missão quando olha para o indivíduo de forma integral, pois o desenvolvimento das pessoas abrange os aspectos físico, emocional, social e intelectual. A Palavra tem a resposta que expressa o desejo de conhecer e viver a verdade: “Ensina-me, Senhor, o caminho dos teus decretos, e os seguirei até o fim. Quanto amo a tua lei! É a minha meditação todo o dia!” (Salmo 119.33 e 97). “— Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha” (Mateus 7.24). A Palavra de Deus constitui o núcleo desse conhecimento (MOLOCHENCO, 2007, p.50).

2. O DISCIPULADO NA IGREJA PRIMITIVA

Em Atos 2.42-47 dá-se o surgimento da Igreja. O texto diz:

42 ἦσαν δὲ προσκατεροῦντες τῇ διδασκίᾳ τῶν ἀποστόλων καὶ τῇ κοινωνίᾳ καὶ τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου καὶ ταῖς προσευχαῖς. 43 Ἐγένετο δὲ πάσι ψυχῆ φόβος, πολλὰ τε τέρατα καὶ σημεῖα διὰ τῶν ἀποστόλων ἐγένετο. 44 πάντες δὲ οἱ πιστεύοντες ἦσαν ἐπὶ τὸ αὐτὸ καὶ εἶχον ἅπαντα κοινά, 45 καὶ τὰ κτήματα καὶ τὰς ὑπάρξεις ἐπίπρασκον καὶ διεμέριζον αὐτὰ πᾶσι καθότι ἄν τις χρεῖαν εἶχε· 46 καθ' ἡμέραν τε προσκατεροῦντες ὁμοθυμαδὸν ἐν τῷ ἱερῷ, κλῶντές τε κατ' οἶκον ἄρτον, μετελάμβανον τροφῆς ἐν ἀγαλλιάσει καὶ ἀφελότητι καρδίας, 47 αἰνοῦντες τὸν Θεὸν καὶ ἔχοντες χάριν πρὸς ὅλον τὸν λαόν. ὁ δὲ Κύριος προσετίθει τοὺς σφωζομένους καθ' ἡμέραν τῇ ἐκκλησίᾳ.⁹

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por meio dos apóstolos. Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, o Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos.¹⁰

Há o resumo do que era essencial para o discipulado, onde os apóstolos ensinavam sobre Jesus e Sua obra; a responsabilidade de cada um como seguidor de Cristo; bem como a comunhão com Cristo e a igreja.¹¹ De acordo com Lucas, os cristãos se dedicaram a quatro meios básicos pelos quais eram discipulados (NANCE, 2019), e se tornaram prioridade do cristianismo primitivo.¹² São eles: doutrina, comunhão, partir do pão e orações.

É importante ressaltar que os discípulos cristãos exerciam estas atividades descritas no verso 42, com perseverança [*προσκατεροῦντες (proskarterountes)*], no sentido de uma contínua devoção, continuando firmemente a exercer esses meios prioritários do discipulado cristão. Nance (2019) explica o que Lucas relatou acerca dessas prioridades: a dedicação a doutrina, o ensino [*διδασκίᾳ (didachē)*] dos Apóstolos, foi uma parte constante e inegociável em suas vidas, onde ouviam e estudavam a verdade revelada em Jesus Cristo. A devoção a comunhão [*κοινωνία (koinōnia)*] é baseada na comunhão do Deus trino, que é uma comunhão eterna, e nós que somos feitos à Sua imagem, fomos feitos para comunhão com Ele e uns com os outros. O partir do pão [*κλάσει τοῦ ἄρτου (klasei tou artou)*] provavelmente se referia a

⁹ ΠΡΑΞΕΙΣ ΑΠΟΣΤΟΛΩΝ 2.42-47. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/209/ACT.2.byz04>. Acessado em: 01/05/2022.

¹⁰ ATOS DOS APÓSTOLOS 2.42-47. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/1840/ACT.2.naa>. Acessado em: 01/05/2022.

¹¹ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo da Reforma. Sociedade Bíblica do Brasil. 2017, p. 1812

¹² HOLMAN. Bíblia de Estudo King James. Editora BV Books. 2018, p. 1784.

observância dos Sacramentos (Ceia do Senhor junto com o batismo). “[...] os sacramentos do batismo e a Ceia do Senhor comunicam o amor adotivo do Pai, a graça sacrificial do Filho e a comunhão vivificante do Espírito, de maneira a transformar e equipar os discípulos. Os sacramentos, como a comunhão dos santos, nos lembram que devemos nos reunir corporativamente para crescer como indivíduos” (NANCE, 2019).

E as orações [*προσευχᾶς (proseuchais)* – sentido de adorar; orar fervorosamente] eram feitas de forma coletiva representando o culto da igreja primitiva. Como responsabilidade da igreja (Atos 1.14), eles conheciam e usavam do poder da oração para serem cheios do Espírito Santo.

Muitos eram os milagres, sinais e prodígios realizados (v.43), tantos que Lucas não pode escrever todos. Os sinais eram tremendos a ponto de haver temor [*φόβος (fobos)* – literalmente medo; susto; estar alarmado, em alerta] em cada um¹³, mas, havia em todos a União do Espírito (v. 44).¹⁴ E unidos ao Espírito, estavam atentos as necessidades físicas dos outros, e voluntariamente e com satisfação, contribuía(m) (v. 45).¹⁵

Eles participavam o máximo possível em união e comunhão no Templo (v. 46)¹⁶ e em união e comunhão de casa em casa. Os discípulos da igreja primitiva eram participativos na vida um do outro, sendo unânimes [*ὁμοθυμαδὸν (homothymadon)*], no sentido de estarem de comum acordo, uma só mente¹⁷. E toda esta união, alegria, era exaltando, louvando o nome do Senhor (v. 47), que é o dono da Igreja.¹⁸ Sendo assim, o próprio Senhor acrescentava dia após dia mais discípulos a Sua Igreja, demonstrando que a igreja primitiva era evangelizadora, e a mensagem central era a crucificação e ressurreição de Jesus Cristo.¹⁹

Este é o modelo de igreja discipuladora que Jesus deixou para que praticássemos nos dias de hoje.

3. A PANDEMIA DA COVID-19

O vírus SARS-COV-19 causador da enfermidade que ficou conhecida como Coronavírus, mudou todas as pessoas do mundo, no âmbito físico, mental e social. O isolamento ou

¹³ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo de Genebra. Editora Cultura Cristã. 2009, p. 1426.

¹⁴ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo de Genebra. Editora Cultura Cristã. 2009, p. 1426.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo da Reforma. Sociedade Bíblica do Brasil. 2017, p. 1812.

¹⁷ HOLMAN. Bíblia de Estudo King James. Editora BV Books. 2018, p. 1785.

¹⁸ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo de Genebra. Editora Cultura Cristã. 2009, p. 1426.

¹⁹ HOLMAN. Bíblia de Estudo King James. Editora BV Books. 2018, p. 1785.

distanciamento social, uso de máscaras, fechamento e abertura dos comércios, a vacina é ou não eficaz, e, tantos outros assuntos giraram em torno da pandemia, mas o impacto maior, foi o número de vidas ceifadas por esta doença. Nunca uma doença se espalhou tão rapidamente de forma transmissível e de distribuição de contágio quanto foi o da Covid (TEIXEIRA, 2021).

As pessoas estavam vivendo como se tivessem todo o tempo do mundo, mas, a pandemia mostrou a nossa vulnerabilidade social e a fragilidade mundial (SAYÃO & LEE, 2021). O número de pessoas que se recuperaram da Covid também é grande, mas, não sem sequelas. Numa pesquisa feita por Satie (2021), segundo médicos e cientistas, as sequelas permanecem a longo prazo até mesmo nos que tiveram casos leves da doença. Fadiga, perda do olfato ou paladar, foram os sintomas mais comuns. Mas há também dificuldades respiratórias, fadigas musculares, complicações cardíacas, renais e neurológicas. Com isso, muitas outras doenças e complicações surgiram associadas a Covid-19, inclusive as da mente, como depressão e ansiedade.

O pós-Covid é uma preocupação real, pois já está constatado que a maioria dos infectados, incluindo os de casos leves, apresentam sintomas estranhos e limitações meses depois após a recuperação, sendo os mais agravantes os transtornos neurológicos/psiquiátricos, como lapsos de memória, estresse pós-traumático, ansiedade e depressão (PINHEIRO, 2021).

Os indivíduos com predisposição para transtornos psíquicos ocorrem desde a vulnerabilidade genética até traumas na vida, comuns na infância, adolescência e alguns casos na juventude (TEIXEIRA, 2021). Eventos estressantes são como gatilhos que desencadeiam e mantêm os transtornos psíquicos. A pandemia foi um desses eventos estressantes que funcionou como gatilho para a manifestação dessas enfermidades psíquicas.

As emoções trabalham contra ou a favor e com a pandemia, aquilo que não estava bom, veio a ser mais nítido, por exemplo, o medo da pandemia já estava na mente antes dela acontecer, e o medo a ela foi a florado com o acontecimento da doença mundialmente (CALIXTO, 2021). “As emoções de medo e pânico são bem reais, bem fortes e, aparentemente, impossíveis de explicar. Ansiedade e pânico parecem sair do nada” (WALLACE, 2018, p.3). O que pode estar por trás dos pensamentos de ansiedade, são os desejos, crenças, pensamentos tais que geram medo e um ataque de pânico (WALLACE, 2018, p.10). Isso causa dor e sofrimento que trazem mudanças na qual não esperamos, e, no contexto da pandemia, foi ocasionado por pessoas que negaram a doença e por pessoas que aceitaram e cumpriram o isolamento (CALIXTO, 2021). O medo, a ansiedade, a depressão, ataques de pânico, são feridas que ocorreram na população, mesmo sem contrair a doença. E pessoas feridas normalmente

ferem, e, um nível de estresse elevado pode ser expresso verbalmente e fisicamente (CALIXTO, 2021).

Segundo um levantamento realizado por Teixeira (2021), há uma projeção para o aumento de suicídios e de pessoas mais estressadas e impulsivas para os anos de 2022 e 2023. Teixeira (2021) fez um comparativo com outros eventos pandêmicos, relatados no Livro *Psiquiatria de Pandemias* do autor Damir Huremovic (2019). Alguns exemplos que ele extraiu foram: Epidemia de SARS em 2003 em Taiwan, 10% da população apresentou pensamentos pessimistas em relação à vida. Em Hong Kong, a população afetada pelo surto apresentou altas sequelas psicológicas. 60% dos sobreviventes do SARS, apresentaram problemas psiquiátricos após 3 anos. Após 30 meses, 1 em cada 4 sobreviventes apresentaram Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

No livro *Neurologia da Covid-19* de Alberto Priori (2021), Teixeira (2021) analisou que a pessoa infectada tem um processo isquêmico e inflamatório do cérebro. Quadros graves de insônia, depressão e comprometimento da memória persistem durante meses após a infecção. O medo da doença e da quarentena agravou o quadro psíquico das pessoas. Existe o efeito Epigenético, onde a neurociência comprova que eventos agudos ou crônicos geram pequenas alterações na estrutura genética, e essas alterações perduram ao longo da vida, podendo ser passado para as próximas gerações.

As consequências pós-covid são graves e prolongadas. Com encarar este futuro agora tão próximo? Como lidar com estas mudanças?

3.1. A soberania de Deus sobre a pandemia

Deus reina sobre o coronavírus. O vírus não pertence ao diabo, como muitos disseram. A Bíblia nos ensina acerca disso, e, a Bíblia corretamente entendida, é a voz de Deus (PIPER, 2020, p.2). Deus é O Criador (Gênesis 1-2). Cada partícula de poeira cósmica na imensidão do Universo até cada proteína de nosso ser é criação dEle. Deus criou os vírus! Ele não somente criou como também governa sobre os vírus, sobre toda a criação (Salmo 103.19; 1º Crônicas 29.11-12; Colossenses 1.16-17; Jó 38-39; Jeremias 5.22; Mateus 8.27). Tudo está sob a ordem, o decreto soberano de Deus. O vírus cumpre o propósito estabelecido por Deus. Tudo acontece porque Deus deseja que aconteça.

É fato que o pecado é o motivo de toda miséria física existir (PIPER, 2020, p.41), e, “as vezes Deus usa doenças para trazer juízos particulares sobre aqueles que o rejeitam e se

entregam ao pecado” (PIPER, 2020, p.47). Deus é Santo e Justo, e age com retidão em Julgamento e Provação, e através da pandemia, conclamando ao povo a se arrepender de seus pecados. Arrependimento é uma mudança de mente e coração, é valorizar a Jesus mais do que todas as outras relações (PIPER, 2020, pp.57-58 conforme em Mateus 22.37). Para O Seu povo, este juízo é purificador e não punitivo (PIPER, 2020, p.47). “Porque chegou o tempo de começar o juízo pela casa de Deus; e, se começa por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus? E, “se é com dificuldade que o justo é salvo, que será do ímpio e do pecador?”” (1ª Pedro 4.17-18 NAA).

Há mais um propósito no qual se cumpre de acordo nos relata as Escrituras: “Porém todas essas coisas são o princípio das dores” (Mateus 24.8 NAA). As dores de parto em que o Mundo sente, onde se inclui a pandemia de coronavírus, soa como lembrete e alerta de que Jesus está voltando, e, Ele quer que vejamos essas dores e estejamos preparados para a Sua volta (PIPER, 2020, pp.51-53 conforme em Mateus 24.44). O que Deus faz através do câncer, das tragédias naturais, da fome, do coronavírus, “é nos mostrar – [...] dolorosamente – que nada neste mundo oferece a segurança e a satisfação que encontramos na grandeza e dignidade infinitas de Jesus” (PIPER, 2020, p.59). Esta segurança só temos diante de um Deus que é provedor e nos sustenta, que firma a nossa fé no Autor e Consumador dela (Hebreus 12.2). E esse sustento nos dá a garantia que aqui não é o nosso fim. Não há o que temer diante da morte, diante da Covid, diante do câncer, “acordado ou dormindo – ou seja, vivo ou morto – eu estarei vivo com Deus” (PIPER, 2020, p.3 conforme em 1ª Tessalonicenses 5.9-10).

A providência de Deus diante do coronavírus é agridoce. [...] o Todo-Poderoso tornou minha vida muito amarga! De mãos cheias eu parti, mas de mãos vazias o SENHOR me trouxe de volta. [...] O Todo-Poderoso me trouxe desgraça! (Rute 1.20-21). A doçura da palavra de Deus não diminui no meio dessa providência agridoce. A soberania que poderia parar a crise do coronavírus, ainda que não o faça, é a mesma soberania que sustenta a alma durante esse tempo (PIPER, 2020, p.24).

Jesus Cristo é a nossa Rocha. A Rocha que está sob nossos pés agora, onde o objeto de nossa esperança está no futuro, mas a experiência desta esperança está no presente. E esta experiência é atual e poderosa, e a Rocha que devemos permanecer é a Rocha da ação de Deus no mundo agora e para sempre (PIPER, 2020, pp.5-8). E através de Sua Palavra obtemos o tipo de conselho certo no qual precisamos ouvir e seguir.

Não vamos e nem devemos esquecer a pandemia. Na concepção de tempo no hebraico bíblico é que nada foge do controle de Deus, O único acima de todas as coisas que rege todo o tempo (SAYÃO & LEE, 2021). Lee (SAYÃO & LEE, 2021) nos traz a aplicação: no passado

devemos nos lembrar com gratidão de tudo que Deus fez; no presente devemos viver intensamente construindo o hoje; e no futuro devemos ter a esperança no que Deus tem preparado, a expectativa de alcançar os propósitos dEle.

Aprendemos com a pandemia e lidamos com as dificuldades tendo a certeza de que Deus nos sustenta e que podemos habitar seguros nEle (Deuteronômio 33.27).

4. O DISCIPULADO COMO TERAPIA

“A pandemia abriu um caminho para a realidade missionária”, e o compartilhar a fé de uma maneira favorável e positiva, se faz necessário (SAYÃO & LEE, 2021). Precisamos tratar das feridas emocionais desenvolvendo uma inteligência emocional e espiritual, com mudanças de atitudes e pensamentos, fazendo isso no hoje, pois não sabemos o que virá amanhã (CALIXTO, 2021).

A pandemia deixou as pessoas sofrendo, como ovelhas que não possuem pastor. Estão perdidas, e nós, devemos estar atentos aos seus anseios, assim como Jesus esteve e está, e ir até essas pessoas (Mateus 9.35-38). Como temos visto até aqui, sem Jesus Cristo não há discipulado, e se há em nós o desejo de realizar é porque Jesus, por intermédio do Espírito Santo, nos convocou para este trabalho. É somente por meio de Jesus que podemos amar e cuidar uns dos outros.

Não existe caminho direto entre os seres humanos. Não alcançamos nosso semelhante nem por meio da empatia mais amorosa, nem da psicologia mais elaborada, nem da franqueza mais natural; não há relação direta entre almas. Cristo é o Mediador (BONHOEFFER, 2016, p.76).

Como ministros de Cristo, devemos amar e receber bem a todos, independente das necessidades e situações individuais, e não ignorando seus problemas com palavras mesquinhas (MARSHAL & PAYNE, 2015, p.28 conforme em Tiago 2.14-17). Como partes de um só corpo (Romanos 12; 1ª Coríntios 12), cada membro da Igreja de Jesus é responsável pelo outro, ou seja, toda a congregação tem a responsabilidade de se certificar de que cada membro – seja criança ou adulto, homem ou mulher – está sendo amado e estimulado no amor (Hebreus 10.24), tornando-se assim uma comunidade que assume a responsabilidade por seus membros (DEVER, 2016, p.48).

É necessário que haja em nós como partes da Igreja, uma cultura de discipulado. Cada um de nós recebeu um dom para o bem comum, e, deve ser usado para a edificação do corpo

de Cristo. “As igrejas não precisam tanto de programas especiais quanto carecem de culturas de discipulado, nas quais cada membro priorize a saúde espiritual do outro” (DEVER, 2016, p.50). É claro que precisamos de estruturas (atividades, programações, planejamentos, reuniões, etc.) para funcionarmos, mas, o mais importante é o cuidado com as vidas das pessoas, e isso não precisa de muito mais do que um lugar para se reunir e a Bíblia para ser estudada/ensinada, e essas estruturas devem dar base para que haja o discipulado. “A obra fundamental de qualquer ministério cristão é pregar o evangelho de Jesus Cristo no poder do Espírito Santo de Deus e ver pessoas convertidas, mudadas e crescendo para a maturidade nesse evangelho” (MARSHAL & PAYNE, 2015, p.15). Nosso objetivo é levar as pessoas a viverem em direção ao conhecimento de Deus, de uma vida santa, independente se estão enfrentando problemas ou não, (MARSHAL & PAYNE, 2015, p.28), independente, mas se importando, caso estejam sofrendo com o pós-covid, colocando em prática o discipulado de Cristo (Colossenses 1.28).

Marshal e Payne (2015, p.28) questionam se estamos sendo retroativos ou proativos em nosso discipulado. A comparação que realizam sobre as atividades das igrejas serem a treliça e o povo ser a videira, é justamente mostrando o entendimento de que na grande maioria, há predominância de importância à treliça do que à videira. Isso tendo em vista que a obra da treliça é mais fácil do que o da videira, pois, “a obra da videira é pessoal e exige muita oração. Exige que dependamos de Deus e abramos a boca para falar a Palavra de Deus” (MARSHAL & PAYNE, 2015, p.16). A treliça, ou seja, as atividades, programações, reuniões etc., são importantes sim e sustentam a videira. Mas a videira, ou seja, o Corpo de Cristo, é que necessita de atenção, cuidado, plantio, rega, poda, e conforme ela vai crescendo, aí sim se aumenta o crescimento da treliça.

Uma das atividades pela qual estimulamos o crescimento da videira em discipulado, é o pequeno grupo. Assim como Jesus se reunia com seus discípulos, assim como fazia a Igreja Primitiva, este modelo é extremamente eficaz para o cuidado terapêutico da vida das pessoas, pois promove encontros intencionais que, através da proclamação do Evangelho, são capazes de ajudar as pessoas a terem suas vidas transformadas (CHAGAS, 2021).

Passos (2021) comenta sobre os benefícios do discipulado em pequenos grupos onde há uma melhora na vida da Igreja. Melhora nossa comunhão, pois passamos a descobrir as necessidades uns dos outros. Acontece um pastoreio mais eficiente, onde cuidamos uns dos outros. Uma melhor assistência aos que sofrem, aos necessitados. Melhor qualidade no ensino da Palavra, sendo uma prática que leva a igreja no crescimento numérico, onde se visa que cada

membro se torne um evangelista e que cada lar é um local de evangelização. Momentos de oração e louvor a Deus.

Jesus é o grande incentivo para praticarmos o discipulado (CHAGAS, 2021) através dos pequenos grupos. Ele é o grande e único incentivo e exemplo para cuidarmos daqueles que estão sofrendo, andando ansiosos, em depressão, com sequelas da Covid, pois podemos nos compadecer e ir até elas (Mateus 9.36). Podemos tratar de suas feridas e doenças (Mateus 9.36), não só assistindo com possíveis tratamentos médicos e terapêuticos, mas também e principalmente, com o amor, a comunhão, a pregação e ensino da Palavra de Deus (Mateus 9.35). Podemos nos colocar acessíveis e aconselhar as pessoas ajudando-as crescerem em Cristo, crescendo no amor e em desejo de servir e ministrar aos outros (ESWINE & PORTE, 2020).

No cuidado aos que estão sofrendo, quando caminhamos no discipulado, por meio da Palavra mostramos que a mão de Deus está sobre nossas vidas não somente nas vitórias, mas também nas derrotas; não apenas no consolo, mas na disciplina; não somente quando abraça, mas também quando corrige (LIDÓRIO, 2020, p.11). “... – Até aqui nos ajudou o SENHOR.” (1º Samuel 7.12 NAA), nesta passagem Deus se compadeceu do seu povo, após se arreponderem, quando sofreram uma grande derrota. Samuel ergue um altar ao Senhor em gratidão. O “até aqui” nos ensina e leva a olhar para o dia presente, e, até o dia de hoje a sua misericórdia e graça, sua paciência e bênção, sua proteção e guarda esteve conosco, mas também nos ensina a olhar os dias que virão, o tempo que está na nossa frente (LIDÓRIO, 2020, p.12). Ele está conosco hoje e no amanhã não será diferente!

O discipulado é uma ferramenta terapêutica para os que estão sofrendo, pois quem pratica ama o sofredor. Quem pratica dedica tempo, atenção. Quem pratica, escuta. É importante ouvir o que o outro tem a dizer. Quem pratica também faz perguntas, procura entender e mostra-se interessado (Provérbios 20.5). Também é importante falar, aconselhar, reanimar (Provérbios 15.1; 12.25; 16.21). Quem pratica fala com Deus! E também se fala de Deus, ensinando a Palavra da Verdade, e quando ela é crida, as pessoas são transformadas (ESWINE & PORTE, 2020).

CONCLUSÃO

Chegamos ao final deste artigo entendendo que O Senhor Jesus é quem escolhe os seus discípulos. Ele nos ordena e nos capacita a fazermos discípulos dEle e para Ele. Por meio de Sua Palavra, temos as diretrizes de como praticar um discipulado genuíno e saudável.

Analizamos o texto em Mateus 9.35-38 e vemos como Jesus praticou o discipulado para com os que estão perdidos e em sofrimento. Devemos estar atentos, vigilantes e em oração, mas também caminhando em direção aos necessitados, e isso só se dá através de um amor que é concedido por Jesus a nós, através do Espírito Santo. Precisamos pregar o evangelho do Senhor Jesus, e ensinar os Seus ensinamentos que são fonte de verdade e vida. Alinhado a esta prática, está o cuidado das necessidades da vida física, emocional e social.

Há dois anos vivemos a pandemia da COVID-19. E mesmo que hoje aparentemente as vivências estejam se normalizando, aprendemos neste estudo, que as sequelas provocadas pela doença do coronavírus e pelo isolamento social, agravaram os transtornos psíquicos e podem perdurar por muito tempo. Sintomas de ansiedade e depressão, e um número elevado de suicídios, nos trazem preocupação. O pós-covid é uma preocupação presente e real!

É fato que há a necessidade de um tratamento e acompanhamento médico e psicológico para estas pessoas. Mas também é fato que elas estão “como ovelhas que não possuem pastor”. Há o anseio de serem cuidadas mais de perto, de serem amadas e protegidas, e nós como discípulos de Cristo, temos a ferramenta para exercer este cuidado. Podemos mostrar que é a fé em Jesus Cristo que pode livrá-los da ansiedade (BONHOEFFER, 2016, p.150), da depressão, da taquicardia, da doença crônica renal, de todos os males, e, mesmo que Ele não venha livrar, Ele nunca abandonará, pois temos nEle verdade e vida, e não há outro lugar melhor para irmos estando ou não com enfermidades e/ou enfrentando dificuldades.

O discipulado é eficaz para todos! O caminhar em grupos, o auxílio de levar as cargas uns dos outros, a assistência as necessidades, o se alegrar com a alegria do próximo e chorar a dor do próximo (Romanos 12.15) só é possível em comunidade, em vivência em grupo. O discipulado em pequeno grupo é eficaz e fundamental, pois a Igreja Primitiva praticava, e temos nela o modelo de exemplo e sucesso desta prática que cuida dos que estão sofrendo.

O discipulado é uma ferramenta terapêutica não só para o convívio de um mundo pós-pandemia, não somente para os que estão sofrendo com as sequelas da Covid, mas é para todos em qualquer circunstância! É uma ferramenta de grande valor pois são vidas cuidando de vidas. São pessoas se importando com a saúde e desenvolvimento dos outros. E este crescimento dará frutos para a Glória do Senhor Jesus, anunciando a Sua Salvação, proclamando O Seu Reino.

O discipulado de Jesus que é praticado por Sua Igreja, é o instrumento para atrair os que sofrem, os cansados, os perdidos, os sem esperança, os ansiosos e deprimidos. É a Igreja que possui a autoridade dada por Jesus, que é capaz de apresentar O Caminho, que não é um

lugar, mas alguém, que pode amenizar toda a dor, e, proporcionar uma grande família que cuida e ama uns aos outros.

REFERÊNCIAS

- BONHOEFFER, D. **Discipulado**. Editora Mundo Cristão. Edição Eletrônica. 2016.
- BLOMBERG, C. L. **Introdução aos evangelhos**. Editora Vida Nova. 2017.
- CALIXTO, S. **A missão no mundo pós-pandemia: como lidar internamente com as mudanças**. Igreja Batista Nações Unidas. Disponível em: <<https://youtu.be/0VxCXTLer28>>. Acessado em: 13/11/2021.
- CHAGAS, J. **Evangelização e discipulado**. APECOM - CTA. Disponível em: <<https://cta.ipb.org.br/discipulado>>. Acessado em: 01/06/2021.
- DEVER, M. **Discipulado**. Editora Vida Nova. 2016.
- ESWINE, Z.; PORTE, W. **Aconselhamento na depressão**. Curso Fiel de Liderança. Disponível em: <<https://conteudo.cursofielidelideranca.com.br>>. Acessado em: 09/01/2020.
- HENDRICKS, H. **Ensinando para transformar vidas**. Editora Betânia. 1991.
- HUREMOVIC, D. **Psychiatry of Pandemics**. A mental health response to infection outbreak. Publishing company Springer. 2019.
- KUNZ, C. **As Parábolas: O Gênero Literário de Jesus**. Disponível em: <<https://youtu.be/0uZGQyU3Yt0>>. Acessado em: 10/10/2021.
- LIDÓRIO, R. **Aos que sofrem**. Edição do autor. 2020.
- MADUREIRA, J. **O custo do discipulado** - a doutrina da imitação de Cristo. Editora Fiel. 2019.
- MARSHALL, C. ; PAYNE, T. **A Treliça e a Videira** - a mentalidade do discipulado que muda tudo. Editora Fiel. 2015.
- MOLOCHENCO, M de O. **Educação Cristã**. Curso Vida Nova de Teologia Básica. Ed. Vida Nova. 2007.
- NANCE, M. A. **Os meios comuns de discipulado**. Disponível em: <<https://voltemosaoevangelho.com/blog/2019/09/os-meios-comuns-de-discipulado/>>. Acessado em: 08/05/2022.
- PASSOS, P. de T. **Pequenos grupos e evangelização**. APECOM - CTA. Disponível em: <<https://cta.ipb.org.br/pequenos-grupos>>. Acessado em: 16/12/2021.

PINHEIRO, C. **Uma doença chamada pós-Covid.** Veja. Disponível em:

<<https://saude.abril.com.br/medicina/uma-doenca-chamada-pos-covid/>>. Acessado em: 16/12/2021.

PIPER, J. **Coronavírus e Cristo.** Editora Fiel. 2020.

PRIORI, A. **Neurology of COVID-19.** Publishing company Milano University Press. 2021.

SATIE, A. **Sequelas da covid podem persistir por longo prazo até em casos leves.** CNN Brasil. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/sintomas-da-covid-19-podem-persistir-por-longo-prazo-ate-em-casos-leves/> >. Acessado em: 16/12/2021.

SAYÃO, L.; LEE, S. **A missão no mundo pós-pandemia:** como enfrentar o futuro se tudo ficou inseguro? Igreja Batista Nações Unidas. Disponível em: <<https://youtu.be/yUMq5T2jUik>>. Acessado em: 27/11/2021.

TEIXEIRA, C. R. **A missão no mundo pós-pandemia:** a pandemia e a saúde mental. Igreja Batista Nações Unidas. Disponível em: <<https://youtu.be/trNrm7fla8E>>. Acessado em: 02/12/21.

WALLACE, J. **Ataques de ansiedade e pânico - confiando em Deus quando você tem medo.** Editora Fiel. 2018.



FÉ, DOGMAS, DÚVIDAS: UMA ANÁLISE DA ERA ATUAL DA COMUNICAÇÃO DA FÉ CRISTÃ NAS OBRAS DE TIMOTHY KELLER

Bel. Daniel Benhur Oliveira Martins¹

RESUMO

Tendo em vista que a sociedade atual é cética quanto a Deus e quanto a fé cristã, bem como a qualquer dogma ou tradição histórica, o que tem gerado uma barreira na comunicação do evangelho à indivíduos seculares, o presente artigo apresenta a partir da percepção das obras de Timothy Keller as particularidades e anseios da sociedade atual e propõe um modo da comunicação do evangelho, com objetivo de reagir a cultura cética da era pós-moderna, de forma apologética e evangelística, com objetivo de possibilitar uma propagação eficiente e relevante da mensagem transformadora do evangelho de Jesus Cristo. Para tanto, é necessário investigar o que é o entendimento do cristianismo por parte dos indivíduos da era atual, compreender como o evangelho responde as necessidades primárias deste, de modo a sanar as dúvidas que compõem o espectro existencial a indivíduos secularizados, céticos e ateus. Realizou-se, uma pesquisa bibliográfica qualitativa nas obras do autor mencionado e diante disso, verificou-se que a metodologia considerada como solução se mantém a mesma, a saber a pregação da mensagem do evangelho de Jesus Cristo, efetuada por leigos ou por clérigos, entretanto com a perspectiva de alcançar e transformar o coração do homem e da cultura e para isso é necessário a contextualização para efetuar uma conexão eficiente com indivíduos pós-modernos, o que impõe a constatação de que não se trata de novo método, mas do uso do mesmo, a partir de uma inversão do praticado na era anterior, onde levava-se a Bíblia a pessoas, e hoje deve-se considerar os anseios específicos do homem e da cultura local, e levá-lo a Bíblia, apresentando a este o mesmo e único evangelho, como solução definitiva em Cristo para responder de forma plena os seus maiores anseios. Pois, por mais céticos e fechados ao cristianismo que sejam, se abrirão e receberão a mensagem do evangelho de Jesus Cristo, desde que haja uma conexão no ponto de contato correto.

PALAVRAS-CHAVES: Evangelho; Ceticismo; Comunicação; Fé Cristã; Pós-moderno; Modernidade tardia; Secularismo; Dogma; Indivíduo; Era; Contextualização; Sociedade; Cultura; Cristocêntrico.

¹ Bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

ABSTRACT

Bearing in mind that today's society is skeptical about God and the Christian faith, as well as any dogma or historical tradition, which has created a barrier to the communication of the gospel to secular individuals, this article presents, from the perspective of Timothy Keller's works, the particularities and desires of today's society and proposes a way of communicating the gospel, with the aim of reacting to the skeptical culture of the postmodern era, in an apologetic and evangelistic way, in order to enable an efficient and relevant propagation of the transforming message of the gospel of Jesus Christ. To this end, it is necessary to investigate the understanding of Christianity on the part of individuals in the current era, to understand how the gospel responds to their primary needs, to resolve the doubts that make up the existential spectrum of secularized, skeptical and atheist individuals. Qualitative bibliographical research was carried out on the works of the aforementioned author and it was found that the methodology considered as a solution remains the same, namely the preaching of the message of the Gospel of Jesus Christ, carried out by laypeople or clerics, but with the aim of reaching and transforming the heart of man and culture, and for this it is necessary to contextualize in order to make an efficient connection with post-modern individuals, This imposes the realization that this is not a new method, but the use of the same one, starting from an inversion of what was practiced in the previous era, where the Bible was taken to people, and today one must consider the specific yearnings of man and the local culture, and take him to the Bible, presenting him with the same and only gospel, as the definitive solution in Christ to fully respond to his greatest yearnings. For however skeptical and closed to Christianity they may be, they will open and receive the message of the gospel of Christ Jesus, provided there is a connection at the right point of contact.

KEYWORDS: Gospel; Skepticism; Communication; Christian Faith; Postmodern; Late Modernity; Secularism; Dogma; Individual; Age; Contextualization; Society; Culture; Christocentric.

INTRODUÇÃO

Na edição XXII da revista *Fides Reformata* de 2017, Emílio Garofalo Neto, Ph.D. em Estudos Interculturais pelo Reformed Theological Seminary, em Jackson, Mississippi, EUA, afirma que “todo crente que vive no século XXI já sofreu a perplexidade que acompanha nossas interações com descrentes pós-modernos. [...] A mentalidade da era vigente é, em última análise, apenas mais uma tentativa de se rebelar contra o Deus que se revela de maneira abundante nas coisas que foram criadas. [...], mas, já que vivemos aqui e agora, é bom entendermos nosso tempo a fim de sermos melhor equipados para a parte que nos cabe na peregrinação” (FIDES REFORMATATA, 2017 p.137-143).

Timothy Keller, e diversos outros pastores e autores renomados como D. A. Carson e Francis A. Schaeffer, discutem abertamente em suas obras, o quanto as características da era atual impactam negativamente no acolhimento da mensagem do evangelho, por parte das pessoas que não compartilham da fé cristã. Para Schaeffer (2018

p. 8), a razão disto é que estamos em um mundo *pós-cristão*, que nega haver a necessidade de um ser transcendente para lhe apoiar na vida, pois o homem *iluminado*, é o detentor de sua própria razão, provedor de suas necessidades e senhor do seu destino.

Mediante a isso, pretendemos observar como a sociedade atual, abertamente cética para as soluções advindas do cristianismo, tem recebido a pregação do evangelho, para que possamos expor as feridas abertas e demonstrar que o único remédio definitivo para esta era é a mensagem redentiva do evangelho de Cristo.

Tanto os problemas, quanto as soluções, são apresentados de forma clara e sistemática na Trilogia² de Timothy Keller, denominada Fé na era do ceticismo, que deram base literária a concepção do presente artigo. A partir destas obras e de outros autores que dialogam com estas questões, abordaremos a fé, os dogmas e as dúvidas, da sociedade atual, que se mostra cética e carregada de narrativas sectárias quanto a qualquer dogma ou tradição, principalmente quanto as questões advindas da fé cristã. Apresentaremos neste, características relevantes desta cultura de modo a fomentar a elaboração de ferramentas, que levem a uma conexão e comunicação eficiente da pregação do evangelho, que é a única solução capaz de impactar esta sociedade, de modo a regenerar a cultura e seus indivíduos convertendo este caminho de autodestruição.

1 A FÉ E A DESCONSTRUÇÃO DE DOGMAS: UMA SOCIEDADE DE INCERTEZAS

Por séculos a civilização ocidental foi dominada e condicionada pela Igreja Romana, que não só influenciava, mas também dirigia a cultura e a sociedade, sendo esta o fiel das ações dos indivíduos em todas as esferas da vida. Esta situação começa a mudar efetivamente, após alguns o surgimento de movimentos, como o Humanista (séc. XIV), a Reforma Protestante (séc. XVI), e o Iluminismo (séc. XVIII). Tais movimentos quebraram as rédeas da Igreja Romana, permitindo aos indivíduos alguma autonomia de ser, pensar e agir de modo distinto do *establishment*³ dominante à época.

Estes fatos históricos influenciaram o pensamento filosófico da sociedade desde então, ao ponto de no final do século XIX, surgir uma teoria, de que somados o

² A trilogia é composta das obras : KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus** (2015); **Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo** (2017); **Deus na era secular: como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo** (2018) - São Paulo: Vida Nova.

³ A ordem [ideológica, econômica, política e legal que constitui uma sociedade ou um Estado] estabelecida em uma sociedade ou um estado - <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esta-blishment/>

*progressismo filosófico*⁴, o avanço tecnológico, ao aumento do nível de educação, resultaria em uma inevitável secularização e conseqüentemente morte das crenças religiosas (KELLER, 2015 p. 31).

Podemos se dizer, que quanto a secularização, esta teoria acertou e seu resultado é evidente na sociedade *pós-moderna*. Contudo, em relação à morte das religiões esta teoria não se efetivou, muito pelo contrário, observa-se um crescimento da religiosidade dos indivíduos. Keller (2018 p.22) afirma, que até na Europa está ocorrendo algum crescimento do cristianismo que antes estava em risco de extinção, como também ocorre uma explosão do islamismo. Mas também, tem se observado o aumento de outras crenças religiosas, bem como o surgimento de indivíduos demasiadamente mais bem equipados sem efetivamente estes serem adeptos de uma crença específica.

Em contrapartida, podemos observar que também tem aumentado a militância anticristã. Isto tem ocorrido, não somente em países em que a proibição ao cristianismo é velada e as vezes institucionalizada, mas também em países historicamente cristãos. Rodrigo Silva (2018 p.38) na obra “O ceticismo da fé”, relata algumas perseguições à religiosos cristãos em universidades brasileiras e cita expressamente casos ocorridos na USP e na Unicamp. Em um dos casos, ateus protestaram contra a titulação ao doutorado de um biólogo, pelo simples motivo deste ser *criacionista*, mesmo que a tese defendida, não tivesse nenhuma relação com questões religiosas. Outros fatos relevantes foram os ataques violentos anticristão a igrejas nos Estados Unidos da América, durante manifestações do *Movement Black Lives Matter*⁵ ocorridos em julho de 2020, e a queima de duas igrejas católicas em Santiago no Chile⁶, que ocorreu em novembro de 2020 também durante um protesto em contexto de narrativas de lutas de minorias contra as desigualdades.

A pesar destes movimentos progressistas pregarem a liberdade e o pluralismo, não tem sido a prática destes a permissão ao debate equilibrado, mas sim o silenciamento do contraditório. O conceito da moral desses é “que cada pessoa faça o que lhes aprouver, e ninguém deve criticar os valores de ninguém, pois todos têm o direito de viver a própria

⁴ O progressismo filosófico são as correntes filosóficas de tendências liberais ou melhor de aversão ao conservadorismo.

⁵ Tradução: Movimento Vidas Negas Importam

⁶ DESIDERI, Leonardo. Por que as igrejas cristãs são alvos de ataques da extrema-esquerda? Gazeta do Povo, 2020. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/igrejas-cristas-alvos-extrema-es-querda/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2021

vida. [...] O único pecado não tolerado é a intolerância” (TAYLOR, 2010 p.484). Muito embora tenhamos observado por parte destes a intolerância a conceitos históricos e tradicionais que foram fundamentados em princípios éticos e religiosos que consideram as práticas proibidas por estes pregadas. Assim sendo, os dogmas das religiões e os princípios firmados pelas instituições tradicionais, são vistos por estes como a representação máxima do cerceamento à liberdade do indivíduo. Na perspectiva destes ~~movimentos~~, todo indivíduo que pensa ou age em desacordo com o *establishment* passa a ser minoria e precisa ser defendido a todo custo. Por isso, militam em todas as instâncias e a qualquer custo, para quebrar as ordens conservadoras sociais, culturais, institucionais e religiosas estabelecidas na sociedade constituída.

Boaventura (1980 pp. 40-45), define estes movimentos como *progressista* e afirma que são orientados dirigidos para refutação e destruição das bases em que assentam a visão da História, da Sociedade e do Homem, que foram deduzidas da mensagem do cristianismo.

Quanto a estas ações de destruição intencional da sociedade estabelecida, Francis Schaeffer (2013 pp. 82-99) afirma que caminham também em direção ao colapso filosófico e científico, pois negam a necessidade de valores absolutos, que são a base dos valores reais. Ao se negar a existência ou a necessidade de absolutos, exclui-se a possibilidade de haver uma instância de apelação final para julgar indivíduos e ou grupos que tenham ações e ou opiniões conflitantes, inclusive a própria defesa das minorias. Para além do campo moral e filosófico, caminhando para o campo científico, é fácil de entender que a negação da possibilidade de absolutos, leva necessariamente a impossibilidade da existência de qualquer verdade, e conseqüentemente inabilita a verificação ou atestação de qualquer teoria e método científico.

Schaeffer avança a uma conclusão de que, se aplicarmos efetivamente este conceito, não sobraria nada, nem o homem, pois em última análise, esse irá contestar até a autoconsciência de existência. Quanto a isto, ao final de um apanhado histórico-filosófico afirma que:

Depois de termos feito toda esta viagem do orgulhoso homem da Alta Renascença e do Iluminismo descendo até o desesperado homem do presente, já podemos entender onde o homem moderno está. Ele não tem lugar para um Deus pessoal. Mas também não há lugar para o homem enquanto homem, nem para o amor, nem para a liberdade, nem para o sentido. Isso nos leva a um problema crucial. Partindo exclusivamente do homem em si, o homem diz que não passa de uma máquina. Mas os que sustentam esta postura não conseguem viver como máquinas! Se pudessem, não haveria tensão na sua postura

intelectual ou na sua vida. Mas mesmo as pessoas que acreditam que eles são máquinas não podem viver como máquinas, e assim eles são obrigados a “dado salto” para o degrau de cima, contra a sua razão, para tentar encontrar algo que dê sentido a sua vida. [...] Uma solução intelectual como [aquela] é um suicídio intelectual e nós poderíamos questionar a integralidade intelectual daqueles que aceitam tal posição considerando que o seu ponto de partida estava no orgulho que tinha da suficiência da razão humana. (SCHERFFER, 2013 p. 99)

Como podemos observar, na era da *modernidade tardia*⁷, existe uma cultura dividida, uma luta por parte de alguns para destruir os conceitos já estabelecidos e por parte de todos a ausência de uma disposição em dialogar. Keller (2015 p.19) afirma que, esta guerra cultural está cobrando seu preço à sociedade. Pois de um lado, estariam aqueles que consideram que o cristianismo pretende impor suas crenças sobre o restante das pessoas e atrasando o avanço da sociedade, pois está firmada em princípios de uma era menos esclarecida. Em contrapartida, do outro lado estariam os que afirmam, que quem não compartilha da sua crença é inimigo da verdade e agente do relativismo e da permissividade. Podemos então admitir, que o único consenso entre esses, é que ambos não estão dispostos a dialogar com o outro lado, havendo apenas a mútua acusação.

Estes fatos foram apresentados para que pudéssemos compor um panorama geral da sociedade de nossa era, é claro que ao apresentarmos os extremos fica a impressão de que todos estão ou de um lado ou de outro, o que não é verdade. Contudo, a demonstração deste cenário, serve muito bem para compreendermos a necessidade de um olhar diferente, onde aquele que não se identifica com estes extremos deve procurar caminhos de uma reconstrução da sociedade, com objetivo de ao menos conectar os indivíduos. Enquanto cristãos, sabemos perfeitamente que só há um caminho que é Cristo, contudo se faz necessário haver ao menos diálogo para que haja a recepção da mensagem salvadora.

2 RECONSTRUÇÃO DA FÉ EM UMA SOCIEDADE DE DESCONSTRUÇÕES

O crescimento da religião em um *mundo evoluído*, que deveria se opor a esta, em parte se dá pela sensação de que faltam coisas no raciocínio secular que são necessárias para viver bem a vida. Estas coisas são originadas no campo do pensamento humano, em questões existências, isto é proveniente de falta de resposta a questões da dimensão, transcendente, religiosa, metafísico, ou outros conceitos correlatos (KELLER, 2018 p. 24).

⁷ Termo utilizado por Timothy Keller em suas obras sendo de sentido similar a pós-modernidade.

Embora haja este distanciamento aparente entre as partes, Keller (2015 p.19) os agrupa em campos filosóficos próximos, que são o campo da moral e o campo da fé. E ainda afirma que, de um lado estão os que têm dúvida e do outro lado os que têm fé. Muito embora, de certa forma haja dúvida e crença em ambos os lados.

Como proposta de coexistência, e conseqüentemente uma via de reconstrução desta sociedade em dúvidas, objetivando um ponto de contato entre o secularismo e o cristianismo, para pavimentar um caminho para a evangelização e para a apologética da fé cristã, Keller (2015 pp. 19-26) propõe alguns pontos.

O primeiro é a aceitação de que ambos, tanto a fé religiosa, quanto o ceticismo estão em alta. Esta aceitação deve ocorrer com humildade, sem revanchismos e disputa de forças.

O Segundo é que cada lado deve examinar suas dúvidas de uma maneira radicalmente nova, pois toda dúvida se baseia em um salto de fé. Assim como, uma fé sem questionamento é como um corpo sem anticorpos, pois torna o indivíduo impotente e despreparado para experiências trágicas, ou acareações com céticos preparados. Portanto, os crentes devem obrigatoriamente buscar a razão de sua fé. Somente quando cada lado examina bem as suas dúvidas, é que estarão seguros para discordar do outro de forma justa. Este autoexame e o questionamento ordenado e respeitoso, leva civilidade a uma sociedade que atualmente está sediciando e se auto fagocitando.

O terceiro ponto, é buscar uma via espiritual, pois quando se tentar respeitosamente ajudar os céticos a examinar os fundamentos das suas próprias crenças e dúvidas, será aberto um amplo caminho e demonstrado inconsistências nas argumentações céticas que só podem ser respondidas em Cristo. A partir do momento em que apresentarmos críticas coerentes e fundamentadas, oferecendo o caminho a questões em que as razões ceticistas não respondem, principalmente as dúvidas sobre o pós-morte, seremos aceitos e ouvidos, pois em última análise estes estão sedentos por respostas.

Schaeffer (2018 p.14) assevera ainda mais a situação da sociedade atual, o que corrobora para o terceiro ponto de Keller, ao afirmar que “o homem moderno pensa que está sozinho no universo. Ninguém para amar o homem, ninguém para o confortar, até mesmo quando ele busca desesperadamente encontrar conforto nas relações limitadas, finitas, horizontais da vida”.

Além destes pontos apresentados, outra questão importantíssima, é que a abordagem evangelística ao homem atual, deve levar em consideração que ele não tem mais nenhum

conhecimento claro sobre o cristianismo bíblico, e mais do que isso, a cultura atual alterou-se de cristã para pós-cristã (SCHAEFFER, 2018 p. 11).⁸ Assim sendo, se estamos em uma sociedade pós-cristã, e concluímos que as necessidades desta são respondidas na religião, como poderemos encaminhá-la ao evangelho? Considerando que aparentemente não existe nenhum motivo específico para buscarmos a solução apenas no cristianismo como religião. Keller levanta este questionamento, e o responde da seguinte forma:

Existe uma diferença profunda e fundamental entre o modo pelo qual as outras religiões nos dizem que busquemos a salvação e o modo descrito no evangelho de Jesus. Todas as outras religiões importantes foram fundadas por mestres que mostram caminho para a salvação. Somente Jesus afirmou ser ele próprio o caminho da salvação. A diferença é de tal ordem que, embora o cristianismo certamente possa ser chamado de religião no sentido mais amplo, [...] usaremos o termo religião para nos referir à salvação por meio do esforço moral e evangelho para nos referir à salvação por meio da graça. (KELLER, 2015 p. 205)

Quanto ao cristianismo, o que a sociedade pós-cristã conheceu ou que observou com maior atenção, foi a religiosidade farisaica⁹ de um falso cristianismo, que destoa em muito do real evangelho e dos frutos de uma pessoa que vive como um verdadeiro servo e imitador de Cristo. (KELLER, 2015 pp. 208-210).

A perspectiva secularista é formada a partir da avaliação da natureza das coisas, focando somente nos pontos que discorda e fechando os olhos para os fatos, fazendo uma leitura seletiva. E por isto, Keller afirma que “as pessoas não são sem religião por falta de conhecer alguma religião, mas justamente pelo fato de à conhecerem. [...] Tanto os crentes quanto os não crentes em Deus chegam à posição que adotam por uma combinação de experiência, fé, raciocínio e intuição” (KELLER, 2018 p.12).

Portanto, uma análise do cristianismo onde estes quatro requisitos sejam desequilibrados, levará a uma análise parcial e desequilibrada. Produzindo uma noção errada do que é o evangelho de Jesus Cristo. Cabe ressaltar que a análise dos quatro requisitos que leve ao convencimento e a aceitação de Cristo como Senhor, deverá obrigatoriamente ser conduzida pelo Espírito Santo (cf. João 6. 7-11), não sendo possível

⁸ Embora a abordagem de Schaeffer esteja falando da sociedade europeia e norte americana, tal situação, pode representar uma parcela significativa da sociedade atual no Brasil.

⁹ Quanto ao farisaísmo, Keller não usa o termo, fazendo menção ao partido religioso judaico, conforme registrado no Novo Testamento bíblico, mas o aplica a cristãos que se caracterizam por serem extremamente dedicados em cumprir os preceitos religiosos por medo da perdição, mas que não foram convertidos efetivamente. Estes vivem de forma dupla, pois são dedicados aos exercícios religiosos, mas não praticam o amor de Deus com o próximo, gerando assim uma religiosidade hipócrita. Isto levou a igreja e conseqüentemente o cristianismo a ser percebido por alguns como uma religião, exclusivista, insegura, moralista e desunida

ao homem chegar à conclusão acertada sem a ação de Deus.

O real evangelho de Jesus Cristo, se distingue em muito do que é entendido por céticos como religião. Para demonstrar a diferença entre religião e evangelho, com objetivo de propôs a uma reconstrução do conceito, apresentaremos a seguirum quadro comparativo, onde será demonstrado a oposição entre a religião em geral e a mensagem do evangelho. Observe que para este caso o cristianismo, se praticado de forma divergente do evangelho, também poderá vir a ser enquadrado como religião.

Quadro comparativo entre e religião e a mensagem do evangelho

RELIGIÃO	EVANGELHO
“Obedeço; portanto, sou aceito.”	“Sou aceito; portanto, obedeco.”
A motivação é baseada no medo e na insegurança.	A motivação é baseada na alegria cheia de gratidão.
Obedeço a Deus para receber coisas dele.	Obedeço a Deus para agradá-lo e para me assemelhar a ele.
Quando as coisas dão errado em minha vida, fico irado com Deus ou comigo mesmo, pois, como os amigos de Jó, acredito que qualquer pessoa boa merece ter uma vida boa.	Quando as coisas dão errado em minha vida, eu me debato, mas sei que, enquanto Deus permite que as dificuldades me aprimorem, ele exerce seu amor paterno em meio às circunstâncias difíceis.
Quando sou criticado, fico furioso ou arrasado porque é essencial para mim achar que sou uma “boa pessoa”. Qualquer ameaça a essa autoimagem tem de ser destruída a qualquer preço.	Quando sou criticado, eu me debato, mas não acho importante ver a mim mesmo como uma “boa pessoa”. Minha identidade não está baseada em meu desempenho, mas no amor de Deus por mim em Cristo.
Minha vida de oração consiste, em grande parte, em petições e apenas se torna fervorosa quando estou com problemas. O objetivo principal da minha oração é controlar as circunstâncias.	Minha vida de oração consiste, em um bom tempo de louvor e adoração. Meu objetivo principal é ter comunhão com Deus.
Minha autoimagem oscila entre dois polos. Se e quando satisfaço meus padrões de comportamento, sinto-me confiante, mas então fico propenso ao orgulho e a insensibilidade com as pessoas que fracassam.	Minha autoimagem não é a de alguém que alcança os padrões morais. Em Cristo, sou ao mesmo tempo um pecador perdido, mas aceito. Sou tão mal que ele teve de morrer por mim, e sou tão amado que ele se alegrou em morrer por mim. Isso me leva a uma profunda humildade, assim como uma confiança mais profunda,
Se e quando não satisfaço meus padrões, sinto-me humilde, mas não confiante - achando-me um fracassado.	sem que eu fique me lamentando ou sem que eu seja arrogante.

Minha identidade e dignidade estão baseadas principalmente na minha dedicação ao trabalho e na minha moral. Assim, tenho de menosprezar as pessoas que considero preguiçosas ou imorais. Desprezo as pessoas e sinto-me superior a elas.	Minha identidade e dignidade estão centralizadas naquele que morreu por seus inimigos, entre os quais eu mesmo me incluo. Somente por pura graça sou o que sou; portanto, não posso menosprezar quem acredita em algo diferente de mim ou pratica algo diferente. Não tenho a necessidade interior de vencer discussões.
Como me apoio em meu desempenho ou status para ser aceito espiritualmente, meu coração fabrica ídolos - talentos, histórico moral, disciplina pessoal, classe social etc. Para mim, é imprescindível ter essas coisas, e nelas deposito minha esperança, meu sentido, minha felicidade, minha segurança, meu significado e tudo o que afirmo acreditar sobre Deus.	Tenho muitas coisas boas na vida - família, trabalho etc. - porém nenhuma delas é tudo para mim. Não tenho de possuí-las a qualquer custo. Portanto, há um limite no grau de ansiedade, de amargura e de desespero que elas possam me impor quando são ameaçadas ou perdidas.

(KELLER, Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho, 2014, p. 78)

Além da necessária diferenciação entre a religião e o evangelho de Cristo, a proclamação da mensagem deste evangelho, mesmo que feita por leigos, deve apresentar um conteúdo claro. Pois segundo Kannenberg (2017, estamos em uma era de consumo de conteúdo, consumo este que é muitas vezes feito de forma incidental por parte do consumidor, mas sempre proposital pelo produtor.

Assim sendo, Gathercole (2006 apud Keller, 2014 pp. 56-57) propõe um esboço em três pontos, que sintetizam o conteúdo da mensagem do evangelho, com base na pregação.

1. O Filho de Deus esvaziou-se e veio [encarnou / nasceu] ao mundo em [como] Jesus Cristo tornando-se servo;
2. Ele morreu na cruz como sacrifício substitutivo;
3. Ele ressurgiu [ressuscitou] do túmulo como as primícias ou primeiros frutos de um mundo inteiramente renovado.

Somando a este esboço, para uma compreensão mais adequada e completa, a mensagem do evangelho deve ser inserida dentro de um plano mais amplo, de modo a não ficar solto, já que é parte importante de uma única *Missio Dei*.¹⁰

Posto isso, torna-se fundamental inserir, a mensagem do evangelho dentro do contexto geral, como no enredo sugerido a seguir (KELLER, 2014 p. 54):

1. O que Deus quer para nós (Criação);
2. O que nos aconteceu e deu errado com o mundo (Queda);
3. O que Deus fez por meio de Jesus Cristo para endireitar as coisas (Redenção);

¹⁰ *Missio Dei* é a Missão de Deus para o Mundo: “recuperar a criação e a vida da humanidade da devastação causada pelo pecado”. (GOHEEN, 2014 p. 31)

4. Em consequência de tudo isso, qual será o fim da história (Restauração).

A apresentação da narrativa do evangelho, a partir deste enredo, pode vir a gerar algumas perguntas, que devemos estar preparadas para responder. Keller as chama de capítulos e as sistematiza no quadro a seguir.

Roteiro da mensagem do evangelho descrito como capítulos da história

CAPÍTULOS	NARRATIVA DO EVANGELHO	VERDADES DO EVANGELHO
Capítulo 1	De onde viemos?	De Deus: aquele que é Único, mas se relaciona conosco
Capítulo 2	Por que as coisas deram tão errado?	Por causa do pecado: escravidão e condenação
Capítulo 3	O que restaurará as coisas	Cristo: encarnação, substituição, restauração
Capítulo 4	Como posso ser restaurado?	Por meio da fé: graça e verdade

(KELLER, Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho, 2014, p. 41)

Observe como as perguntas apresentadas no quadro acima, que só são respondidas plenamente pelo evangelho de Cristo, tem o mesmo teor das perguntas existenciais que são feitas em nossa sociedade atual, e que não são respondidas adequadamente por outros meios. Portanto, podemos admitir que a única narrativa possível de reconstruir a nossa sociedade é a mensagem do evangelho de Cristo. “Somente se pregarmos sempre Cristo poderemos mostrar de que maneira a bíblia toda faz sentido” (KELLER, 2017 p. 72).

3 A PRÁTICA DO EVANGELHO EM UMA SOCIEDADE ESPECULATIVA

O ceticismo filosófico é umas das características mais fortes da sociedade pós-moderna, tanto que o filósofo francês Jean François Lyotard (2003 apud NASCIMENTO, 2011, p. 26), afirma que o “pós-moderno é a incredulidade em relação às metanarrativas”.

Podemos considerar que o ceticismo leva a metanarrativas especulativas, pois a partir das afirmações de Nascimento (2011 pp.38-50) passamos a entender que a especulação se alimenta supressão dos absolutos. Este exemplifica que tal afirmação se assemelha a dizer que os conhecedores das questões científicas, físicas ou metafísicas, “não [sabem] verdadeiramente o que [creem] saber”, gerando uma crise do saber

científico, e mesmo o saber científico só é verdade se estiver alinhado com as narrativas, que passam a conferir “legitimidade ao saber científico ou como um fim em si mesmo ou com finalidade crítica em razão do uso feito dele pelo sujeito social” (NASCIMENTO, 2011 p. 45).

Apesar de tentar negar a existência de verdades e absolutos, a pós-modernidade, não extinguiu do debate, “os grandes temas da ética – como os direitos humanos, a justiça social, o equilíbrio entre cooperação pacífica e autoafirmação pessoal, e a sincronização da conduta individual com o bem-estar coletivo” (BAUMAN, 1997 p.8).

Entretanto, estas questões históricas, hoje são vistas e tratadas de maneira nova, pois a razão pós-moderna, é caracterizada pela “mentalidade individualista, interessando-se egocentricamente só por si mesma”, desprezando, Deus, a fé e os dogmas religiosos como motivadores da ética. Assim sendo, a moralidade tem o propósito de autopreservação, como caminho mais racional a se tomar para a sobrevivência individual, e a continuidade das ações morais, dependerá da reciprocidade e da aceitação coletiva (BAUMAN, 1997 p.10, 68).

A partir dessas afirmações, podemos admitir que as ações individuais, ou coletivas praticadas na sociedade pós-moderna, independentemente de serem boas ou más, éticas ou antiéticas, são pautadas pelo utilitarismo do indivíduo, ou do grupo agente da ocorrência em análise. Haja vista que, a pós-modernidade eliminou os absolutos que poderiam julgar qualquer coisa, e o que vale atualmente é o pragmatismo da metanarrativa adotada pelo indivíduo ou grupo. Portanto estas ações, em última análise, terão por objetivo o autobenefício de cada indivíduo, e o bem ou mal que for fruto desta ação é o efeito colateral e a busca do auto benefício individual.

John Stott (1989 p. 37), afirma que o motivo das ações filantrópicas dos humanistas seculares, se baseia na dignidade do homem, com objetivo de promover o desenvolvimento do vasto potencial e possibilidades realizáveis do ser humano. Algo muito semelhante ao conceito de *dignidade da pessoa humana*, que é um dos valores fundamentais do Estado democrático de direito, nos termos do artigo 1º, III da Constituição Federal de 1988, que no final das contas também culminará em um fazer o bem ao outro para que de algum modo o ciclo resulte em benefício pessoal ou na validação da metanarrativa adotada por aquele indivíduo.

Diferente disso, a prática do evangelho de Cristo, foge de toda esta especulação, pois sai de um mero discurso epistemológico, tornando-se em práticas de amor ao próximo

e perdão ao ofensor, bem como não visa a reciprocidade, pois as ações são feitas como fruto natural de uma pessoa com coração transformado e mente de Cristo.

Keller (2015 p. 226) afirma que “todo amor transformador [do evangelho] envolve uma troca, uma inversão de papéis, mas aqui se trata da Grande Inversão. Deus, detentor do poder supremo, troca de lugar com os marginalizados, os pobres e os oprimidos”. Esta Grande Inversão, que serve como balizador das atitudes do cristão, é iniciada na Cruz, onde Jesus Cristo, sendo Deus, se fez humano, arcou com a dor, a violência e o mal em favor e no lugar do mundo, oferecendo “seu sangue a fim de honra a justiça moral e amor misericordioso de modo que um dia possa destruir todo o mal sem nos destruir” (KELLER, 2015 p. 223).

Portanto, ser cristão é agir e viver para a glória de Deus como parte integrante e atuante da *Missio Dei*, evangelizando, mostrando o caminho do perdão e da reconciliação com Deus através de Jesus, promovendo a justiça restauradora e redistributiva, buscando aprofundamento relacional para fortalecer as comunidades humanas, não só a igreja, mas também fazendo a diferença nas comunidades comuns. Tudo isto, com objetivo de glorificar a Deus e de transformar o mundo a partir de ações e serviços, a sociedade e a cultura, labutando com a expectativa futura do mundo perfeito, que é o Reino de Deus (KELLER, 2015 pp. 253-255).

Sem a transformação pelo evangelho, é natural que o homem se relacione, com o objetivo de buscar benefício próprio, com a promoção da autoimagem a partir do uso do outro em favor de si. O evangelho converte esta lógica, pois nos tornamos humildes, ao entender que somos pecadores salvos unicamente pela ação da graça e misericórdia de Deus. Ao sermos transformados, conseguimos começar a nos relacionar com os outros pelo bem deles. Esta transformação também nos leva a nos sentirmos amados e reconhecidos como filhos de Deus, que sem dúvidas é um sentimento superior a qualquer reconhecimento e aprovação de outras pessoas. Mas também nos dá coragem e humildade para nos conectarmos com outras pessoas, com objetivo de crescer junto com elas em Cristo (KELLER, 2014 pp. 378-379).

Como pudemos observar, o evangelho forma comunidades e a prática deste, cria relacionamentos de serviço e não uma sociedade individualista, exclusivista e egoísta. Assim sendo, o evangelho chama o povo de Deus em laços de amor, criando uma comunidade radicalmente diferente de qualquer sociedade ao seu redor (KELLER, 2014 p. 369).

Keller (2014 p.380). afirma que esta comunidade, é a “maneira de realizarmos tudo o que Cristo nos mandou fazer no mundo, [...] é em si mesma parte da boa notícia [...] que Cristo conquistou por você na cruz, uma vida nova junto com o povo de Deus”. “E conclui que a prática do evangelho vai além de pôr os cristãos em contato uns com os outros; ele também nos põe em contato com as pessoas da cidade que ainda não conhecem a Deus e cujas necessidades podemos ajudar a atender através dos ministérios de justiça e de misericórdia” (KELLER, 2014 p. 382).

4 EPÍLOGO: POR UMA COMUNICAÇÃO DA FÉ INTENCIONALMENTE CONTEXTUALIZADA

Considerando as proposições feitas nas seções anteriores, em especial a última seção, onde concluímos que a prática do evangelho de Cristo leva a uma vida em comunidade e também a busca da transformação do homem e da cultura, devido a missão escatológica da Igreja (como instituição e como indivíduos membros do corpo de Cristo) de proclamar o único caminho para a redenção da humanidade como um todo, entendemos que se faz necessário uma conexão com a sociedade de modo a propiciar uma comunicação eficiente deste evangelho.

Edward T. Hall (1994 apud SERRA, 2007 p.25) afirma que *a cultura é comunicação e a comunicação é cultura*. Portanto, a comunicação efetiva da mensagem do evangelho, não deve desconsiderar a cultura na qual está sendo propagada.

Contudo, o evangelho deve julgar todas as culturas, embora não exista apresentação do evangelho isenta de cultura, bem como não existe uma única forma de comunicá-lo a toda e qualquer cultura, muito embora haja apenas um único evangelho (KELLER, 2014 p. 113).

Keller (2014 p. 109) fecha a questão entre comunicação do evangelho e a cultura, afirmando que, “todo ministério que brota do evangelho e toda comunicação do evangelho já está profundamente adaptado a certa cultura. Então é importante contextualizar de modo consciente”. Já que a cultura é quem, determina ou influencia as decisões, emoções, as relações sociais, as compreensões e a forma de racionalizar dos indivíduos inseridos nela. Portanto todos esses fatores têm de ser considerados quando desejamos realizar o ministério da evangelização.

Em síntese, a contextualização é a transmissão “da mensagem do evangelho a uma nova cultura evitando transformar a mensagem desnecessariamente em algo estranho a

essa cultura, mas sem deixar de fora nem obscurecer o escândalo e a ofensa da verdade bíblica” (KELLER, 2014 p. 107).

Esta se faz necessária, e deve ser executada de forma intencional, pois se considerarmos que a era da modernidade tardia é *elástica* e expande suas causas de militância, ampliando a cada dia os alvos da desconstrução, é de fácil conclusão que exigirá cada vez mais esforços argumentativos para um diálogo apologético transformador. Seja na pregação formal em uma catedral da cidade, seja em uma pequena igreja rural ou de gueto ou em uma conversa informal entre um cristão com um indivíduo secular comum, a contextualização é o meio eficiente, para que possamos continuar comunicando a todos a única solução para a era presente, que é a mensagem redentora de Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, pudemos observar as necessidades da sociedade pós-moderna com sua cultura ceticista e entender que seus maiores anseios, aquilo que realmente domina o coração da cultura, e conseqüentemente a centralidade dos indivíduos, só podem ser completamente respondidas em Cristo Jesus, a partir das ações da sua graça já aplicada hoje e ainda mais na certeza vindoura do Reino de Deus, que irá regenerar o homem que confessar Jesus Cristo como Senhor, e igualmente regenerar toda a Terra, extirpando as ações danosas do pecado que corrompeu tudo que havia sido criado por Deus.

A prática do evangelho de Cristo leva a uma vida em comunidade e a transformação do indivíduo e da cultura, e que todo ministério que brota do evangelho e toda comunicação do evangelho já está profundamente adaptado a certa cultura. Portanto deve haver a contextualização, para que o evangelho se conecte e influencie de forma eficiente as decisões, emoções, as relações sociais, as compreensões e a forma de raciocinar dos indivíduos.

Também foi verificado, que é necessário avaliar as questões e os anseios específicos da cultura local, e contextualizar a mensagem do evangelho, para se obter uma conexão e comunicação eficiente do evangelho ao coração do homem e da sociedade. Pois, por mais céticos e fechados ao cristianismo que sejam, se abrirão e receberão a mensagem, desde que haja uma conexão no ponto de contato correto. Portanto, as dúvidas da sociedade atual, que luta para desconstruir todos os conceitos tradicionais advindos da formação cristã do ocidente, só serão respondidas com a fé em Cristo Jesus e está vem a partir da pregação do evangelho, daí a importância que nos conectemos de forma eficiente

com os indivíduos mesmo que este sejam céticos, para lhes apresentar aquele que é único caminho Jesus Cristo o Senhor.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. 2.ed. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

BOAVENTURA, Jorge. **Ocidente traído: A sociedade em crise**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 27 ago.2021.

CARSON, D. A.; KELLER, T. **O Evangelho no centro: renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013

DESIDERI, Leonardo, Por que as igrejas cristãs são alvos de ataques da extrema-esquerda? **Gazeta do Povo**. Curitiba, 20 out. 2020. disponível em: www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/igrejas-cristas-alvos-extrema-esquerda. Acessado em: 25 de Jun. 2021.

GAROFALO, Emilio. A verdade: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. **Fides Reformata**. Vol. XXII, n.1, p.137-143, 2017.

GOHEEN, Michael. W. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações**. São Paulo: VidaNova, 2014.

KANNENBERG, Vanessa. O fazer jornalístico na era do consumo incidental de conteúdo noticioso: uma análise exploratória do aplicativo Snapchat. **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul Porto Alegre**, Rio Grande do Sul: UFRGS, 2017.

KELLER, Timothy. **O Deus pródigo: descubra a essência da fé cristã na parábola mais tocantede Jesus**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibradoe centrado no evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KELLER, Timothy. **Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KELLER, Timothy. **Deus na era secular:** como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Editora MelhoramentosLtda.: disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/establishment/>. Acesso em 25 de jun. de 2021

NASCIMENTO, Adão Carlos. **A bíblia é nossa testemunha.** São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

NASCIMENTO, João Paulo Costa do. **Abordagens do pós-moderno em música:** a incredulidade nas metanarrativas e o saber musical contemporâneo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SCHAEFFER, Francis. **Como Viveremos?** São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

SCHAEFFER, Francis. **Morte na cidade:** A mensagem à cultura e à igreja que deram as costas a Deus. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

SERRA, Joaquim Paulo. **Manual de Teoria da Comunicação.** Covilhã, Portugal: Editora Livros Labcom, 2007.

SILVA, Rodrigo. **O ceticismo da fé:** Deus: uma dúvida, uma certeza, uma distorção. Barueri: Ágape, 2018.

STOTT, Jhon. **O cristão em uma sociedade não cristã.** Niterói: Editora Vinde, 1989.

TAYLOR, Charles. **Uma era secular.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010.



A ECLESIOLOGIA MISSIONAL COMO FORMADORA DE DISCÍPULOS DE CRISTO¹

Bel. Nilson de Oliveira Pinto Pereira²

RESUMO

O presente trabalho busca descrever e analisar o papel da Igreja de Cristo em um panorama histórico e teológico na *Missio Dei* (ou seja, a Missão de Deus), no que diz respeito ao *discipulado*, sob a ótica da Teologia Reformada. Um dos grandes exemplos está no texto Bíblico de Atos 2:42-47. O ápice da vida de um cristão é ser um discípulo de Cristo, um filho de Deus em Cristo Jesus, e isto exige de nós o cumprimento da Missão de Deus na Terra. Discípulos geram outros discípulos através do ensino da Bíblia Sagrada, das orações, da vida comunitária e da caminhada de vida. Da mesma forma, busca-se entender como a igreja que compreende a importância da missão pode se tornar também uma igreja discipuladora. Ser missional está diretamente atrelado a viver o discipulado, pois isto é a grande missão da Igreja. Há uma vital ligação entre o conceito de *missionalidade* e de *discipulado*, afinal, a missão da Igreja é essencialmente fazer discípulos e consolidá-los na fé cristã. Por fim, a intenção é entender como o papel eclesial que desempenhamos é uma das principais ferramentas que o Senhor nos dá para desenvolver, na prática, a missão de formar discípulos de Cristo em uma igreja local.

PALAVRAS-CHAVE: Eclesiologia; Discipulado; Missiologia; *Missio Dei*; Formação de discípulos de Cristo; Igreja Missional; Sacerdócio Universal dos Santos; Liderança Eclesiástica; Membresia.

ABSTRACT

The present work seeks to describe and analyze the role of the Church of Christ in a historical and theological panorama in the *Missio Dei* (that is, the Mission of God), with regard to discipleship, from the perspective of Reformed Theology. One of the great examples is in the Biblical text of Acts 2:42-47. The apex of a Christian's life is to be a

¹ Essa produção bibliográfica se trata de um dos pontos desenvolvidos na monografia **A Eclesiologia Missional como formadora de discípulos de Cristo**, sob a orientação do Prof. Dr. Rev. Júnio César Rodrigues Lima, no Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

² O autor é bacharel em Teologia do Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton (Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro), candidato ao Sagrado Ministério da Igreja Presbiteriana do Brasil, pós-graduado em Revitalização de Igrejas pela FATIPI e professor/historiador pela Universidade Veiga de Almeida.

disciple of Christ, a son of God in Christ Jesus, and this demands that we fulfill God's Mission on Earth. Disciples generate other disciples, through teaching the Holy Bible, prayers, community life and the walk of life. Likewise, we seek to understand how the church that understands the importance of the mission can also become a disciple-making church. Being missional is directly linked to living discipleship, as this is the great mission of the Church. There is a vital link between the concept of missionality and discipleship, after all, the Mission of the Church is essentially to make disciples and consolidate them in the Christian Faith. Finally, the intention is to understand how the ecclesiastical role we play is one of the main tools that the Lord gives us to develop the Mission in the formation of disciples of Christ in practice in a local church.

KEYWORDS: Ecclesiology; Discipleship; Missiology; *Missio Dei*; Formation of disciples of Christ; Missional Church; Universal Priesthood of Saints; Ecclesiastical Leadership; Membership.

INTRODUÇÃO

O Discipulado é a maior Missão da Igreja.
Abmael Filho³

O termo *missional* não se trata apenas de um neologismo oriundo da eclesiologia pós-moderna ou de mais um dos muitos modismos criados com o foco no crescimento de igrejas; ele é um resgate da eclesiologia bíblica. Ele começa a ser utilizado em 1998, ano em que foi publicado um livro chamado *Missional Church* de Darrell L. Guder nos Estados Unidos. Desde então, passou a ser amplamente divulgado, sobretudo em movimentos de *plantação de novas igrejas*, destacando-se a *Spanish River Church*, igreja cristã em Boca Raton, na Flórida, conhecida mundialmente como a maior plantadora de novas igrejas nos últimos anos.

O conceito de *missional* veio ressignificar outro conceito vital na Missiologia. A intenção de Guder foi aplicar um conceito antes divulgado por missiólogos importantes como Lesslie Newbigin (1909-1998) e David Bosch (1929-1992) sobre missões na vida prática e no contexto urbano, o conceito de *missio Dei* (KELLER, 2014, p. 303). Newbigin e Bosch entendiam que o conceito de *missio Dei* era ainda mais amplo do que chamá-lo apenas de *missão de Deus*. É atender ao Seu chamado como Igreja de ir, cada vez mais, pelo mundo secularizado e participar do que o Senhor tem feito nele (NEWBIGIN, 2019, pp. 63-72), seja nas cidades, nos campos, nas regiões mais ricas ou

³ BTCAST Vida Nova 010: Discipulado. Entrevistado: Abmael Filho (pastor da Primeira Igreja Batista de Atibaia). Entrevistador: Rodrigo Bibó de Aquino. **BiboTalk Produções**, 05/07/2018. Podcast. Disponível em: https://youtu.be/wcYbfv_uu30. Acesso em: 21/05/2022.

mais pobres. Para eles, missões é o que Deus realiza na história desde sempre e um discípulo de Cristo necessariamente participa disto (NEWBIGIN; BOSCH apud KELLER, 2014, pp. 297-301).

Ser *missional*, acima de tudo, significa fazer missão onde estivermos, sem necessidade de mudar de CEP⁴. Deus fez de Jesus Cristo, Seu único filho, um missionário ao enviá-Lo à Terra, e como o próprio Cristo é *missional*, nós, Seus discípulos, também devemos ser (LIVINGSTONE, 2005, n.p.). Aliás, uma das principais funções que o Senhor veio realizar foi exatamente começar um movimento constante de formação de discípulos e o coletivo disto se chama igreja local. Mais do que isso, o próprio Deus é o missionário por excelência, a *missio Dei* é Dele. E Ele nos chama a entender as crises que o mundo expressa e a responder com o Evangelho, ouvindo sempre o Espírito Santo, exatamente como fez Jesus e Seus primeiros discípulos (BOSCH, 2021, p. 27-30). Assim, toda vez que um discípulo de Cristo, fiel à mensagem do Evangelho, passa a dialogar com a cultura na qual está inserido (quer seja por sua origem étnica ou pelo fato de estar domiciliado em determinada região cultural), este discípulo será um missionário. Em outras palavras, ele exercerá o seu *caráter missional*, e o coletivo disto é o que caracteriza uma *igreja missional*. Adotar essa concepção como estilo de vida, alinhando espiritualidade e prática, é de fato o que a Bíblia Sagrada ensina para todos aqueles que seguem a Jesus. Assim, ter um *caráter missional* significa o mesmo que ser missionário onde se está, isto é, não apenas dentro de um prisma transcultural. Pois, enquanto vivemos, devemos cumprir a *grande comissão* que Jesus incumbiu a todos os seus discípulos como cooperadores Dele em missão (STETZER, 2015, p. 16).

Há um grande esforço visível de trabalhar e desenvolver o conceito de *igreja missional* no Brasil, sobretudo a partir da segunda década dos anos 2000. Mas esta ênfase nestes dois importantes pilares do Cristianismo na vida dos discípulos de Cristo, especialmente nos moradores do Rio de Janeiro, tem surtido efeitos transformadores? Em uma análise minuciosa das igrejas cristãs neste estado, nota-se que muito tem se usado o termo *missional*, porém, a conexão entre esse termo e o discipulado como formador de *igrejas missionais* é incipiente.

⁴ Código de Endereçamento Postal.

A região da Baixada Fluminense⁵ e a cidade de São Gonçalo⁶ são consideradas algumas das regiões aonde o número de evangélicos mais cresceu nos últimos dez anos, porém, seguem sendo regiões muito violentas e com falta de oportunidades de emprego ou de inserção sociocultural. Ou seja, apesar de mais pessoas terem se convertido, não se nota uma mudança social, política, cultural e econômica nestes lugares. O mesmo acontece nas comunidades mais carentes cariocas, onde se observa até mesmo o nefasto fenômeno que vem sendo chamado por sociólogos e jornalistas de *narcopentecostalismo*⁷. Este fenômeno se caracteriza por traficantes que se consideram evangélicos e usam conceitos da fé cristã para explorar e atuar. O mesmo quadro contraditório acontece nas igrejas de classe média e alta das cidades brasileiras, aonde o progressismo ou o conservadorismo tem tido uma voz mais alta que o Evangelho.

Segundo a jornalista Marília de Camargo César, no Brasil, dados estatísticos apontam para um altíssimo índice de violência contra a mulher. Uma mulher a cada onze minutos é estuprada, a cada dois minutos cinco são espancadas, um feminicídio ocorre a cada duas horas, 503 mulheres são agredidas a cada hora. O Brasil é o quinto no ranking mundial dos países mais violentos contra a mulher, tudo isto numa sociedade aonde 87% de seus membros se declaram cristãos de alguma linha teológica, uma contradição enorme e alarmante (CÉSAR, 2021, p. 9).

Há uma crise em que se mostra necessária uma revisão sobre o que significa ser *missional* e praticar o discipulado. Afinal, o que o conceito de discipulado tem a ver com a *missio Dei*? Textos Bíblicos como Mateus 28:16-20 e Efésios 4:7-16 apontam para a formação de discípulos como essência da *missio Dei*. Não há *missão* efetiva sem discipulado. Um conceito, ao ser aplicado na prática, retroalimenta o outro. Isto é, cristãos missionários fazem discípulos cristãos, que se tornam cristãos missionários, e assim por diante. Da mesma forma, é importante destacar que discipulados fracos e doentios comprometem a missão. O importante, depois de nascido espiritualmente, é viver espiritualmente, e este é o grande desafio da vida cristã, o único que realmente vale à pena (SCHAEFFER, 2021, p.13).

⁵ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/maioria-da-populacao-da-baixada-de-evangelicos-seropedica-lidera-ranking-5531876.html>. Acesso em 15/05/2023.

⁶ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/09/em-encontro-com-lula-em-sao-goncalo-no-rj-evangelicos-pregam-esperanca-e-uniao>. Acesso em 15/05/2023.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/05/12/narcopentecostalismo-traficantes-evangelicos-usam-religiao-na-briga-por-territorios-no-rio.ghtml>. Acesso em 30/06/2023.

1 O DISCIPULADO COMO PONTO CENTRAL DA MISSÃO DA IGREJA

A partir daqui, analisaremos o conceito de *discipulado* e suas dimensões. Serão explorados textos Bíblicos que se referem a cada dimensão do *discipulado*. A má formação de discípulos atrapalha a *missão*, por isso o intuito deste capítulo é a exploração da múltipla dimensão de uma *comunidade missional* e a importância do *discipulado* neste processo aqui descrito. Vale frisar que, para todas as dimensões de *discipulado*, o ensino da Bíblia Sagrada e uma vida de oração, nos níveis pessoais e comunitários, são fundamentais e sempre serão também as duas principais ferramentas que um discípulo de Cristo pode lançar mão (MURRAY, 2012, pp. 199-206).

1.1 O discipulado vertical: Cristo e seu discípulo

Esta é sem dúvida a dimensão mais importante de todas, simplesmente porque é o início de tudo na vida de um discípulo de Cristo. Tudo o que somos e fazemos começa por caminharmos e nos relacionarmos com o Deus Trino. Só é possível alguém ser chamado de discípulo de Cristo se viver se relacionando, imitando e se submetendo à disciplina do Senhor.

A Bíblia Sagrada relata uma das principais orações que o Senhor Jesus fez: “E a vida eterna é esta: que conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3 NAA). Este é um versículo que aponta para o *discipulado*: a primeira aplicação é que ele não terá fim. Quando nós, discípulos de Cristo estivermos domiciliados na Nova Jerusalém, seguiremos conhecendo a Cristo e a Deus Pai eternamente. O verbo *γινώσκωσιν* (*ginōskōsin*) que é traduzido como *conheçam* no texto Bíblico está no subjuntivo, que apresenta uma ideia de possibilidade de um acontecimento linear, expressa um desejo por parte do Senhor em relação a nós, Seus discípulos. O conhecer a Jesus e ao Pai Celeste de forma continuada é nada mais, nada menos, que a dimensão de *discipulado vertical*, ou seja, que é caracterizado pela espiritualidade pessoal e relacional de um discípulo com o Deus Trino. Ele começa no *conhecer* a Deus (João 17:3), é lapidado no *amar* a Deus (Mateus 22:34-40), e se completa no *obedecer e seguir* a Deus (Mateus 16:24-28).

Boa parte dos líderes da Igreja de Jerusalém descrita em Atos 2:42-47 aprenderam com o próprio Cristo, a começar com o líder dos apóstolos, o apóstolo Pedro. A primazia dos ensinamentos do Senhor era da importância de se caminhar tendo profundo relacionamento com Deus (Mateus 6:5-14), porque Ele mesmo tinha

momentos de reclusão para se dedicar à oração e buscar a Deus incessantemente (Marcos 1:35). Jesus ensinou aqueles líderes que todo o conteúdo do Antigo Testamento (Lei e os profetas) se resumia em: amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a nós mesmos (Mateus 22:34-40). Tudo para um cristão começa ao amar a Deus acima de tudo, e a vida cristã simplesmente é incipiente sem uma dedicação séria do discípulo de Cristo em momentos a sós com Deus.

1.1.1 Tomando a sua cruz e seguindo a Cristo

O *discipulado vertical* começa e segue no conhecer e amar a Deus e se completa no obedecer. A cruz se destaca como grande símbolo do *discipulado vertical*, não somente por termos que carregar a nossa, mas porque é símbolo do sacrifício do nosso Deus, para, a partir dela, nos convidar a viver o Seu *discipulado*. O Senhor Jesus ensina aos Seus primeiros discípulos que aquele que O segue realmente é o que toma sua cruz e nega a si mesmo, vivendo de forma a priorizar o Reino de Deus ao ponto de estar disposto a dar sua própria vida por Ele (Mateus 16:24-28). O Senhor Jesus e nossos primeiros irmãos estavam em Cesareia de Filipe, uma cidade onde os seguidores de Herodes não podiam interferir no ministério deles, oportunidade que ofereceu aos discípulos conhecerem de forma ainda mais completa quem Jesus é (TASKER, 2008, p.125).

Nos versículos anteriores a perícopes de Mateus 16:24-28, Cristo começa a ensinar que Ele deveria ser crucificado e qual a importância disto para o destino do mundo. A perícopes citada faz parte do complexo denominado pelo comentarista Bíblico alemão Fritz Rienecker como o primeiro sermão da Paixão de Cristo, apontando para o sofrimento do Cristo crucificado e o sofrimento pedagógico por parte de Deus na vida dos cristãos ao dedicarem suas vidas para imitá-Lo (RIENECKER, 2017, p. 281).

Os versículos 24 e 25 desta perícopes mostram palavras do Senhor Jesus que são revolucionárias! Nenhum líder faz menção à morte mais maldita que existia em Seu tempo, a saber, a crucificação romana, como uma condição de segui-Lo. Estas palavras podem soar até mesmo como loucura para um homem natural, mas para o homem espiritual é uma condição para seguir vivendo e ganhando sua vida (conforme 1 Coríntios 2:14-16). A condição de seguir ao Senhor Jesus é negar a si mesmo, e quando Ele usa a palavra *τις* (*tis*) traduzida do grego como *alguém*, amplia a condição de ser Seu discípulo a todo aquele que nele crê (conforme João 3:16). Enquanto os líderes

judeus renunciavam ao Messias, os discípulos Dele devem renunciar a si mesmos, numa crucificação seguida de morte do eu (CARSON, 2017, p. 444).

Já nos versículos 26 e 27, nota-se a palavra grega *ψυχὴν* (*psychēn*) traduzida na NAA (Nova Almeida Atualizada) como *alma*, mas também pode ser traduzida como *vida*, como faz a NVT (Nova Versão Transformadora), por exemplo. Usar a palavra *vida* aqui dá uma dimensão maior do que Jesus quer realmente dizer: uma completa devoção a Ele, de modo que, tudo o que somos e tudo o que temos devem servir ao Rei e ao Seu Reino a partir de nossa conversão.

O especialista no Novo Testamento D. A. Carson levanta a hipótese de que o Senhor se refere a Pedro, Tiago e João no versículo 28, que seriam os primeiros homens a verem o Cristo Glorificado no episódio da Transfiguração que acontece exatamente no próximo capítulo do Evangelho de Mateus (conforme Mateus 17:1-8). Embora existam outras hipóteses de interpretação nesta fala de Jesus, percebemos que Pedro, Tiago e João são exemplos para todo cristão na História de discípulos que tomaram suas próprias cruces, negaram a si mesmos e seguiram o Senhor de forma completa e definitiva, e eram exemplos também para a igreja de Jerusalém do século I d.C. (CARSON, 2017, p. 446). Tudo o que somos e temos precisa ser de Cristo e estar à disposição do Seu Reino, não somos donos nem da nossa própria vida e nem do que está nela. Este ensinamento é fundamental, tanto foi para os nossos primeiros irmãos, quanto é para cada um de nós hoje: se não vivermos esta vida para Cristo de forma integral, a desperdiçaremos.

Este texto Bíblico expõe um alto grau de maturidade cristã alcançada através do *discipulado vertical*, que precisa seguir alguns passos importantes que a própria perícope de Mateus 16:24-28 ensina.

1.1.2 Imitar a Cristo (Negando a si mesmo)

Outro ponto fundamental que ensina o *discipulado vertical* é o imitar a Cristo como meta de vida. Ser discípulo é estar sob a disciplina de alguém, então ser discípulo de Cristo é, essencialmente, estar sob a disciplina de Jesus. É impossível seguir ao Cristo que a Bíblia expõe sem negar a si mesmo. Nossa natureza pecadora é completamente contrária à nossa natureza nascida da Aliança estabelecida entre Deus e nós em Cristo Jesus na conversão. As duas vivem em guerra para decidir quem vai nos dominar e somente através da Palavra de Deus e da ação do Espírito Santo iremos

conseguir negar os desejos pecaminosos de nossa natureza adâmica (conforme Romanos 8 e Gálatas 5).

O discípulo de Cristo é filho de Deus em Cristo Jesus, o Espírito Santo habita nele e comprova a filiação divina (conforme 2 Coríntios 1:22), e somente no poder de Deus negamos nossos desejos pecaminosos! O nosso Senhor é o Rei Servo que abriu mão da Sua Glória para servir como Cordeiro expiatório dos pecados de Seus súditos! Negar a nós mesmos é sim negar as vontades do pecado, mas também é muitas vezes trocar coisas boas pelo que é excelente! Quantos precisam decidir entre correr atrás de um sonho de vida para cumprir a Grande Comissão (conforme Mateus 28:16-20) em Missão? Ou abrir mão de um bom emprego para o mesmo fim? Negar a nós mesmos é, acima de tudo, viver conforme a vontade de Deus, seja ela óbvia, como abdicar de pecados, seja ela mais difícil de perceber, como renunciar a coisas aparentemente boas, porém, que não estão em consonância com o propósito individual de Deus para nós.

O ser humano é capaz de se autoenganar. Muitas vezes acreditamos que conseguiremos negar a nós mesmos sem a atuação do Senhor em nós, o que é uma perigosa falácia que fatalmente nos levará a criar uma espécie de cristianismo próprio (ou legalista, ou liberal, os dois inimigos da Cruz de Cristo, segundo Tertuliano), e não o Cristianismo que a Bíblia expõe. Precisamos nos esquecer de nós mesmos, como o Senhor fez, levando uma vida que se concentra no Reino de Deus, e não em nós mesmos (Keller, 2014, p.17).

Em relação à autonegação ensinada pelo Evangelho, Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) ensina que esta não tem nada a ver com suicídio, pois neste, a vontade humana ainda pode prevalecer. A autonegação bíblica é escolher conhecer apenas a Cristo e não mais a si próprio, olhando para frente no caminho e tendo consciência de que tudo o que o discípulo precisa fazer é segui-Lo porque Ele o está guiando (BONHOEFFER, 2004, p. 45). A autonegação é fundamental na vida do discípulo de Cristo, porém, ela precisa levar a um próximo passo: a morte do eu que nasceu contaminado pelo pecado. O eu pode até ter boa intenção, mas, muitas vezes, acaba fazendo o mal que não pretende porque é escravo do pecado (conforme Romanos 7:7-25).

1.1.3 Ser crucificado com Cristo (A crucificação do eu na vida do cristão)

O monge Tomás de Kempis, ao se referir à Cruz na vida do cristão, denomina-a de *Santa Cruz* porque ela é o que purifica, santifica e transforma a vida do discípulo de Cristo. As palavras de Jesus (v.24) podem ser duras, mas pior ainda é não as seguir, pois só podem ser crucificados com Cristo aqueles que têm parte com Ele na vida, morte e

no Seu Reino. Na Cruz se encontra a morte da antiga vida, uma nova existência e o caminho para a Nova Jerusalém, que é para onde o Evangelho nos leva (KEMPIS, 2017, pp.106-107). A Crucificação do eu na vida do cristão não é o fim de uma vida piedosa e feliz, mas é o início de uma vida ligada para sempre com Cristo (BONHOEFFER, 2004, pp. 46-47).

A Cruz como símbolo do Cristianismo nasce na mente do próprio Cristo. Afinal, foi o próprio Senhor quem escolheu morrer numa cruz e transformar o maior ícone de morte que já existiu no grande símbolo da nova vida centrada Nele para nós, Seus seguidores. John Stott dizia que, se alguém quer saber o significado de amor, não deve procurar o dicionário, mas olhar para a Cruz do calvário! Da morte do eu na vida do cristão nasce a vida eterna, e a consequência disto é que nos tornamos escravos de Cristo, e não mais do pecado. Jesus é o dono bom por excelência, portanto, ser escravo Dele é ser livre Nele também. O pecado não nos impõe mais seus mandos e desmandos se vivermos crucificados com Cristo! Na Cruz, Cristo crucificou a Si mesmo, o pecado e o eu da vida de todos aqueles que foram escolhidos por Deus desde antes da fundação do mundo (STOTT, 2015, pp. 15-47).

1.1.4. Viver sob a disciplina de Cristo (O Discipulado Cristão)

Por fim, o último passo do *discipulado vertical* é sua própria existência na vida do discípulo e Jesus Cristo que alcança maturidade Nele. O fruto da vida de um cristão que nega a si mesmo e crucifica o eu dominado pelo pecado é uma vida de *discipulado* em Cristo Jesus. *Discipulado* é se submeter à disciplina de alguém, e só faz sentido a um cristão se submeter a disciplina de Cristo Jesus. A disciplina não é apenas correção ou exortação. É obediência total a um superior em todo o tempo, por isso o *discipulado cristão* é sim revolucionário. Negar as nossas próprias vontades, sonhos e objetivos por amor a Cristo é radical!

Em sã consciência, o homem natural nunca iria renunciar coisas que são essencialmente boas por conta de ensinamentos que um livro que tem cerca de 2.000 anos traz. Mas o discípulo de Cristo o faz. Billy Graham, evangelista do século XX, dizia que a Salvação é de graça, mas o discipulado cristão nos custa tudo! Custa nossa própria vida, afinal, só é verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo aqueles que vivem por Ele e para Ele! O discipulado é a união com o Cristo sofredor, por isso mesmo, não há nada de errado no sofrimento do cristão, antes, é graça e alegria (BONHOEFFER, 2004, p. 48)!

Em Mateus 16:24-28 o Senhor deixa evidente que a condição de segui-Lo é negar a nós mesmos e tomar a nossa própria cruz. Para verdadeiramente haver submissão é necessário amor, e amar a Cristo é seguir aos Seus mandamentos como se disso dependesse a própria vida, porque a grande verdade é que realmente depende (João 14:21). E é em *discipulado*, o viver para imitar a Cristo, que nós vamos aprendendo a negar a nós mesmos, crucificando o nosso eu, seguindo a Jesus em todo o tempo e ajudando os outros a fazerem o mesmo (DEVER, 2016, p.15). Para tal, precisamos nos dedicar a viver uma vida *devocional*, meditando nas Escrituras e orando com o Espírito Santo. Mas não apenas isso, é necessário também caminhar com outros irmãos mais maduros espiritualmente. E estas são as próximas dimensões do *discipulado* a serem exploradas neste presente artigo científico.

1.2 O discipulado pessoal: dois discípulos imitando o Mestre juntos

Existe uma dimensão do *discipulado* que é o *discipulado pessoal*. Há quem o chame de *mentoria* também. Ele consiste em dois discípulos, um mais maduro que o outro por já ter caminhado mais milhas com Cristo, onde ambos vivem para imitar ao Senhor Jesus, auxiliando e ensinando um ao outro neste objetivo.

Na Bíblia Sagrada existem alguns casos pontuais que ilustram esta dimensão de *discipulado*. No Antigo Testamento nota-se Abraão e Ló, Jetro e Moisés que depois treinou Josué, o relacionamento evangelístico de Noemi e Rute, o treinamento profético de Elias e Elizeu. No Novo Testamento nota-se: Jesus e os 12 apóstolos; Barnabé e Paulo; Paulo e Timóteo, Tito, Silas, Lucas e Onésimo; Priscila e Áquila com Apolo, Barnabé e João Marcos, Pedro e João Marcos (BAUCHAM, 2011, pp. 61-92). Aliás, alguns teólogos consideram o Evangelho de Marcos um relato das memórias de Pedro (STEIN, 2022, pp.1-46). Analisando a História Eclesiástica do século I e II d.C. nota-se um quadro mais amplo em relação aos apóstolos ou personagens icônicos do Novo Testamento, como a relação de *discipulado* entre Clemente de Roma e o apóstolo Paulo, Policarpo de Esmirna e o apóstolo João (EUSÉBIO, 2000, pp. 29-30), Papias e Filipe e suas filhas em Hierápolis (BAUCKHAM, 2011, p. 28).

O *discipulado pessoal* existe desde o início do Cristianismo porque é fundamental que um discípulo de Cristo não caminhe sozinho. Se o ensino é algo essencial na vida cristã, no *discipulado* é extremamente necessário que uma pessoa ensine para outra como seguir Jesus de forma efetiva. E isto em uma profundidade que só pode ser alcançada caminhando com uma pessoa, uma dimensão que o *discipulado vertical* e o *discipulado comunitário* não podem alcançar. Márcio Tenponi Pacheco ao

discorrer sobre o *discipulado pessoal* o caracteriza como uma *amizade espiritual* que parte da premissa de ser uma amizade diferente das que as pessoas costumam estabelecer. Para explicar, Tenponi Pacheco desmembra o conceito de *amizade espiritual no discipulado pessoal* em aspectos. O primeiro aspecto que o autor mostra é que a *amizade espiritual* tem um objetivo bem definido:

Não é uma relação fundamentada na afinidade que temos com outra pessoa ou, como acontece em nossa sociedade, no interesse em conseguir alguma coisa da relação. A afinidade pode existir e o interesse não é o que se pode ter do outro, mas a intencionalidade de ser e viver o propósito de Deus para cada um de nós, ou seja, investir na vida do outro. O interesse não é sobre o que a pessoa pode obter do outro, mas como pode compartilhar com o outro o que recebeu do Eterno Deus. A amizade espiritual visa o desenvolvimento do caráter de Cristo na vida do discipulador que está se espelhando no Mestre e investe seu tempo, amor e vida, na vida de outra pessoa. Também ocorre o desenvolvimento de Cristo na vida do discípulo que terá alguém para caminhar com ele na sua jornada de ser igual a Jesus. A ideia é “ser Jesus” para o outro, encarnando o evangelho, para que a pessoa discipulada possa vislumbrar Jesus de forma mais concreta. Assim, a amizade espiritual acontece entre pessoas que estão em etapas do processo de amadurecimento diferentes, sendo o discipulador mais amadurecido, por já ter caminhado mais do que o discípulo. No entanto, o objetivo é sempre a formação de Cristo na vida dos dois: discipulador e discipulado. Quando o discipulador caminha com outro discípulo, ele também cresce e amadurece. A beleza do evangelho vivido assim está no fato de que todos são alcançados e impactados. A economia do Reino é assim: quando reparto, quando compartilho, não perco e nem tenho menos, na verdade, tenho mais, pois sou enriquecido pelo próprio Jesus (TENPONI PACHECO, 2022, p. 48).

Márcio Tenponi Pacheco mostra que o *discipulado pessoal* exige intencionalidade, e esta é a de imitar a Jesus e ajudar outros a fazerem o mesmo, de modo que, nenhum discípulo caminhe sozinho. O próximo aspecto apresentado pelo autor é a *confiança* e a *prestação de contas*:

Outro aspecto fundamental é a construção da confiança necessária para que haja o compartilhar da vida real, com todas as dores, sofrimentos, traumas, alegrias e vitórias que tocam a vida concreta. Ter alguém para caminhar conosco é fundamental para suportarmos os desafios, como também para abordarmos as questões emocionais que precisam ser tocadas pelo poder do evangelho. Um dos aspectos fundamentais nesta relação é a prestação de contas. Como seres humanos, a prestação de contas é um fator muito importante para a nossa transformação. É importante ressaltar que a prestação de contas não é uma mensuração do desempenho para dar glória a quem consegue cumprir uma tarefa. O objetivo não é categorizar os vencedores e perdedores, nem evidenciar os superiores e inferiores. Não é a premiação do desempenho o objetivo da prestação de contas. O objetivo é mapear o amadurecimento que diz respeito aos processos que o Espírito está produzindo em cada pessoa enquanto Cristo é formado nela (TENPONI PACHECO, 2022, p. 49).

A ideia de prestação de contas é naturalmente contrária aos dogmas de sociedade pós-moderna. A *prestação de contas* exige supervisão e profundidade de

relacionamento, e numa *sociedade líquida*⁸, aonde a solidez relacional é rara, é difícil ensinar e pôr em prática este conceito. Ela exige um esforço a mais dos discípulos de Cristo em nosso tempo. Márcio Tenponi Pacheco mostra a fundamentalidade da *prestação de contas* para a vida cristã:

Na prestação de contas é possível que a própria pessoa perceba sua caminhada de forma mais clara, ou seja, onde há pontos de tensão, dificuldades e obstáculos que podem estagnar o amadurecimento. E o discipulador pode ajudar de forma intencional e objetiva para que o processo continue. A prestação de contas, longe de ser uma estratégia de dominação, é uma estratégia de ser comunidade e compreender que os seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus, são seres relacionais. Nós fomos criados para viver numa interdependência que traz equilíbrio e promove o fortalecimento pessoal e comunitário. Quando olhamos para o meio ambiente, vemos algo semelhante. O chamado ecossistema apresenta uma interação entre as mais diversas espécies que convivem de forma a promover um sistema estável, equilibrado e autossuficiente. A prestação de contas fomenta esta perspectiva, isto é, criar uma comunidade saudável para enfrentar os desafios do tempo atual. Assim, na interação com o outro, é possível criar formas adaptadas de viver a espiritualidade profunda dentro da realidade de cada pessoa. O discipulador auxilia o outro nos desafios de vivenciar esta espiritualidade, levando em consideração o tempo da vida da pessoa. Por isso, a reflexão sobre a agenda e como fazer a gestão da vida são desenvolvidas e personalizadas dentro do dia a dia do discípulo. A prestação de contas ajuda nesta construção, reformulação e estabilização de uma agenda que seja oriunda da regra de vida adotada pelo discípulo. E, como vimos anteriormente, é a consolidação da regra de vida pessoal que visa tornar o discípulo em quem Deus e ele próprio desejam ser. E a partir da regra de vida pessoal, surge a agenda diária, que é a realização e a concretização deste propósito de vida. Além disto, nesta prestação de contas, é criado o ambiente propício para que haja a confissão de pecados e o processo de cura deles aconteça (TENPONI PACHECO, 2022, p.50).

Tiago, o presbítero de Jerusalém, um dos líderes da igreja de Atos 2:42-47, ensina que a *confissão de pecados* traz cura na vida dos discípulos do Senhor, além de dar ênfase na importância das orações pessoais entre discípulos (Tiago 5.16). A *confissão de pecados* é uma *disciplina espiritual* que nunca deve ser negligenciada, afinal, se ser discípulo é estar sob a disciplina de Cristo, a cura espiritual contida na confissão deve ser priorizada. Tenponi Pacheco segue conceituando a *confissão de pecados* da seguinte forma:

Confessar os pecados a outra pessoa é uma prática bíblica e esta se tornou uma disciplina espiritual. No transcorrer do tempo, infelizmente, ela sofreu muitas distorções e problemas surgiram. Como reação a esta realidade, esta disciplina espiritual foi abandonada pelas Igrejas evangélicas. Ela tornou-se, no máximo, uma prática individual e silenciosa na liturgia do culto. Confessar pecados, como disciplina espiritual, encontra um local apropriado na amizade espiritual. E assim, não apenas informações sobre o evangelho, não apenas aspectos cognitivos são envolvidos no discipulado pessoal, mas também os aspectos da esfera emocional e vivencial. Com isto, a amplitude da cura e restauração do evangelho é muito maior. A confissão auxilia na cura dos pecados e o discipulado pessoal é o local para ser praticada porque existe uma atmosfera de

⁸ Termo criado pelo filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) que caracteriza a sociedade pós-moderna, aonde todo tipo de relacionamento é líquido, desde os relacionamentos com as instituições até os interpessoais.

confiança, a qual passa a ser naturalmente construída com o passar do tempo. Da mesma forma, distorções, fofocas e tantas outras situações são combatidas no discipulado pessoal porque somente o discipulador, que é alguém mais maduro e tecnicamente preparado para ouvir a confissão, ouve sem julgar, mas também sem “passar a mão” na cabeça, mas amando como Jesus amou. Logo, como já parece óbvio, o discipulado pessoal pode alcançar maior profundidade de todo o processo de discipulado. Por ser cultivado numa amizade espiritual, ele consegue abertura e alcance que as outras atividades normalmente não conseguiriam (TENPONI PACHECO, 2022, p.50).

O último aspecto evidenciado por Márcio Tenponi Pacheco é o aspecto do *treinamento orgânico*. Este é o objetivo mais importante do *discipulado pessoal* porque todo *discipulador*⁹ é um treinador do Evangelho. O texto de Efésios 4:7-16 é categórico ao mostrar que os líderes cristãos que ensinam, ou seja, os *διδασκάλους* (*didaskalous*) deve ter por objetivo treinar os outros irmãos para serem maduros como o Senhor Jesus. Tenponi Pacheco descreve o *treinamento do discipulado pessoal* da seguinte forma:

Além disso, o discipulado pessoal apresenta o aspecto do treinamento orgânico. Aprendemos a discipular outras pessoas a partir do nosso próprio discipulado pessoal. É evidente que informações mais didáticas e estruturadas fazem parte do aprendizado para discipularmos alguém. Cursos, seminários e tantas outras ferramentas podem ser usados para fornecer treinamento mais formal. Contudo, quando vamos para a prática, quando começamos a cuidar e a investir na vida de outra pessoa, a ser discípulos que fazem discípulos, nossa maior referência e modelo será de quem é o nosso discipulador. Aqui se evidencia mais um motivo pelo qual quem quer discipular outra pessoa precisa estar sob discipulado. Até mesmo porque dúvidas, questões, reflexões e motivos de oração que podem surgir no processo de discipular outra pessoa podem ser divididos com o discipulador pessoal. Isto gerará uma verdadeira rede de discipulado, a qual se estabelece e ninguém realmente se encontra sozinho no cuidado de outras pessoas. É a maneira de, por conseguinte, vivenciarmos o mandamento de Jesus que diz: “amem-se uns aos outros” (TENPONI PACHECO, 2022, p.51).

O *discipulado pessoal* é uma dimensão do discipulado Bíblico potencializadora, pois é cumprir o mandamento de fazer discípulos (Mateus 28:16-20) em um nível muito mais completo do que a dimensão do *discipulado comunitário*. Ela também refina e potencializa o *discipulado vertical*, pois o objetivo deste é gerar imitadores de Cristo, e caminhando junto com alguém, este objetivo se torna mais prático. Ele aprofunda a vida de um discípulo muito mais que sermões, escolas dominicais ou grupos pequenos dentro de um *discipulado comunitário eclesiástico*, embora todos tenham sua importância significativa também. Isso porque, ao tratar das questões pessoais de um discípulo, o discipulador está ensinando de forma potencializada e particular todo conteúdo que o *discipulado comunitário* vai propor. Além disso, usa o Evangelho de forma mais assertiva nas questões pessoais do discípulo que a próxima dimensão tratada aqui neste artigo científico não consegue alcançar de forma tão precisa.

⁹ Ou seja, aquele que discipula alguém.

O *discipulado pessoal*, portanto, é um chamado de convocação do Senhor Jesus para todos os Seus discípulos e não para alguns com dons para tal. Porém, ele exige investimento de tempo na vida do outro, comprometimento com uma pessoa e desejo de ser cada vez mais parecido com Jesus. Especificamente para os discipuladores, exige ser um discípulo que investe na vida de outros porque alguém já investiu na sua própria vida, ser abençoado para abençoar. Ele é alguém que já vive há algum tempo o processo de *discipulado* por estar submetido ao Senhor e caminha com um *discipulador*. Para os que serão discipulados, é necessário abertura para ser cuidado por alguém, buscar em Deus um discipulador que viva para imitar ao Senhor Jesus e o ajude a fazer o mesmo. Uma boa dica é orar muito sobre essa questão e pedir ajuda da liderança da igreja local para indicar possíveis discipuladores (TENPONI PACHECO, 2022, p. 51).

1.3. O discipulado comunitário: famílias e igrejas locais em discipulado

A próxima dimensão do *discipulado* a ser explorada é o *discipulado comunitário*, que se caracteriza por abordar um aspecto coletivo. O *discipulado comunitário* é aquele que acontece com um determinado grupo de pessoas que professam a mesma fé, ou seja, que tem uma crença em comum e, portanto, participam em comunidade cristã. Sermões nos cultos públicos, EBD (Escolas Bíblicas Dominicais), *reuniões de oração* e *grupos pequenos* são exemplos de *discipulados comunitários*.

O *discipulado comunitário* deve ser observado nas igrejas locais e o foco de todo este trabalho acadêmico é de fato evidenciá-lo nestas. Porém, ele não existe apenas em comunidades cristãs, mas também entre as famílias cristãs, que são locais que o abarcam e, sem dúvidas, merecem atenção. Primeiro porque a Igreja nada mais é que a própria família do Deus Trino (Marcos 3:33-35; João 1:12-13, 8:35 e 17:21; Romanos 8:15-17; Gálatas 3:26-28, 4:4-7 e 6:10; Efésios 1:5-6, 2:19-22 e 3:14-15; 1 João 3:1-2). Dentre tantos nomes possíveis, Jesus Cristo ensina em Seu ministério que Deus se torna o nosso Pai Celeste e, como discípulos Dele, O Pai que sempre foi Dele, então passou a ser também nosso (Mateus 6:1-15).

A própria Trindade Santíssima é uma Família. Deus é Pai, Filho e Espírito Santo (BARBOSA de Sousa, 2017, pp. 47-85). Segundo porque a família como instituição não só é a base de todas as sociedades (na Historiografia muitas vezes chamadas de *clãs*), mas também a primeira expressão comunitária criada por Deus (Gênesis 2:18-25). O discipulado comunitário exige amor e o próprio Senhor ensinou que se nos amássemos, todo o mundo saberá que somos Dele (João 13:34-35).

Peter Scazzero aborda a importância de o discipulado pautar o casamento entre dois discípulos de Cristo. Conforme já abordado ao explorar a dimensão do *discipulado vertical* neste trabalho, o texto Bíblico de Mateus 22:34-40, mostra o que na Teologia é chamado de *mandamento áureo*. Quem ama realmente a Deus sobre todas as coisas, precisa amar também ao próximo como a si mesmo. O Senhor deve ser a prioridade de ambos num casamento entre cristãos e, em seguida o próximo mais próximo, ou seja, o cônjuge. Amar exige ensino, treinamento e ajuda mútua para que o casal seja imitador de Cristo, portanto, é um aspecto de *discipulado* (SCAZZERO, 2016, pp. 79-112).

Martinho Lutero, o reformador, que antes era um monge agostiniano, dedicado integralmente ao estudo da Bíblia Sagrada, certa vez declarou que o casamento é o local onde ele mais aprendeu sobre o Evangelho de forma prática¹⁰. O casamento entre dois discípulos de Cristo é contracultural porque ele foi feito não com o objetivo principal de fazer os cônjuges felizes, como propaga os dogmas da sociedade pós-moderna, mas para tornar seus membros santos, semelhantes a Cristo Jesus. O casamento é uma das principais ferramentas usadas por Deus para moldar os Seus filhos em *discipulado* (THOMAS, 2022, pp.11-30).

A criação de filhos numa família também se encaixa no *discipulado comunitário familiar*. Ainda que, as configurações familiares nas sociedades contemporâneas fujam em algum caso do molde mais tradicional familiar¹¹, esta dimensão do *discipulado* precisa existir quando esta família for liderada por cristãos. O Brasil é uma nação que, em parte, historicamente foi moldada por gerar filhos considerados bastardos e frequentemente multiétnicos, ou seja, que nasceram fora de um casamento, muitas vezes criados por mães solo (RIBEIRO, 2015, pp. 81-105). Não foi incomum o fato histórico de os colonizadores de origem portuguesa e já casados gerarem filhos com mulheres de origem ameríndias ou africanas. Boa parte dos bandeirantes que colonizaram o Brasil eram considerados mestiços, ou seja, descendentes de europeus e de indígenas ou africanos (HOLANDA, 2014, pp. 47-76). E hoje, o índice de famílias lideradas por mães solo aumenta significativamente no Brasil¹². Claro, não se pode negar a existência de famílias lideradas por pais solo também, embora sejam raras. O ponto é, se este pai

¹⁰ Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/pt/article/martinho-lutero-sobre-o-casamento-como-uma-escola-de-carater/>. Acesso em 11/06/2023.

¹¹ Ou seja, uma família formada por pai, mãe e filhos.

¹² Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/09/cartorios-registram-crescimento-de-maes-solo-no-brasil-em-cinco-anos>. Acesso em 15/06/2023.

ou mãe que lidera sua família sem um cônjuge for um discípulo de Jesus Cristo, é fundamental que haja *discipulado* com os filhos (THOMPSON, 2011, pp. 11-18).

Os pais cristãos precisam ser imitáveis para seus filhos, pois, se adultos carecem de exemplos a serem seguidos, quanto mais crianças. Os filhos observam atentamente o comportamento dos pais em comparação a seus discursos, portanto, o *discipulado comunitário familiar* precisa ser mais sobre como comunicamos quem somos do que sobre o que comunicamos verbalmente. E tanto a conduta dos pais, quanto seus ensinamentos verbais são fundamentais nesta equação (THOMPSON, 2011, pp. 19-24). Se alguém é um discípulo de Cristo, seu cônjuge e seus filhos não são trabalhos ministeriais, são o trabalho mais importante a ser feito, a prioridade. Não faz sentido discipular e treinar diversos outros discípulos se os de nossos lares não receberam com primazia os ensinamentos do Evangelho através de nós (BAUCHAM Jr., 2012, pp. 43-70).

Tudo na vida de um discípulo de Cristo que lidera uma família deve ser focado no *discipulado* da mesma, desde os livros, ensinamentos, recursos, ou seja, lá o que for, deve ser ferramenta de treinamento dentro de um lar cristão. Há algumas ferramentas que podem ser utilizadas para o *discipulado comunitário familiar* ser mais efetivo, como devocionais coletivos, cultos domésticos, leitura de um livro em específico, dentre outras. Ele só não pode deixar de existir nunca (HELOPOULOS, 2016, pp.113-126).

O *discipulado comunitário eclesial* é, a partir daqui, o objeto de estudo deste artigo científico. Esta dimensão do *discipulado* abarca todas as outras, sendo uma espécie de produto de todas. Pois é numa igreja local que o discípulo pode viver todos os modelos de *discipulados* já apresentados: estar dentro de um processo de *discipulado vertical* em sua espiritualidade; apresentar-se para estar submetido a um processo de *discipulado pessoal*, tanto como um discipulador quanto como alguém discipulado; e também aprender um *discipulado comunitário familiar*.

Como já dito anteriormente, no *discipulado comunitário eclesial* aplicado a uma igreja local se observa vários rastros de *discipulados* como os *cultos públicos*, a *Escola Bíblica Dominical*, *reuniões de oração* e *grupos pequenos*. A sede de uma igreja local pode ser usada para encontros que fomentem o *discipulado pessoal* também e até o *discipulado vertical*, afinal, é bastante comum o Senhor transformar vidas de forma pessoal usando pregações ou alguns dos momentos de ensino já citados anteriormente. O capítulo três deste artigo científico irá explorar melhor o papel da liderança

eclesiástica dentro de uma *igreja discipular*¹³, assim como dos demais discípulos, além de discutir os hábitos de uma igreja que funciona neste caminho que a torna uma igreja que vive o discipulado de forma orgânica, o eixo central da vida dos discípulos que nela estão e dela própria, e não mais um programa.

Agora, analisar-se-á alguns prismas importantes do *discipulado comunitário eclesiástico*, como o *culto público* e *reuniões de oração*, novamente sob a ótica de Atos 2:42-47. Timothy George e Sherron George destacam algumas características que tornam a igreja de Jerusalém do século I d.C. um exemplo de *igreja missional* de forma funcional. Sempre frisando que esta *missionalidade* ainda era parcial porque se limitava a região da Judeia, porém, é correto afirmar que a igreja de Jerusalém do século I d.C. funcionava focada numa ótica missional em altíssimo nível, por isso mesmo o Senhor os acrescentava mais discípulos a cada momento.

Não é nenhum exagero chamar esta igreja contida no cânon da Bíblia Sagrada como um centro de treinamento *discipular* e *missional*. As descrições do texto Bíblico apontam para isto, como já se viu no primeiro capítulo desta pesquisa monográfica. Aqui há valores atemporais que culminam numa comunidade que vive de forma missional e que prioriza formar discípulos de Cristo, e não membros religiosos de uma instituição. Os dois primeiros deles é que aquela igreja era uma *comunidade social*, ou seja, viviam em conexão uns com os outros a partir da comunhão de uma *comunidade espiritual* (CARRIKER; GEORGE, 2021, pp. 40-41).

Os primeiros discípulos de Jesus Cristo dividiam a vida tanto no âmbito espiritual, quanto no social, onde todos são discípulos do Mestre Jesus e os líderes eram verdadeiros mentores, uma espécie de irmãos mais velhos dos demais discípulos, não chefes, reis, super crentes ou mestres, e a partir da *κοινωνία* (*comunhão*). Em outras palavras, viviam o *discipulado* vida na vida de forma comunitária também (POPE, 2017, p. 9). Há mais de dois mil anos as igrejas fiéis a Jesus Cristo priorizam o ensino apostólico e os guarda, através do cânon da Bíblia Sagrada e a vida em oração a partir dele, acima de tudo. Porém, a comunhão é fundamental neste elo também, não sendo ela uma simples reunião superficial de sanduíches, bolos ou churrascos, mas baseada no amor em comum dos cristãos uns pelos outros e por seu Senhor (MOLLER Jr., 2018, p. 45).

¹³ *Igreja discipular* é aquela que tem no *discipulado* seu eixo central, de forma orgânica, sem utilizar programas para tentar pautá-lo, antes, sua vocação é gerar e fortalecer discípulos de Cristo. Será melhor explorado no capítulo três desta pesquisa monográfica.

Timóteo Carriker e Sherron George explicam que a chave desta ligação entre comunhão, perseverança na *doutrina/ensino* e o *partir do pão* é a graça abundante de Deus. Além do uso dos conceitos de *comunidade social* e *comunidade espiritual*, a igreja de Jerusalém, na perspectiva de Carriker e George era também uma *comunidade litúrgica*, ou seja, voltada para a comunicação. Esta Igreja era uma *comunidade de adoração, oração* e da Palavra de Deus, três temas que, no livro de Atos (Atos 6:7; 12:24; 19:20) ensinam como devem ser a nossa comunicação com Deus e a comunicação de Deus conosco pela Bíblia Sagrada, combinação essencial para fazer crescer a Igreja (CARRIKER; GEORGE, 2021, p. 42). Por que os autores que servem como bases para este capítulo dão ênfase na palavra *litúrgica*? Porque esta palavra significa *serviço do povo* no culto, e é o termo exato utilizado por Lucas em Atos 13:2 (*Λειτουργούντων*, transliterado como *leitourgountōn*), por exemplo. Esta Igreja levava com bastante seriedade os momentos de culto que levam a adoração, confissão, agradecimentos, ofertas, o ouvir, o aprender, interceder, o comungar e o dispor de sair, viver a Fé e fazer Missão, ou seja, o cooperar e participar da *missio Dei* (CARRIKER e GEORGE, 2021, p. 42-43).

Carriker e George fecham este tópico de uma forma extremamente prática e que vale muito a reflexão. Analisando a citação a seguir, fica inviável não a comparar com a realidade das igrejas cristãs de nosso tempo. Timóteo Carriker e Sherron George dão aqui um prático diagnóstico a luz da Bíblia Sagrada de como deve funcionar a Igreja de Cristo em toda a História dentro das perspectivas de *discipulado* e *missionalidade*. Os cristãos eram bem treinados e pastoreados, e como consequência, viviam e faziam novos discípulos para o Senhor:

Aprendemos aqui que o culto: Baseia-se no irromper da *nova ação salvífica* que Deus realizou através de Cristo na História e se evidencia na operação do Espírito Santo. É a *edificação* da igreja na qual a nova criação toma forma concreta e corporal para a salvação do mundo. A leitura e a pregação da Bíblia são centrais. Não ocorre em um espaço ou plano separado do mundo, mas no meio do mundo existente, e inclui o serviço dos fiéis no dia a dia. É aberto para todas as pessoas e para a livre atuação do Espírito. É o alvo último da Igreja. É o serviço responsável daqueles que põem a mão no arado, não olham para trás e se juntam no grito: “Maranata, vem Senhor” (CARRIKER; GEORGE, 2021, p. 43).

As duas últimas características expostas pelos autores são uma *comunidade ensinadora*, ou seja, que tinha foco na capacitação de pessoas, e por fim, uma *comunidade missional*, ou seja, com foco na cooperação. Quando Carriker e George falam sobre a *comunidade ensinadora* partem do termo *διδασχῆ τῶν ἀποστόλων* (*didachē*

tōn apostolōn), traduzido como *doutrina/ensino dos apóstolos* e mostram sua aplicabilidade na vida de toda a Comunidade dos discípulos. É fundamental que os discípulos de Cristo que atuam como líderes da comunidade contextualizem e apliquem os princípios bíblicos na vida diária, seja profissional, pública ou familiar. Visando também dar orientações para todos os relacionamentos, visando o perdão, a reconciliação, a tolerância, a paz e o amor para superar os conflitos e a violência. E isto deve acontecer com uma metodologia atraente, atual, participativa, criativa, crítica e desafiadora, ou seja, dialogar, questionar, compreender e avaliar nossas vidas a luz da Bíblia para experimentar uma constante conversão, renovação e transformação (CARRIKER; GEORGE, 2021, p. 44).

A *pregação* apostólica tinha um papel determinante no ensino da Igreja. Não é sobre a quantidade de programas, seminários ou métodos, é sobre ser fiel e bíblico no ensino que os discípulos que exercem liderança devem prosseguir. Os métodos podem ser muito úteis, mas não tem poder em si para transformar membros eclesiásticos em discípulos do Cristo. O livro de Atos é, dentre outras questões básicas, um registro da ação do Espírito Santo na *pregação* Apostólica. A *pregação* sempre foi central na Missão da Igreja.

O termo *doutrina dos apóstolos* também pode ser desdobrado como um conjunto de ensinamentos baseados nas Escrituras de forma sistemática e resumindo a fé cristã, enquanto o cânon do Novo Testamento era formado justamente através da vida destes irmãos, os apóstolos se empenhavam em pregar o Evangelho de Cristo Jesus, seja usando o Antigo Testamento e apontando para o Senhor a partir dele, seja retransmitindo os ensinamentos do Mestre, os quais aprenderam diretamente Dele, como fez o apóstolo Pedro no evento do Pentecostes em Atos 2:14-36. Há relatos históricos que mostram a importância destes ensinamentos que vão dar origem aos catecismos cristãos do fim do século I, início do século II, desde os primórdios da Igreja Cristã, como lembra Simon Kistemaker (1930-2017) em seu Comentário de Atos dos Apóstolos (KISTEMAKER, 2016, p. 154).

Já, quanto à *comunidade missional*, os autores dão ênfase na vocação missionária da Igreja, a de precisar ser voltada para fora e não somente para dentro. O próprio Senhor Jesus esclareceu todo tipo de possível dúvida que os discípulos, não só os da Igreja de Jerusalém, mas a de todos nós na História, em relação a esta vocação:

somos chamados e dotados por Ele para sermos Suas testemunhas¹⁴ por toda parte do mundo! Esta Igreja Missional nasce do Espírito Santo e é sempre guiada por Ele, sendo até mesmo uma redundância apontar que Ela vivia por Ele. Em todo o livro de Atos dos Apóstolos a Igreja é guiada e direcionada pelo Espírito Santo para exercer efetivamente sua Missão de forma holística (CARRIKER; GEORGE, 2021, pp. 44-45).

O *discipulado* na igreja de Jerusalém era *missional*, ou seja, voltado para a *missão* e a geração de cristãos empenhados nela, e uma sequência direta do que os líderes aprenderam com o próprio Senhor Jesus. Justo González, ao analisar a igreja descrita em Atos 2:42-47 diz:

Perseverar no “ensino” dos apóstolos não quer só dizer que eles não se desviaram das doutrinas dos apóstolos ou que permaneceram ortodoxos. Quer dizer também que eles perseveraram na prática de aprender com os apóstolos, ou seja, que eram alunos, ou discípulos, ávidos por conhecimento sob o comando dos apóstolos. Esse “ensino” apostólico não estava limitado à instrução verbal, pois, em Atos 2:43, somos informados que os apóstolos continuavam a fazer “sinais e feitos extraordinários”. Para entender completamente esse assunto a respeito do “ensino dos apóstolos”, é importante lembrar que “apóstolo” quer dizer “enviado”, por isso, a doutrina “apostólica”, por definição, é doutrina missionária, uma doutrina aberta e flexível orientada para missão. Contudo, também fica claro que uma importante parte do ensino dos apóstolos consistia na narração e repetição dos fatos e dizeres de Jesus, a quem os novos convertidos não tinham conhecido pessoalmente (GONZÁLEZ, 2011, p. 70).

Justo González enriquece o que Timóteo Carriker e Sherron George mostram quanto ao *caráter missional* da Igreja de Jerusalém. Ela era uma *igreja missional* que se preocupava também em ser uma *igreja discipular*, antes de tudo. E a característica dela como *igreja discipular* está intimamente ligada também ao caráter missional (ou missionário, um termo intercambiável, como usa o autor) desta comunidade de discípulos de Cristo.

O texto Bíblico de Atos 2:42-47 é um dos poucos relatos onde Lucas se preocupa em mostrar o que acontece depois que as pessoas se convertem, ou sejam, passam a pertencer a Jesus Cristo, e enfatiza elementos fundamentais da vida da Igreja: elas ensinam umas às outras se encontrando regularmente de forma cúltica, orando juntas, partindo do pão, sendo e fazendo novos discípulos para Jesus Cristo, em outras palavras, viviam o *discipulado comunitário eclesial* (GARLAND, 2019, pp. 28-29).

Aqui, como acontece no *discipulado* pessoal já abordado anteriormente, a *confissão* tem um papel fundamental, pois muitos discipuladores costumam usar um tipo de *grupo pequeno* mais específico do que se costuma ver, são os *grupos* de

¹⁴ A palavra “mártir” vem de *μάρτυς* (*Martys*), cuja tradução mais exata seria *testemunha*.

mentoria coletiva. O próprio autor deste artigo já participou de um e lidera outros por conta da influência do Instituto SARA.

Os *grupos de mentoria coletiva* são grupos formados por um discipulador e são compostos por todos aqueles que ele mentoria, geralmente para estudarem juntos algum livro, ter um tempo de *devocional coletivo* e um *momento de confissão*. Evidentemente esta não deve funcionar com toda a igreja, ao menos que o discípulo que confessa seus pecados naquele momento se sinta confortado para isto, mas há riscos consideráveis de se expor tanto para todos, e não para alguns irmãos que possui maturidade suficiente não só para confortar o confessor, mas aprender também com este tipo de experiência espiritual. Até porque é mortal para vida cristã não se cercar de pessoas que podem ouvir sua *confissão*, pois é simplesmente inviável viver o Evangelho e caminhar com o Senhor Jesus sozinho. Acerca disto, Dietrich Bonhoeffer evoca novamente o texto de Tiago 5:16, da mesma forma que faz Márcio Tenponi Pacheco ao falar do *discipulado pessoal* anteriormente neste trabalho (BONHOEFFER, 2021, pp. 97-107).

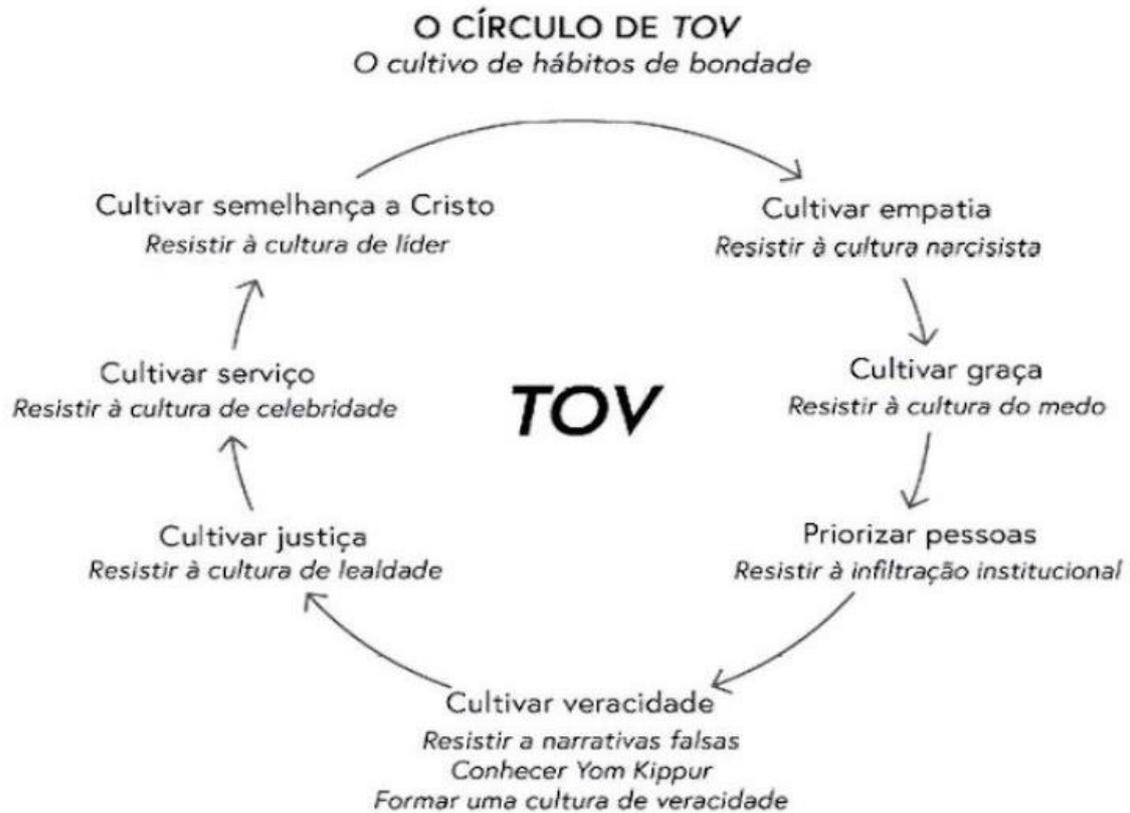
1.4 A igreja local em discipulado: formando uma cultura de imitadores de Jesus Cristo

Ensinos mortos em igrejas doentes tem sido o motivo da morte, as vezes literalmente, de muitos discípulos de Cristo em nosso tempo. Refletir sobre isto é preocupante, triste e estarrecedor. Mas não podemos perder a esperança. O Senhor está conosco até o fim dos tempos (Mateus 28:20), e Ele venceu o mundo por nós (João 16:33), e em breve toda lágrima será enxuta pelo próprio Senhor (Apocalipse 21:4-7). Portanto, nós, os discípulos de Cristo somos sal e luz da Terra (Mateus 5:13-14), e quanto mais vivermos para imitar ao Senhor Jesus, vamos nos tornando curadores feridos neste mundo caído. Vale à pena seguir imitando ao Senhor e trabalhando Nele para mudar estes quadros tristes (NOUWEN, 2020, pp. 71-126).

O caminho é imitar ao Senhor Jesus e gerar uma comunidade de imitadores Dele. E isto começa mudando os hábitos. Nossos hábitos são fundamentais para sermos transformados, somos aquilo que amamos, e mudar nossos hábitos é transformador, é um poder espiritual (SMITH, 2017, pp. 19-48).

Scot Mcknight e sua filha Laura Mcknight Barringer fornecem uma ilustração importante de como uma igreja saudável e curadora deve ser através do que chamaram de *Círculo de TOV*, baseado no vocábulo hebraico *יְטוּב* (*Tov*) que significa bondade (MCKNIGHT; BARRINGER, 2022, pp. 97-243):

Figura 1 – O Círculo de TOV: O cultivo de hábitos de bondade.



Fonte: MCKNIGHT; BARRINGER, 2022, p. 95.

Para que a *missio Dei* seja efetiva, é necessário haver um *discipulado* bíblico, e para haver um *discipulado* bíblico, é necessário que haja uma cultura na igreja local de amor e bondade, dois dos atributos do Deus Trino. Scot Mcknight e Laura Barringer fornecem perspectivas de uma cultura saudável e Bíblica numa igreja local. Afinal, o que a *cultura*, este conceito fundamental para a Antropologia tem a ver com o *discipulado*, a *missio Dei* e a Igreja de Cristo? Tem tudo a ver.

Roberto DaMatta, antropólogo brasileiro, define o conceito de *cultura* da seguinte forma: “é um mapa, um receituário, um código, através do qual, as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas” (DAMATTA, 1986, p. 123). Esta análise antropológica e sociológica de DaMatta em relação ao conceito de *cultura* aponta para identificação, localização, um encontro com as raízes essenciais de um grupo, povo, nação, sociedade, comunidade ou tribo. A partir do momento que um coletivo de pessoas que possuem algo em comum e se encontram em determinado local com frequência produzem algo juntos, em outras palavras,

pessoas que possuam hábitos em comum, ali nasce uma *cultura*. Em outras palavras, cada igreja local é também uma *cultura*.

Transformar a cultura eclesiástica de uma comunidade cristã local é muito desafiador. Certamente a igreja perderá membros que estão tão inseridos no sistema tóxico anterior que odiarão qualquer um que promova algum tipo de mudança, com um discurso encharcado de interpretações equivocadas dos hábitos dos líderes que estão promovendo tal mudança, além da própria doutrina Bíblica, mas certamente vale muito a pena, é o caminho a ser seguido porque só nele conseguiremos focar na formação espiritual dos discípulos (CARLSON; LUEKEN, 2013, pp. 223-230). Boa ou ruim, bíblica ou tóxica, cada igreja local manifesta uma dimensão cultural, e entendê-la é fundamental para o êxito da *missão* e da formação de discípulos de Cristo (MCKNIGHT; BARRINGER, 2022, pp. 25-36).

Em suma, cada um dos pontos apresentados e desenvolvidos por Scot Mcknight e Laura Barringer no círculo de TOV, apontam para a mesma doutrina já exposta neste artigo científico anteriormente: a *imitatio Christi*, ou a imitação de Cristo. O último ponto do círculo e o ponto aonde todos os demais culminam! Mcknight e Barringer concordam com Jonas Madureira (MADUREIRA, 2019, pp. 59-60) ao serem categóricos em afirmar que é a imitação de Cristo apresentada pela *doutrina/ensino* dos apóstolos (ou a Bíblia Sagrada) de forma aplicada na vida dos discípulos o único fator que realmente pode transformar uma cultura tóxica que destrói o *discipulado* bíblico e compromete a *missio Dei* dentro de uma igreja local, em uma cultura bíblica baseada no Senhor Jesus Cristo, ou seja, uma cultura de imitadores de Cristo (MCKNIGHT; BARRINGER, 2022, pp. 221-243).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo científico teve por objetivo contribuir com a Igreja Cristã no Brasil em duas áreas da Teologia: a Eclesiologia e a Missiologia, pesquisando e refletindo sobre os conceitos de *discipulado* e *missionalidade* e suas respectivas efetividades nas igrejas locais de nossos dias e como elas têm se relacionado entre si próprias e com o mundo.

O papel central da igreja como coletivo de discípulos é imitar a Jesus Cristo e ajudar outros a fazer o mesmo, ou seja, o que a igreja faz são discípulos, e nada mais, conforme nos comissionou o Senhor Jesus nos textos Bíblicos de Mateus 28:16-20;

Lucas 24:46-51; Marcos 16:15-20; João 20:21-23 e Atos 1:1-9. Por isso, foi analisado o conceito de *discipulado* e suas diversas aplicabilidades. Discipulados incipientes são as causas em grande parte das mazelas da igreja nos dias de hoje. Esta crise no conceito de *discipulado* tem se apresentado em todas as suas dimensões, seja na *vertical*, *pessoal* ou *comunitária*, é um processo de retroalimentação. Uma igreja que não tem um discipulado baseado na Bíblia Sagrada não gera discípulos que tenham uma espiritualidade saudável, portanto, não se relacionam com Deus como deveriam e isto faz com que não haja discípulos aptos para discipular outros discípulos, e conseqüentemente, a igreja local seguirá com *discipulados* incipientes.

A efetividade da *missio Dei* numa igreja local depende diretamente da qualidade do *discipulado* que ela vive. Se o processo de *discipulado* for saudável e pautado na Bíblia Sagrada, a missão de Deus naquela igreja certamente será atendida. Por outro lado, se o *discipulado* for incipiente ou pautado por ensinamentos meramente cognitivos que não causam transformação de vida ou por um ensino manipulativo, a missão certamente será comprometida. Todo cristão é um missionário ou um impostor, como dizia Charles Spurgeon, e se o discípulo em missão não estiver saudável, não é possível que ela seja também. Um *discipulado* forte gera uma igreja forte, e se Deus escolheu cumprir Sua missão através da igreja, é fundamental que esta esteja saudável.

Nós refletimos aqui sobre de que forma uma igreja local pode ser tornar uma igreja *disciplinadora* e *missional*. Muitas igrejas tentam reproduzir modelos e programas, mas o *discipulado* não pode se enquadrar nestes tipos de moldes, ele é orgânico, e não é parte da igreja, é ela toda. A Bíblia Sagrada aponta princípios e dimensões do *discipulado* comum a todos, até por serem ensinados pelo nosso Mestre Cristo Jesus, e pelos apóstolos, mas as formas com que ele vai se desenvolver variam de igreja local para a igreja local, devido as demandas e a cultura própria daquela comunidade de fé.

Nos dias de hoje há muitos líderes que abusam do seu poder, e estes *abusos espirituais* fazem com que líderes humanos se coloquem muitas vezes no lugar do próprio Deus, gerando pecados como idolatria, abuso sexual, abuso moral, dentre outros, nas igrejas locais. E novamente, se a igreja local não consegue se manter saudável, ela não conseguirá viver de forma missional também, não conseguirá dialogar com a cultura como deveria e não terá a vida dos discípulos que a compõe transformada pelo Evangelho, muito menos transformará o ambiente ao seu redor. Muitos cristãos vêm de um ambiente eclesiástico muito tóxico, dotado de abusos espirituais, como os já

citados anteriormente, por isso precisam lidar com uma cultura eclesiástica saudável aonde os líderes e membros vivam para imitar ao Senhor Jesus.

Nós precisamos de igrejas que façam autocríticas e que sempre retornem a Bíblia Sagrada, analisando conceitos cruciais como a *missionalidade* dos discípulos e o próprio *discipulado* a luz desta. A ideia é de um retorno constante porque a Bíblia sempre será a nossa única regra de fé e prática e sempre será a luz para os nossos caminhos (Salmo 119:105), tanto pessoalmente quanto comunitariamente. Em todo e qualquer momento, sobretudo nos momentos de crise, a Bíblia deve ser o local para onde os discípulos de Jesus retornem.

Nunca foram tão publicados materiais teológicos sobre os dois conceitos (*igreja missional* e *discipulado*), mas as transformações necessárias nas igrejas e no mundo ainda são incipientes dentro de um contexto geral, pois é muito mais fácil tentar adaptar modelos bem-sucedidos do que extrair a essência destes conceitos, analisar e aplicar dentro de um ambiente específico e pessoal. Por isso muitas vezes estas mudanças são mínimas, outras inexistentes, ou mesmo retrocedentes em alguns casos.

Os líderes cristãos precisam repensar suas vidas pessoais, assim como os demais discípulos de Jesus que compõe a membresia de uma igreja, e todos juntos devem repensar a vida de cada igreja local que lhes competem. Isso porque os dois conceitos, *discipulado* e *missional*, são orgânicos e diretamente ligados a uma vida de comunhão com o Deus Trino. Portanto, não podem ser exportados, importados ou simplesmente adaptados, conforme já dito por todo este artigo. Ambos os conceitos partem de uma apurada Teologia Bíblica e Histórica, mas a forma com que estes se estabelecem no pessoal e no comunitário irá fatalmente variar. Isto requer tempo, investimento, dedicação, mutualidade, exposição e principalmente, uma vida de oração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA de SOUSA, Ricardo. **O Caminho do Coração: o sentido da Espiritualidade Cristã**. Viçosa: ed. Ultimato, 2017.

BARTHOLOMEW, Craig G e GOHEEN, Michael W. **O Drama das Escrituras: Encontrando nosso lugar na História Bíblica**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2017.

BAUCHAM Jr., Voddie. **Família guiada pela Fé: faça o necessário para criar filhos e filhas que andem com Deus**. Brasília: ed. Monergismo, 2012.

BBC BRASIL. 'Narcopentecostalismo': traficantes evangélicos usam religião na briga por territórios no Rio. G1 - Globo Comunicações, 12/05/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/05/12/narcopentecostalismo-trafficantes-evangelicos-usam-religiao-na-briga-por-territorios-no-rio.ghtml>. Acesso em 30/06/2023.

BÍBLIA SAGRADA, NT. Como viviam os convertidos. **Nova Almeida Atualizada (NAA).** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BÍBLIA, NT. Mateus: Ensino sobre Discipulado. **Nova Versão Transformadora (NVT).** São Paulo: ed. Mundo Cristão, 2016.

Blog. GRAHAM, Billy. **Pensador.** Disponível em https://www.pensador.com/billy_graham. Acesso em 12/10/2021.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado.** São Leopoldo: ed. Sinodal, 2004

BOSCH, David. **Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na Teologia da Missão.** São Leopoldo: ed. Sinodal, 2021.

BOUNDS, E. M. **O poder através da Oração.** São Paulo: ed. Batista Regular, 1997.

BTCAST Vida Nova 010: **Discipulado.** Entrevistado: Abmael Filho (pastor da Primeira Igreja Batista de Atibaia). Entrevistador: Rodrigo Bibo de Aquino. BiboTalk Produções, 05/07/2018. Podcast. Disponível em: https://youtu.be/wcYbfv_uu30. Acesso em: 21/05/2022.

CARLSON, Kent e LUEKEN, Mike. **Renovação da Igreja: O que acontece quando uma igreja evangelística descobre a formação espiritual.** Goiânia: ed. Primícias, 2013.

CARSON, Donald Arthur. **O Comentário de Mateus.** São Paulo: Shedd Publicações, 2017.

CÉSAR, Marília de Camargo. **O grito de Eva: a violência doméstica em lares cristãos.** Rio de Janeiro: ed. Thomas Nelson Brasil, 2021.

DAMATTA, Roberto. **Você tem cultura. Explorações: ensaios de sociologia interpretativa.** Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1986.

DEISTER, Jaqueline. **Em encontro com Lula em São Gonçalo, no RJ, evangélicos pregam esperança e união: Pastores e pastoras subiram ao palco para falar da realidade do país, da fome e do desemprego que assolam a população.** Brasil de Fato, 09/09/2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/09/em-encontro-com-lula-em-sao-goncalo-no-rj-evangelicos-pregam-esperanca-e-uniao>.

Acesso em 15/05/2023.

- DEVER, Mark. **Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2016.
- GARLAND, David e. **Atos: Série Comentário Expositivo**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2019.
- GOHEEN, Michael W. **A Igreja Missional na Bíblia: Luz para as nações**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2014.
- GONZÁLEZ, Justo L. **Atos: o Evangelho do Espírito Santo**. São Paulo: ed. Hagnos, 2011.
- GUDUR, L. Darrell. **Missional Church: A Vision for the Sending of the Church in North America**. Grand Rapids: ed. Eerdmans, 1998.
- HELOPOULOS, Jason. **Culto em Família: uma bênção a sua espera**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2106.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2014.
- INTERLINEAR Bible: **Acts 2:42-47**. Disponível em:
<https://biblehub.com/interlinear/acts/2.htm>. Acesso em: 12/04/2023.
- INTERLINEAR Bible: **Matthew 16:24-28**. Disponível em:
<https://biblehub.com/interlinear/matthew/16.htm>. Acesso em: 12/04/2023.
- KELLER, Timothy. **Igreja Centrada: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2014.
- KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. Petrópolis: ed. Vozes, 2017.
- KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento – Atos volume 1**. São Paulo: ed. Cultura Cristã, 2016.
- LACERDA, Nara. **Cartórios registram crescimento de mães solo no Brasil em cinco anos**. Brasil de Fato, 09/05/2022. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/2022/05/09/cartorios-registram-crescimento-de-maes-solo-no-brasil-em-cinco-anos>. Acesso em 15/06/2023.
- LIVINGSTONE, David. **O Pensador**. Disponível em:
<https://www.pensador.com/frase/NjEwNzc1/>. Acesso em: 25/05/2023.
- MADUREIRA, Jonas. **O custo do Discipulado: a doutrina da imitação de Cristo**. São José dos Campos: ed. Fiel, 2019.
- MCKNIGHT, Scot e BARRINGER, Laura. **Uma Igreja chamada TOV: A formação de uma cultura de bondade que resiste a abusos de poder e promove cura**. São Paulo: ed. Mundo Cristão, 2022.

- MOLLER Jr., R. Albert. **Atos 1-12 para você.** São Paulo: ed. Vida Nova, 2018.
- MURRAY, Andrew. **Com Cristo na escola de Oração.** Curitiba: ed. Pão Diário e São Paulo: Editora dos Clássicos, 2012.
- NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece – NA 28.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- NEWBIGIN, Lesslie. **O Evangelho em uma sociedade pluralista.** Viçosa: ed. Ultimato, 2016.
- NEWBIGIN, Lesslie. **O Segredo Revelado: Uma introdução da Teologia da Missão.** São Paulo: ed. Vida, 2019.
- NOUWEN, Henri. **O curador ferido: Ministério na sociedade contemporânea.** Petrópolis: ed. Vozes, 2020.
- ORTIZ, Juan Carlos. **O Discípulo: um livro revolucionário, para quem deseja conhecer e praticar o verdadeiro Discipulado Cristão.** Belo Horizonte: ed. Betânia, 2007.
- PETERSON, Eugene. **Uma longa obediência numa mesma direção: Discipulado numa sociedade instantânea.** São Paulo: ed. Cultura Cristã, 2005.
- PEZINI, José Carlos. **Compreendendo as Mudanças Ministeriais na História da Igreja.** São Paulo: Pós-graduação *Lato Sensu* FATIPI EAD – Revitalização de Igrejas, 2022.
- PEZINI, José Carlos e BRANCO, Luiz Alexandre R. **O Caminho Bíblico da Espiritualidade Cristã: paz e reconciliação com Deus e com o próximo.** Curitiba: ed. Esperança, 2020.
- PEZINI, José Carlos. **Oração: Quando meu coração encontra o coração de Deus.** Curitiba: ed. Esperança, 2020.
- POPE, Randy. **Discipulado na Igreja Local.** Viçosa: ed. Ultimato, 2017.
- Redação Jornal Extra. **Maioria da população da Baixada é de evangélicos. Seropédica lidera o ranking.** Jornal Extra, 20/07/2012. Disponível em:
<https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/maioria-da-populacao-da-baixada-de-evangelicos-seropedica-lidera-ranking-5531876.html>. Acesso em 15/05/2023.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: ed. Global, 2015.
- RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus: Comentário Esperança.** Curitiba: ed. Esperança, 2017.

- SCAZZERO, Peter. **O líder emocionalmente saudável: como a transformação de sua vida interior transformará sua igreja, sua equipe e o mundo.** São Paulo: ed. Hagnos, 2016.
- SCHAEFFER, Francis. **Verdadeira Espiritualidade: uma vida cheia de beleza que edifica e inspira.** São Paulo: ed. Cultura Cristã, 2021.
- SERVINDO DE APOIO, REFRIGÉRIO E AMIZADE. **Quem somos.** São Paulo. Disponível em: <http://www.sara.org.br/quem-somos/>. Acesso em 11/06/2023.
- SMITH, James K. **Você é aquilo que ama: o poder espiritual do hábito.** São Paulo: ed. Vida Nova, 2017.
- STETZER, Ed. **Plantando Igrejas Missionais: Como plantar Igrejas Bíblicas, saudáveis e relevantes à Cultura.** São Paulo: ed. Vida Nova, 2015.
- STOTT, John R. W. **A Cruz de Cristo.** São Paulo: ed. Vida, 2015.
- STOTT, John R. **A Mensagem de Atos: até os confins da Terra.** São Paulo: ed. ABU, 2020.
- STOTT, John R. **Atos: Estudos Bíblicos.** São Paulo: ed. Cultura Cristã, 2012.
- TASKER, Randolph Vincent Greenwood. **Mateus: Introdução e Comentário.** São Paulo: ed. Vida Nova, 2008.
- TENPONI PACHECO, Márcio. **Discipulado e Cuidado Integral: fundamento e prática do Discipulado.** São Paulo: Pós-graduação *Lato Sensu* FATIPI EAD – Revitalização de Igrejas, 2022.
- THOMAS, Gary. **Casamento Sagrado: E se o objetivo de Deus para o Casamento, mais do que nos fazer felizes, for nos tornar santos?** Curitiba: ed. Esperança, 2022.
- THOMPSON, Tad. **Pais Discipuladores: um guia para o Discipulado Familiar.** São Paulo: ed. Vida Nova, 2011.

A PRÁTICA DO DISCIPULADO E O RELACIONAMENTO FAMILIAR

Rev. Erick Albert Laterça¹

RESUMO

Neste artigo, mostraremos o ambiente familiar como o primeiro lugar onde o ato de discipular necessariamente ocorre. Veremos que os pais, ou as demais pessoas que legalmente exercem esse papel social, foram especialmente chamados por Deus para discipular seus filhos. Eles são os principais responsáveis por ensinar seus filhos a andar nos caminhos do Senhor, de ajudar as crianças a seguirem a Cristo, treinando-as diariamente para serem mais parecidas com Ele.

PALAVRAS-CHAVE: Discipulado; Ambiente Familiar; Treinamento; Instrução; Educação Cristã.

RESUMO

In this article, we will show the family environment as the first place where the act of discipleship necessarily takes place. We will see that parents, or the other people who legally exercise this social role, have been specially called by God to disciple their children. They are primarily responsible for teaching their children to walk in the ways of the Lord, for helping children to follow Christ, training them daily to be more like Him.

PALAVRAS-CHAVE: Discipleship; Family Life; Training; Education; Christian Formation.

No A.T. vê-se que Israel foi o povo eleito para seguir (ser discípulo) o Senhor, para ter um íntimo relacionamento com Ele, aprender d'Ele, instruir-se a ser como Ele e assim expressar o caráter de Deus em seu viver, atraindo desta maneira todas as nações a Ele.

¹ Bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

Assim, Israel cumpriria a sua missão como povo eleito de Deus e seria uma bênção para todas as nações.

No N.T. vê-se em Cristo o cumprimento da missão do verdadeiro Israel. Ele revelou perfeitamente o caráter de Deus em Seu viver, fez seguidores e os enviou para também fazerem discípulos de todas as nações, debaixo de toda a Sua autoridade nos céus e na terra. Discipulado, portanto, refere-se à atitude intencional de seguir o Cristo. Atitude que deve ser parte integrante do cotidiano de todo cristão. Todo verdadeiro cristão é necessariamente um discípulo de Cristo, pois foi chamado para viver como Cristo viveu, em obediência ao Pai, para a glória d’Ele.

Como parte do discipulado está o ato de discipular; Mark Dever define o ato de discipular como “[...] ajudar outras pessoas a seguir Jesus” (DEVER, 2016, p. 15). Ou ainda “[...] exercer uma boa influência espiritual sobre alguém, de modo deliberado, de forma que essa pessoa se torne mais parecida com Cristo” (DEVER, 2016, p.15). Importante observar o ato de discipular como parte do discipulado. Esta realidade nos mostra que só pode (e deve) fazer verdadeiros discípulos alguém que está vivendo em discipulado, que está seguindo o Cristo. Só pode fazer discípulos de Cristo a pessoa que ouviu o Seu chamado e o respondeu, pondo nele a fé para salvação; quem o reconheceu como seu Senhor e, por isso, submete sua vida a Ele diariamente; quem dia a dia tem reconhecido a sua natureza corrompida pelo pecado e procura viver em santificação, ou seja, viver para Cristo. Só pode fazer discípulos de Cristo alguém que não vive mais para agradar a si mesmo, mas sim para fazer a vontade do Pai, assim como Ele fez.

Se discipular é parte do discipulado de Cristo, segue-se que todo verdadeiro Cristão é chamado para esta missão. Mas discipular como afirma Dever envolve “ensinar, corrigir, servir de modelo, amar, ser humilde, aconselhar e inspirar” (DEVER, 2016, p. 86). Neste artigo, mostraremos o ambiente familiar como o primeiro lugar onde o ato de discipular necessariamente ocorre. Veremos que os pais, ou as demais pessoas que legalmente exercem esse papel social, foram especialmente chamados por Deus para discipular seus filhos. Eles são os principais responsáveis por ensinar seus filhos a andar nos caminhos do Senhor, de ajudar as crianças a seguirem a Cristo, treinando-as diariamente para serem mais parecidas com Ele.

Mark Dever comentando o texto de 1 Tm. 5.8 faz seguinte afirmação:

A Bíblia ensina nessa passagem e em outras que cada um de nós possui uma responsabilidade especial para com os membros de nossa família. Na família, Deus nos concede relacionamentos que duram a vida toda, além de bases naturais para a afeição e o cuidado. E essas afeições naturais e

responsabilidades devem ser empregadas em objetivos voltados para Cristo, em particular se você vive com esses membros da família e ainda mais se as Escrituras indicarem que você é especialmente responsável por eles, como ocorre com os pais em relação aos filhos ou com os cônjuges no relacionamento um com o outro. Esses relacionamentos são suas incumbências de discipulado mais importantes (DEVER, 2016, p. 87).

O processo de discipulado exige tempo e é humanamente impossível discipular de forma individual todas as pessoas com quem nos relacionamos. Faz-se necessário então, diante de tais limitações, escolher pessoas que possam ser treinadas para essa prática, descentralizando o processo de ensino/aprendizagem, para expandir gradativamente o alcance do discipulado. A Bíblia nos traz clara orientação sobre os critérios a serem adotados na escolha das pessoas a quem se dedica tempo. Certamente, se seguirmos suas orientações o discipulado será mais eficiente. Alguns princípios do modelo deuteronomista pode nos ajudar nesse processo de ajustamento.

2.1 O discipulado familiar e o modelo deuteronomista

O texto de Deuteronômio 6.4-9 é de extrema importância para se tratar do discipulado familiar, pois contém o chamado aos pais e traz instruções indispensáveis e fundamentais sobre o assunto. Ele descreve o que biblicamente se espera dos pais em relação aos filhos no que tange ao ensino/aprendizagem, a formação sociocultural das gerações futuras. O texto diz o seguinte:

Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.(Deuteronômio 6.4-9)

O Livro de Deuteronômio relata mais que uma mera repetição da Lei de Deus à Israel. Na verdade o livro narra a renovação, o restabelecimento da aliança de Deus com o Seu povo. Deus havia libertado, de forma miraculosa, Israel da escravidão no Egito. Não apenas isso, no deserto Ele os supria de todas as suas necessidades. Mas, apesar do que Deus havia feito pelos israelitas, eles fracassaram. Desobedeceram a Deus, rejeitaram a ordem dele para entrar na terra prometida, subverteram a Sua liderança. Como fruto do seu fracasso em obedecer a Deus, os meses que levariam na viagem do Egito à terra prometida se transformaram em aproximadamente 40 anos, uma geração depois. Até mesmo Moisés foi impedido por Deus de entrar em Canaã. Agora, uma geração posterior à que saíra do Egito está nas planícies de Moabe a postos para se apropriar da terra prometida.

Arnold e Beyer descrevem o conteúdo do Livro de Deuteronômio:

A ocasião em que Deuteronômio foi escrito foi a importante renovação da aliança em Moabe, pouco antes do momento em que o povo de Deus estava para entrar na terra da promessa patriarcal. Em vez de relatar os detalhes da cerimônia em si, o livro apresenta os discursos de despedida de Moisés naquela ocasião. O livro contém três longos discursos de Moisés que têm por finalidade exortar os israelitas a manter firme a aliança. Esses discursos fazem um levantamento dos atos salvíficos de Deus durante a geração anterior e resumem as leis da aliança a fim de preparar a nova geração de israelitas para o futuro. (ARNOLD; BEYER, 2001, p. 142)

Pode-se perceber que o conteúdo do Livro de Deuteronômio evidencia o propósito original de motivar e habilitar os israelitas que tomaram posse da terra prometida a permanecerem fiéis à aliança com Deus. Para tanto, a nova geração de israelitas precisava dentre outras coisas, ser ensinada a respeito dos atos salvíficos de Deus em sua história, revelando assim o caráter salvador de Deus. As próximas gerações de judeus, ou seja, aquelas que receberiam a nova narrativa da Lei de Moisés, necessitavam conhecer as bênçãos decorrentes da fidelidade à aliança, a fim de permanecerem livres dos riscos decorrentes da desobediência a ela (ARNOLD; BEYER, 2001, pp. 143-144).

A seção do livro em que o capítulo 6 se encontra é aquela na qual Moisés faz uma revisão das exigências de Deus na aliança, de tal maneira que os israelitas tivessem os termos dela como a regra que determinaria seu estilo de vida na terra que passariam a possuir, como cumprimento da promessa de Deus. Para viverem de forma justa e leal diante de Deus em Canaã a nova geração deveria acolher os mandamentos dados por Deus aos seus pais no Sinai.

Ted Thompson faz as seguintes considerações referindo-se ao capítulo 6 de Deuteronômio mostrando o quão fundamental são as orientações contidas aqui para o discipulado familiar:

Uma geração inteira de rebeldes havia morrido no deserto de Cades, e o próprio Moisés fora proibido de entrar na Terra. Essa foi, portanto, a última oportunidade que Moisés teve de falar ao povo escolhido de Deus. Ele aproveitou a ocasião para reafirmar a Lei de Deus e a aliança solene que o povo fez, comprometendo-se a ouvir e obedecer. No capítulo 6 de Deuteronômio, Moisés conclama o povo a amar e obedecer ao único Deus verdadeiro, e instiga os israelitas a integrar completamente a Palavra de Deus a cada aspecto de suas vidas, para que ela se tornasse o verdadeiro alicerce de suas famílias e comunidade (THOMPSON, 2011, p. 51).

É, portanto, justamente neste momento fulcral da história de Israel, no contexto solene da renovação pactual com Deus, que os pais são convocados para assumirem especialmente a responsabilidade de ensinar os seus filhos a viverem no temor do Senhor.

A primeira instrução que os pais israelitas recebem de Deus por meio de seu servo Moisés é que eles mesmos deveriam amar ao único Senhor de todo o seu coração. No contexto do Antigo Oriente o amor está diretamente ligado à lealdade. Algo que pode ser verificado nos tratados de *suserania* da época, nos quais o amor dos *vassallos* aos seus senhores era expresso através da lealdade irrestrita. Em Deuteronômio, “amor” tem essa ideia. É um amor sob imposição diretamente vinculado a uma atitude reverente de lealdade, serviço e obediência. Destarte, neste livro a demonstração de amor a Deus dá-se em resposta a afirmação de que Ele é o único Senhor. Em suma, amar a Deus é ser-lhe leal, permanecer em seus caminhos, observar objetivamente os Seus mandamentos e servi-LO.

Assim, o que se requer dos pais israelitas neste texto é que em primeiro lugar eles demonstrem seu amor a Deus pela obediência integral a Sua lei expressa em Sua Palavra a qual representa a Sua vontade. Para isso deveriam guardar as palavras ditas a eles em seus corações para então ensiná-las a seus filhos. Importante ressaltar que no contexto de Deuteronômio 6 as palavras que os pais deveriam guardar referem-se a todos os mandamentos, as exigências da aliança com Deus.

A palavra “*shamar*” traduzida como “guardar” neste texto traz a ideia de algo que deve ser entesourado na memória, protegido, observado, cumprido. Algo ao qual deva ser dada a devida atenção.² Ou seja, os pais israelitas são convocados para andar nos caminhos do Senhor tendo em seus corações os mandamentos da aliança. O que significa que a Palavra de Deus precisava ser abrigada no mais íntimo do ser, de tal forma que o intelecto, a vontade e a consciência estivessem comprometidos com ela, rendidos a ela. A vida dos pais deveria ser determinada pela vontade de Deus (CLIFTON, 1994, p. 256).

Este mandamento dado originalmente aos israelitas é perfeitamente atual para a igreja. Em Mc. 12.28-34 ao ser questionado por um escriba a respeito de qual seria o principal de todos os mandamentos Jesus o escolhe como o primeiro. A ideia de amor a Deus relacionada à obediência à Sua Palavra é também reafirmada por Cristo aos seus discípulos em João 14.21-24.

Temos, portanto, um princípio claro relativo ao discipulado familiar. O primeiro passo necessário para ensinar os filhos a andarem nos caminhos do Senhor de forma eficaz, e de ajudar os filhos a seguirem a Cristo, é ser um discípulo, ser exemplo de obediência. É buscar viver de forma piedosa e agradável a Deus. Ademais, todo

2

discipulador precisa ser um discípulo. Thompson resume esse princípio e faz a seguinte conclusão:

O ensino da lei de Deus jamais será eficaz a menos que tenha transformado primeiro o caráter do professor [...]. Um princípio básico pode ser extraído dessa argumentação: não podemos discipular nossos filhos além de nosso próprio nível de discipulado. Se você não é fiel no estudo diário da Bíblia, não será capaz de ensinar os filhos a estudá-la. Se você não é exemplo de vida de oração, não será capaz de ensinar seus filhos a orar. Se você nunca compartilha o evangelho fora de casa, não será capaz de ensinar seus filhos a testemunhar do evangelho aos amigos deles. Resumindo, você tem que se comprometer a amar a Deus de todo o coração e de toda a alma — de todo o ser, incluindo seu raciocínio, sua capacidade mental, suas escolhas e inclinações morais, seus sentimentos e desejos, e as raízes mais profundas de sua vida (THOMPSON, 2011 pp. 51-52).

Nos versos 6 e 7 Moisés não apenas determina que os pais a ensinem os filhos, mas também os orienta sobre o método que eles devem aplicar para que a Lei de Deus ocupe o lugar correto em suas vidas e na de seus filhos, a fim de que a Lei de Deus estivesse guardada em seus corações. Comentando estes versículos dentre outras coisas Clifton afirma:

Então o problema é se construir a ponte entre o sermão na igreja e as recordações diárias que possibilitam sua aplicação. A primeira aplicação consiste na instrução religiosa adequada nos lares. À medida que os pais se tomarem cientes de sua obrigação de ensinar diligentemente as verdades aos seus filhos, cumprirão o requisito para que estas coisas tenham um lugar constante em seus pensamentos. As coisas pertencentes à palavra de Deus devem também fazer parte, normalmente, da conversa durante todas as atividades do dia, quer em casa, quer nos negócios, quer nos períodos finais do dia, antes de se ir dormir, quer ao se levantar, para iniciar cada dia. As verdades de Deus, a sua palavra e a sua vontade devem fazer parte, natural e normalmente, da conversa. Então inevitavelmente plasmarão a vida e as decisões da vida. A criança que sabe que estes assuntos são caros ao coração e estão muito presentes na mente de seus pais terá pouca dificuldade em compreender sua fé ou em aceitar seu ensino (CLIFTON, 1994 pp. 255-256).

Percebe-se pela leitura do texto acima que para discipular os filhos a andarem no caminho de Senhor de forma eficaz os pais precisam ensinar de forma massiva e repetitiva a Palavra do Senhor. Os ensinamentos do Senhor só encontrarão abrigo nos corações dos filhos se assim o for. É um trabalho que pode ser cansativo, entretanto uma vez gravados no coração os ensinamentos do Senhor por meio da Palavra jamais serão apagados. Os filhos serão habilitados a estabelecerem suas vidas de acordo com a vontade d'Ele.

Essa realidade de uma cultura de discipulado no ambiente familiar que promove assiduamente o ensino da Palavra de Deus e por consequência o ensino da obediência a Deus só pode ser estabelecida a partir da conscientização dos pais de que a missão de

discipular os filhos lhes foi atribuída por Deus. É muito comum ver pais que atribuem o discipulado dos filhos exclusivamente à igreja local por meio da escola bíblica dominical, líderes de departamento e pastores. No caso de algumas igrejas, o discipulado acontece através de métodos como pequenos grupos e discipulado um a um. É fundamental contudo, que os pais reconheçam sua responsabilidade principal de discipular seus filhos. Ao contrário do que muitos pensam o ato de discipular não é um chamado especial para crentes especiais, é o chamado para todos os crentes e, de maneira extremamente especial no lar. Os pais foram chamados pelo Senhor para investir na vida de seus filhos, pois o ambiente familiar é o melhor lugar para realizar este investimento: um discipulado que tem impactos na eternidade. Essa também é a compreensão de Tedd Tripp sobre o ensinamento de Deuteronômio 6 a respeito da responsabilidade atribuída por Deus aos pais em relação aos filhos. Tripp afirma dentre outras coisas que:

Deuteronômio 6 acentua esta visão de responsabilidade do pai e da mãe. No versículo 2, Deus diz que seu objetivo é que Israel, seus filhos e netos temam ao Senhor, guardando os seus decretos. As pessoas através de quem são passados os decretos de Deus são o pai e a mãe, a quem Deus chama para treinar seus filhos, ao sentarem-se em casa, ao caminharem na estrada, ao deitarem-se e ao levantarem-se. Deus tem um objetivo. Ele deseja que uma geração siga a outra nos caminhos dele. Deus cumpre este objetivo através de agentes, ou seja, da instrução dos pais aos filhos (TRIPP, 2017, pp. 54-55).

O tempo que os filhos passam na escola, no relacionamento com pessoas que não seguem a Cristo, nas redes sociais e em outros ambientes sob influências que vão de encontro com a Palavra de Deus é muito maior em comparação ao tempo que os filhos têm na Igreja local, na escola bíblica, nos cultos e em outros encontros destinados ao ensino da Palavra. Soma-se a essa realidade, o fato de que pais e mães ou não têm a consciência de sua responsabilidade quanto ao discipulado dos seus filhos ou sabem, mas não lhe dão a devida importância. E assim dedicam a maior parte do seu tempo aos seus interesses pessoais, suas carreiras, seus trabalhos, suas formações acadêmicas, lazer e outros. Deixam, portanto de agir como a Bíblia ordena. Dedicam pouco ou mesmo nenhum tempo ao ensino da Palavra aos seus filhos, deixando assim de cumprir o chamado de Deus.

Sobre essa realidade de ausência de tempo no convívio familiar no ambiente do lar, Otília faz as seguintes considerações:

A preeminência da vida moderna transformou a residência em apartamentos, simples pontos de encontro da família nas horas da refeição, às vezes, e, quando muito, albergue para recebê-los à noite, vindos dos lugares mais variados, como

cinema, clubes etc., ou de cursos de estudo ou trabalhos naturais (CHAVES, 1947, p. 7).

Temos por certo que o problema apontado por Otília certamente foi potencializado. No contexto atual em muitos lares nem mesmo o encontro nas horas da refeição acontece. Muitas vezes pais e filhos passam dias no decorrer da semana sem ao menos se verem. Pais (pai e mãe) que deixam suas casas muito cedo, antes mesmo de seus filhos acordarem e chegam após estes já terem ido dormir. Além do agravante do que chamamos de abandono assistido que ocorre quando pais estão fisicamente perto dos filhos mas longe emocionalmente, e no caso do cristão, por que não dizer que longe espiritualmente? Não é difícil observar lares em que se percebe uma falta de dedicação dos pais do tempo que têm próximo aos seus filhos. Acabam se envolvendo com outras atividades, com redes sociais dentre outras, desprivilegiando o tempo que poderia ser dedicado ao ensino da Palavra aos filhos.

André Luiz Ramos tratando a respeito das dificuldades de ministrar a educação cristã no lar aponta algumas variáveis que podem impossibilitar ou pelo menos dificultar o discipulado no ambiente familiar, um deles refere-se a falta de entendimento do papel do lar, ele afirma:

Um dos grandes problemas que encontramos nos lares está relacionado com a dificuldade de promover a educação no lar. A causa destes problemas está ligada à falta de internalização dos valores e deveres que a família tem e deveria transmitir aos seus filhos no momento da formação de hábitos. [...] Observa-se que o problema não está somente na internalização do hábitos, mas também na manutenção da educação cristã no lar (RAMOS, 1999, p. 15).

No que concerne à importância do ensino bíblico no lar Richards afirma dentre outras coisas que:

A Escritura tem de ser transmitida como realidade vívida e visível. Suas verdades devem ser transmitidas por pessoas que as integram em sua personalidade e que falam da Palavra de Deus e palavras de Deus com seus filhos ao contar experiências da sua vida. O lugar mais importante para o ensino bíblico não é a sala de aula, mas o ambiente caseiro; andar juntos, sentar-se na varanda, aquecendo a cama, vivendo a alegria de um novo dia. A comunicação das verdades bíblicas tem de se concentrar na própria vida, onde elas têm significado para nós como pessoas (RICHARDS, 1983, p. 155).

Em nossa cultura a tarefa dos pais foi reduzida ao *status* de cuidadores, pessoas responsáveis por prover as necessidades básicas dos filhos e algum conforto, o que tem influenciado a maneira como os pais veem o seu papel; e acaba por determinar, inclusive, o tempo que os pais dedicam ao relacionamento com seus filhos. Essa é uma característica de nossa cultura ocidental que atualmente tende a valorizar mais o tempo de qualidade

em detrimento da quantidade de tempo dedicado aos filhos. Contudo, como podemos observar, esta linha de pensamento contrasta e muito com o que Deuteronômio 6 nos ensina. A quantidade de tempo investido no discipulado dos filhos é de suma importância para a sua eficácia. Vejamos o que diz Tripp a respeito do papel dos pais e da importância do tempo dedicado ao relacionamento entre pais e filhos baseado nos versos 6 e 7 de Deuteronômio 6:

Em forte contraste com este ponto de vista enfraquecido, Deus o chamou a uma tarefa mais profunda do que ser alguém que cuida. Você pastoreia seu filho em obediência a Deus. A tarefa que Deus lhe deu não é do tipo que pode ser agendada convenientemente. Ela é uma tarefa intensiva. O treinamento e o pastoreio acontecem sempre que você está com seus filhos. Ao acordar, andar, conversar ou descansar, você precisa estar envolvido em ajudar seu filho a entender a vida, a si mesmo e as suas necessidades a partir da perspectiva bíblica (TRIPP, 2017, p. 54).

É necessário que os filhos sejam ensinados a andar nos caminhos do Senhor constantemente, todos os dias, em todos os momentos da vida cotidiana. Só assim pais cristãos verão seus filhos crescendo e alcançando a maturidade cristã. Só assim o caráter de Cristo pode ser forjado na vida dos filhos (LOPES, 2011, p. 14).

O método estabelecido por Deus para o ensino da Palavra no discipulado familiar é a repetição. Essa é a ideia que encontramos nos versos 7 a 9. Moisés conchama os pais a preencherem os seus lares com a Palavra de Deus, pois esse é o método que garante a fidelidade de seus filhos ao Senhor. Doutra sorte, pais cristãos não podem criar expectativas de bons resultados em seus filhos que vivem sob constantes influências contrárias à Palavra. Thompson resume de forma assertiva este princípio do discipulado nos lares, ao dizer que:

[...] o discipulado é mais eficaz quando a prática é integrada ao ritmo da vida diária. Um horário regular para o culto doméstico, por exemplo, é uma prática excelente de discipulado, mas não substitui um estilo de vida voltado para o discipulado que abrange o café da manhã, os momentos passados no trânsito, a hora de dormir, as compras e as tarefas diárias. Não existe nenhum momento na vida que não seja uma oportunidade para instrução (THOMPSON, 2011, p. 54).

Observando os versículos seguintes de Deuteronômio 6 podemos compreender o propósito do discipulado familiar. Diferentemente do que alguns possam imaginar, os israelitas não foram submetidos a um sistema opressor de regras. Logo, os pais não deveriam oprimir os seus filhos por meio do discipulado. Os israelitas foram chamados para adorar a Deus como uma resposta aos seus atos salvíficos graciosos realizados durante toda a história de Israel. É exatamente esse o propósito do discipulado familiar

cristão. Levar os filhos a obediência ao Senhor não de forma legalista e opressora, mas como um ato de adoração a Deus em resposta à sua maravilhosa graça salvadora.

Thompson descreve a tarefa dos pais cristãos:

Para nós, então, a tarefa de ensinar consiste basicamente em contar a história da fidelidade do Senhor de modo que, em resposta à sua graça salvadora, nossos filhos adorem ao único Deus verdadeiro. Somos chamados a proclamar e celebrar continuamente o evangelho, na esperança de que nossos filhos se entreguem a Cristo e caminhem com ele por toda a vida. [...] Temos de aplicar a Palavra de Deus a todos os aspectos da vida de nossos filhos, aproveitando cada oportunidade para transmitir a eles a sabedoria e a cosmovisão da Bíblia (THOMPSON, 2011, p. 55).

Assim como os pais israelitas foram ordenados a descreverem a história da libertação de Israel no Egito, operada graciosamente pelo Senhor, para que seus filhos compreendessem o significado dos estatutos e juízos que Deus havia ordenado, os pais também deveriam esclarecer que a Lei do Senhor fora estabelecida para o benefício dos filhos e para que esses não esquecessem de adorá-lo.

2.2 As características do discipulado na Nova Aliança

Na Nova Aliança não vemos elementos que nos mostram que a responsabilidade dos pais quanto ao discipulado dos filhos tenha sido extinguida ou ao menos diminuída. Pelo contrário, percebe-se a continuidade da responsabilidade dos pais. É o que se pode verificar em primeiro lugar na vida de Jesus nos poucos relatos bíblicos sobre a sua infância. Em Lucas 2.21 vemos que Jesus fora conduzido por seus pais para ser circuncidado a fim de cumprir o que a Lei mosaica exigia e assim desde a mais tenra idade ensiná-lo a obedecer a Lei do Senhor. Kenner afirma que “a lei judaica exigia que a circuncisão fosse realizada no oitavo dia; era um evento especial, e o costume judaico incluía a obrigação de educar a criança segundo a lei bíblica” (KENNER, 2017, p. 212).

Logo em seguida o evangelho de Lucas 2.22-24 narra o comparecimento de Jesus ao templo com seus pais para ser apresentado ao Senhor. O texto faz a seguinte narrativa:

Passados os dias da purificação deles segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme o que está escrito na Lei do Senhor: Todo primogênito ao Senhor será consagrado; e para oferecer um sacrifício, segundo o que está escrito na referida Lei: Um par de rolas ou dois pombinhos. (Lucas 2.22-24)

Mais adiante, ainda no capítulo 2 de Lucas, o evangelista nos informa que Jesus, na idade de doze anos, fora levado por seus pais a Jerusalém para a Festa da Páscoa. Os versos 41 e 42 dizem: “Ora, anualmente iam seus pais a Jerusalém, para a Festa da Páscoa. Quando ele atingiu os doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume da

festa”. É importante observar a afirmação de que os pais de Jesus tinham o costume de ir à Jerusalém no tempo da Festa da Páscoa todos os anos. O que nos leva a inferir que muito provavelmente aquela não era a primeira vez que Jesus estivera na festa. Seus pais costumavam levá-lo às celebrações da Páscoa ensinando-o a respeito do Seu Pai e dos Seus feitos em Israel.

Na experiência dos discípulos de Cristo na Igreja Primitiva o lar cristão também teve um papel fundamental no discipulado. Marshal e Payne resumem de forma assertiva o papel do lar no discipulado:

O lar era a esfera cotidiana básica em que os discípulos aprendiam a obedecer a todos os mandamentos de Cristo, especialmente seu novo mandamento de amar uns aos outros. E esse novo comportamento orientado pelo evangelho e o amor sacrificial nos lares não passavam despercebidos. Em Tito 2, o comportamento piedoso das mulheres mais jovens e dos escravos testemunhava do evangelho. O lar cristão renovado, as extremas divisões sociológicas e étnico-religiosas do mundo antigo — entre judeus e gentios, livres e escravos, homens e mulheres, classes alta e baixa — foram derrubadas. O lar cristão não era apenas o núcleo da igreja, mas fornecia um testemunho forte do aprendizado transformador de Cristo para a comunidade ao redor (MARSHAL; PAYNE, 2019, p. 147).

Em Paulo vemos os pais mais uma vez sendo chamados à responsabilidade de ensinarem seus filhos a andarem nos caminhos do Senhor. Os pais são outra vez chamados a discipular os filhos. Na Carta de Paulo aos Efésios 6.4 é dito que os pais não devem provocar os seus filhos, mas, sim, criá-los com disciplina, na admoestação do Senhor. A respeito da fé que testemunhou na vida de seu discípulo Timóteo, em 1 Tm. 1.5, Paulo recorda uma “[...] fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Loide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também, em ti”. Isso quer dizer que Timóteo aprendeu com sua mãe e sua avó às verdades concernentes à fé, não apenas teoricamente, mas na obediência prática. Assim, cabe especialmente aos pais o discipulado dos filhos. Percebe-se também que as Sagradas Escrituras estabelecem claramente o método do discipulado familiar. É preciso resgatar os princípios abordados até aqui a fim de que se tenha famílias espiritualmente sólidas, igrejas fortes e uma geração futura de crentes que permaneça fiel ao Senhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Clifton J., Comentário bíblico Broadman 2ed. Rio de Janeiro. JUERP, 1994.

ARNOLD, Bill T. & Beyer, Bryan E. Descobrimo o Antigo Testamento. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

CHAVES, Otília de O. A educação Religiosa no Lar. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1947.

DEVER, Mark. Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KENNER, Craig S. Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LOPES, Augustus Nicodemus. A Bíblia e sua família. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

MARSHAL, Colin; PAINE, Tony. Projeto Videira: cultivando uma cultura de discipulado. São José dos Campos, SP: Fiel, 2019.

RAMOS, André Luiz. Educação Cristã no Lar. Campinas, SP: LPC Comunicações, 1999.

RICHARDS, Lawrence O. Teologia da Educação Cristã. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983.

THOMPSON, Ted. Pais discipuladores. Vida Nova. Edição do Kindle.2011.

TRIPP, Tedd. Pastoreando o Coração da Criança. Editora Fiel. Edição do Kindle.2017.



DEPRAVAÇÃO TOTAL: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O RESULTADOS DA QUEDA NA COMENSALIDADE

Rev. Ucleydson Scherrer ¹

RESUMO

O presente artigo é uma proposta de reflexão, do ponto de vista da fé cristã reformada, sobre a relação dos efeitos da *queda do homem* e a herança que ela relegou a toda humanidade, na perspectiva da comensalidade. Afinal, a forma como nos alimentamos reflete a nossa relação direta com a criação de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Depravação Total. Queda. Comensalidade. Mesa.

ABSTRACT

This article is a proposal for reflection, from the point of view of the reformed Christian faith, on the relationship between the effects of the fall of man and the inheritance that it relegated to all humanity, from the perspective of commensality. After all, the way we feed ourselves reflects our direct relationship with God's creation.

KEYWORDS: Total Depravity. Fall. Commensality. Table.

INTRODUÇÃO

Com uma mordida em um fruto perfeito, nosso relacionamento com Deus foi rompido. A primeira transgressão do homem foi uma transgressão alimentar e através de um fruto proibido, o mundo dos alimentos e nossa relação com a comida repentinamente desabaram. No jardim não havia proibições, exceto por uma árvore e seu fruto. A partir

¹ Administrador, com especialização em Gerenciamento de Projetos pela FGV, especialização em Teologia pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (EAD) e bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton. E-mail: ucleydson@gmail.com.

da queda do homem, a harmonia que existia entre os seres humanos, Deus e todo o restante da criação foi perdida e como resultado, o homem perdeu o propósito da sua criação, que é adorar a Deus, passando a experimentar a morte em vez de uma vida plena e abundante. Deus amaldiçoou a terra com espinhos, abrolhos, cardos e exigiu o suor de nosso rosto para que do solo pudéssemos obter sustento². A terra agora geme sob a maldição do pecado e os agricultores até hoje suam e se esforçam para produzir safras e criar variedades de gado suficientes para alimentar a população mundial, porém, apesar disso, a produção e a colheita nunca atingem os mais necessitados. Ou seja, por uma sucessão de pecados, ao mesmo tempo que convivemos com o problema da fome, nos deparamos com o mal do desperdício e em ambos os casos, o impacto é negativo para a criação.

Dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) em 2019 mostram que 30% dos cereais, entre 40 e 50% das raízes, frutas, hortaliças e sementes oleaginosas, 20% da carne e produtos lácteos e 35% dos peixes são desperdiçados todos os anos. A mesma pesquisa aponta que esses alimentos seriam suficientes para alimentar dois bilhões de pessoas³.

A comida é um dos melhores presentes que Deus deu ao homem e comer é a atividade humana que mais intimamente conecta natureza, cultura e fé. Diferente de outras necessidades fisiológicas que o homem possui, o ato de comer é repleto de sistemas simbólicos, que permeiam as relações humanas, tornando-o bem mais complexo do que a simples satisfação da fome. Com a comida nos alimentamos e nutrimos não apenas os nossos corpos, mas também as nossas memórias. No entanto, assim como tudo que é bom pode se tornar um ídolo, a comida pode ser uma grande bênção, mas quando entendida da forma equivocada se torna uma pedra de tropeço para o indivíduo. Motivado pelo excesso ou pela restrição, o homem pode desonrar a provisão dada por Deus e a nossa mordomia diante da criação.

Nosso pecado em torno da comida pode ainda estar ligado à ingratidão que o indivíduo carrega em seu coração, diante da escassez de tantos que sofrem por não terem o que comer. Nesse sentido, constata-se que a tradição da comensalidade e da comunhão à mesa adquiriram nas sociedades contemporâneas contornos cada vez mais distantes dos laços de reciprocidade e dádiva, reformulando fatores indispensáveis do ato de comer, em

² Gn 3.17–19

³ BENITEZ, 2019

favor da adequação do consumo alimentar aos ritmos da vida moderna ou ainda da satisfação hedonista do consumo.

A comensalidade desempenha um papel significativo na Bíblia, especialmente no contexto das tradições religiosas e culturais do Antigo Testamento. Na cultura judaica, comer juntos era uma forma de comunhão e expressão de solidariedade entre as pessoas. As Escrituras destacam a importância da comensalidade e fornecem insights sobre seu significado espiritual e social. Por causa do pecado, o povo de Deus recebeu meticulosas leis dietéticas e regras alimentares, que os diferenciava de outras nações⁴. Havia normas, regras e leis a respeito do que comer, quando comer, de que jeito comer e de que forma preparar a refeição.

No Novo Testamento, a comensalidade ganha ainda mais destaque, especialmente nos ensinamentos e ações de Jesus Cristo. Jesus era frequentemente visto compartilhando refeições com pessoas de diferentes origens sociais, inclusive com pecadores e excluídos. Isso provocou controvérsias e críticas dos líderes religiosos da época, que consideravam a comensalidade com pessoas consideradas impuras uma violação das tradições religiosas. Jesus também ensinou sobre a vida cristã e se fez lembrar por meio de símbolos alimentares.

Diante desse vasto cenário, nosso objetivo será analisar de forma introdutória a relação entre um comportamento idólatra e as disfunções alimentares, contrapondo a mentalidade de uma sociedade hedonista com os propósitos de Deus na criação e o quanto o nosso modo de viver afeta o nosso modo de comer, propondo uma reflexão sobre a influência da nossa cosmovisão cristã e o significado da comida.

1 DEPRAVAÇÃO TOTAL E COMENSALIDADE

A Bíblia nos ensina que a *queda do homem* no Éden, narrada pelas Escrituras no livro de Gênesis, capítulo 3, não foi um ato isolado de desobediência, mas sim um acontecimento catastrófico para a criação como um todo. Ao longo da História, muitos autores trataram sobre o primeiro pecado e seus efeitos sobre vários aspectos da existência humana, até a construção da doutrina da *depravação total* na forma como a conhecemos hoje, como uma das doutrinas centrais do Cristianismo Reformado. Basicamente, essa doutrina postula que os seres humanos, em sua totalidade, estão completamente corrompidos pelo

⁴ Levítico 11.1–47

pecado e, portanto, inclinados ao mal e controlados pela intensa e vibrante vontade de fazer o que é mal. O pecado "não está localizado sobre e ao redor dos seres humanos, mas dentro deles e se estende a toda a pessoa e a toda a humanidade"⁵.

Já a comensalidade é a prática de comer juntos e tem como característica principal a partilha, mesmo que nem sempre isso ocorra de forma igualitária. Esse termo é derivado do latim "*mensa*" que significa conviver à mesa⁶. A comensalidade nos mostra que a essência do ser humano é comer de forma coletiva e essa característica distingue o ser humano dos animais, não apenas pela cozinha, mas também pela função social das refeições, desde externar as regras da identidade de um grupo, identificar os estratos sociais⁷, distinguir níveis de honra entre pessoas ou simplesmente o desfrute de uma refeição especial e prazerosa entre pessoas.

Inserida nesse vasto cenário histórico, a cultura judaico-cristã também se apresenta em torno da comensalidade, não só entre os homens e os deuses, mas também entre os homens e os animais. E foi justamente a violação de uma interdição alimentar que rompeu o elo entre o criador e a sua criação, que acabou sendo condenada a alimentar-se do seu trabalho. A alimentação judaica passa então a ser caracterizada não pelas considerações nutritivas ou gastronômicas, mas essencialmente por um conjunto de leis, que denotavam uma espécie de característica distintiva entre os demais povos⁸.

No Novo Testamento, em ruptura com certas particularidades judaicas, a alimentação foi, de certa forma, universalizada, exceto pela proibição de se alimentar de sangue que, vinda de Levítico 11, permaneceu nos Atos dos Apóstolos⁹, "mas sacralizou alguns alimentos particulares: a trindade mediterrânea do pão, vinho e óleo" (CARNEIRO, 2003, p. 85).

2 MESA E ADORAÇÃO

A primeira e, certamente, a mais conhecida pergunta que lemos no Breve Catecismo de Westminster é a seguinte: "Qual é o fim principal do homem? O fim principal do homem

⁵ BAVINCK, 2012, p. 82

⁶ MOREIRA, 2010, p. 23

⁷ O termo estrato social ou estratificação social é usado no campo da Sociologia para a classificação que envolve indivíduos em grupos, de acordo com suas condições socioeconômicas, analisando quando uma pessoa ou um grupo social leva vantagem ou tem privilégios em detrimento de outros.

⁸ Levítico 11 e Deuteronômio 14

⁹ Atos 15.20

é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre"(ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER, 2001, p. 7).

Para fundamentação dessa resposta, uma das referências bíblicas citadas é a passagem de 1 Coríntios 10.31: "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus". Quando esse versículo é analisado em seu contexto mais amplo, nota-se que o mandamento de Paulo de fazer tudo para a glória de Deus se relaciona com os ídolos culturais e tem a ver com a consciência cristã do indivíduo e da forma como ele vive diante de um mundo incrédulo. Nesse sentido, a prática de preparar, comer e compartilhar alimentos tem um significado comunicativo muito importante e que vai além daquilo que está inicialmente visível no cotidiano.

2.1 Códigos e ritualização

O ato de compartilhar a comida pode ser uma ocasião repleta de códigos que, na maioria das vezes, passam praticamente despercebidos, afinal, estar à mesa com o chefe ou com os pais, ou ainda em um jantar romântico, apresentam características completamente distintas umas das outras. A forma como se serve o prato e o tamanho das porções variam de acordo com o ambiente da refeição. Nos restaurantes mais sofisticados, por exemplo, as comidas são servidas em porções menores, enquanto nos restaurantes populares as porções são maiores. O código de conduta nesses ambientes é também muito diverso, ou seja, a forma como o indivíduo se porta à mesa, as roupas que ele veste e até mesmo o tom de voz adequado em cada um desses ambientes são distintos e isso abrange também todos os demais presentes, mesmo que exercendo diferentes funções, como na abordagem do garçom, a roupa que será utilizada, a forma como a comida é servida ou ainda a forma como se paga a conta. Esses códigos, mesmo que implícitos ou inconscientes, são parte do que torna uma cultura única e que regulam questões como hierarquia e intimidade entre pessoas. Mais ainda, esses códigos mostram que uma refeição é uma atividade altamente ritualizada¹⁰.

Na ótica bíblica a comida também se mostra repleta de códigos e ritualizações. Esses códigos estão intimamente relacionados com as narrativas bíblicas e com a História do povo judeu, desde a dieta específica de Adão¹¹ no jardim, passando pelas consequências do pecado, através do esforço vitalício para tirar o seu sustento dessa

¹⁰ MARSHALL, 2005, p. 10

¹¹ Gênesis 1.29

terra¹², seguindo através do dilúvio, quando Noé e seus descendentes podem dispor à vontade de "tudo o que se move e vive"¹³, passando por Abraão, quando não negou o seu único filho como sacrifício a Deus¹⁴, pelos sonhos alimentares de José¹⁵ e a prosperidade alimentar do Egito¹⁶; continua no pacto da Terra Prometida, "uma terra que mana leite e mel"¹⁷, na instituição da primeira Páscoa¹⁸, na fuga com os pães asmos¹⁹ e no envio do maná e das codornizes²⁰. Entre os profetas, o Senhor diz explicitamente ao profeta Ezequiel²¹ que é preciso comer as palavras de Deus; com Amós²², Deus envia fome das palavras do Senhor sobre o povo de Israel. Várias bençãos acompanham a rotina de cada refeição e até os dias de hoje um dos principais momentos de estudo judeu acontece quando "come-se a Torá", ou seja, falando sobre seus ensinamentos ao longo de uma refeição. A mesa é tão impregnada da presença divina que a tradição incentiva que os sábios sejam enterrados na madeira de suas mesas. A refeição também é uma oportunidade para respeitar certo número de proibições. Nas comunidades judaicas dispersas, as refeições são um momento essencial de socialização, estabilidade e transmissão. Ela está nos encontros familiares das noites de *Shabat*²³, na educação das crianças, na organização da vida comunitária e quando os viajantes vêm trazer notícias de outras comunidades e do mundo. No momento à mesa a criança faz todas as perguntas e aprende, pois contrariamente às outras tradições, no judaísmo não se determina que as crianças se caleem à mesa, mas, ao contrário, elas são encorajadas a falar. Diversas tradições judaicas posteriores ainda associam o alimento à língua. Assim, come-se coisas cujo significado simbólico, pelas letras que compõem a palavra que as designa, remete a votos ocultos,

¹² Gênesis 3.17-19

¹³ Gênesis 9.3

¹⁴ Gênesis 22.12

¹⁵ Gênesis 37.7; 40.12-19; 41.25-27

¹⁶ Gênesis 41.54-57

¹⁷ Êxodo 3.8

¹⁸ Êxodo 12.8-11

¹⁹ Êxodo 12.17-20

²⁰ Êxodo 16-18

²¹ Ezequiel 3.1-4

²² Amós 8.11

²³ O *Shabat* é o dia de descanso semanal no judaísmo, que começa ao pôr do sol de sexta-feira e termina ao anoitecer de sábado. É um dos pilares fundamentais da fé judaica e tem origem nos relatos bíblicos da criação, tornando-o um dia especial de descanso e conexão espiritual.

em particular durante as refeições do *Pessach*²⁴. Em certas tradições judaicas, por exemplo, cozinham-se biscoitos com alimentos muito específicos, cujas letras que compõem as palavras que os designam traduzem votos bem precisos²⁵.

Portanto, quando nos alimentamos da Bíblia, vamos perceber que cada palavra neste livro tem a intenção de realizar algo em nós. A Palavra nos dá saúde integral, vitalidade e santidade, para toda a nossa alma e nosso corpo. É por isso que a Comunidade Cristã tem investido uma quantidade enorme de energia, inteligência e oração para aprender como "comer este livro", seguindo o exemplo de João em Patmos, Jeremias em Jerusalém e Ezequiel na Babilônia. Nós não necessitamos saber tudo para chegar à mesa, mas isso nos ajuda a conhecer algo especial já que tantos dos nossos contemporâneos tratam isso como apenas um aperitivo²⁶. Fato é que "na vida cotidiana do povo judeu, tudo o que se come é uma expressão da palavra divina. A mesa da refeição é, ela mesma, é um símbolo do Templo; é um altar" (ATTALI, 2021, p. 47).

2.1.1 A mesa e o santuário: a vida pela morte

Comer é uma lembrança diária da vida e da morte. Em um dos ensinamentos de Jesus, registrado no Evangelho de João²⁷, a semente que produz o fruto da vida precisa morrer primeiro no chão, mostrando que para uma vida ser plena, ela precisa ser ofertada. Na cultura judaica a vida pela morte está associada à consciência do homem. Portanto, o abate de um animal não pode ignorar a consciência de que este ato envolve a morte de outrem e esse discernimento é importante antes de um indivíduo optar por uma abstinência ou que essa seja adotada por motivos menos nobres²⁸.

Levítico, capítulo 1 a 4 especifica as espécies adequadas para o sacrifício. Basicamente, essas espécies são animais domésticos²⁹, criados pelos israelitas nas aldeias

²⁴ *Pessach* é uma das festas mais importantes do calendário judaico, comemorada anualmente para celebrar a libertação dos israelitas da escravidão no Egito, conforme descrito na narrativa bíblica do Êxodo. Essa festa tem uma profunda importância histórica e religiosa para o povo judeu e é celebrada durante sete ou oito dias, dependendo da tradição judaica seguida. Na primeira noite do *Pessach*, ocorre o *Seder Pessach*, que é uma cerimônia ritualística e uma ocasião especial de refeição, onde os participantes seguem um roteiro específico de atividades, orações, canções e símbolos, tudo projetado para transmitir a história e os ensinamentos do Êxodo. Para esse roteiro, utiliza-se o *Hagadá*, que é um livro onde está uma série de orações, canções, histórias e símbolos que ajudam a conduzir a cerimônia do *Seder*. Durante o *Seder*, a *Hagadá* é lida em sequência, seguindo um roteiro específico para lembrar a história da escravidão e da libertação do povo judeu e transmitir os valores e tradições de *Pessach*.

²⁵ ATTALI, 2021, p. 50

²⁶ PETERSON, 2004, p. 10

²⁷ João 12.24-25

²⁸ BONDER, 2010, p. 90

²⁹ בְּחֵמָה - *b'hē-māh* – Geralmente se refere a animais domésticos em oposição a animais selvagens. Muitas vezes indica animais domésticos maiores, por isso a palavra "gado" em diversas versões. (WENHAM, 2021, p. 41)

e nos campos. Dessa forma, "no Oriente Próximo antigo, abater animais domésticos era considerado, em certo período, como forma de Sacrifício" (HARRISON, 1983, p. 166). Para Carson, o sacrifício de um animal doméstico representava, para o ofertante, um custo de verdade³⁰. Essa "consciência sacrificial" pode ser percebida claramente quando Davi afirmou que não apresentaria ao Senhor uma oferta que nada lhe custasse³¹. Assim, o uso do animal doméstico para o sacrifício faz sentido em vários níveis: em primeiro lugar, o animal é produto do trabalho e da riqueza daquele que adora a Deus, ou seja, é uma dádiva dos próprios bens do adorador e tem um valor pessoal porque foi cuidado e mantido pelo adorador. Em segundo lugar, o animal doméstico é análogo ao próprio adorador, porque ele vive no mesmo domínio familiar, muitas vezes comendo e dormindo na casa do adorador, isso porque os animais costumavam ser criados no andar térreo ou à volta da casa tipicamente israelita³².

2.2 Aliança e redenção

As leis alimentares dadas por Deus apontam para a santidade da comensalidade, pois elas relacionam a mesa do povo de Deus com o altar. Portanto comer é estar diante de Deus, reconhecendo que ele é o nosso criador, nosso legislador e nosso redentor. A morte do Messias numa cruz foi a maneira de restaurar a aliança com Deus. Antes que o sangue do Cordeiro de Deus fosse vertido e seu corpo sacrificado, a lição dada por Jesus era que o seu sangue e o seu corpo fossem lembrados ao redor de uma mesa.

Assim como Israel foi constituído pela antiga aliança mosaica, compara Tim Chester, a nova comunidade de Jesus é fundada com uma nova aliança. Essa "aliança", conforme registrado em Lucas 22.20³³, é um termo relacional que significa um vínculo de lealdade e compromisso. É uma promessa formalmente acordada. No Sinai, Deus prometeu ser o Deus de Israel se Israel fosse seu povo, mas Israel quebrou a aliança³⁴. Na nova aliança, Jesus é o elo entre Deus e a humanidade. Ele é o Filho de Deus e o fiel representante do povo de Deus. Portanto, esta aliança é eterna e segura, porque repousa na perfeita fidelidade de Cristo. Ele não sucumbe à tentação. Ele não vive só de pão. A

³⁰ CARSON, 2020, p. 194

³¹ 2 Samuel 24.24

³² HENDELL, 2007, p. 5

³³ "Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós." Lucas 22.20 (ARA)

³⁴ Jeremias 31:31-32

nova aliança³⁵ promete não apenas um povo que conhece a Deus, mas um povo que é renovado³⁶.

3 MESA E COMUNHÃO

As Escrituras nos apresentam também histórias que narram a reunião de pessoas em torno da mesa, celebrando a comunhão em um aspecto horizontal, ou seja, relacionamentos humanos que celebram juntos a promessa divina da provisão e ao mesmo tempo anunciam a autorrevelação de Deus na História.

Ao longo dos tempos, participar de um banquete é, com efeito, um sinal de comunhão e identidade, é fazer parte do mesmo grupo³⁷. Apesar disso, infelizmente o cenário dos nossos dias nos apresenta um distanciamento da comunhão nos relacionamentos entre os próprios irmãos na fé, que aos poucos foram deixando de lado a comunhão que os santos têm em Cristo por meio do Espírito, dado às diferenças que carregam entre si. Paulo, escrevendo aos Coríntios, se referia à maneira irreverente como comiam, citando de forma específica a carne que havia sido sacrificada a deuses pagãos, que os fazia "tropeçar" na fé. Paulo está claramente preocupado que os coríntios não estejam dando testemunho da presença de Cristo entre eles. Pessoas que afirmavam ser seguidoras de Cristo estavam comendo 'sem considerar o corpo', o que significa que estavam comendo e bebendo de maneira que causavam divisão e dano à associação³⁸. Os crentes coríntios se reuniam para uma refeição, mas de uma maneira disfuncional, que não refletia o verdadeiro evangelho. A comensalidade foi deixada de lado, seja no tempo, na provisão ou ainda na postura³⁹. A resposta de Paulo, entretanto, não é abolir a refeição, mas realinhá-la à cruz⁴⁰.

Na visão de Paulo, uma refeição que aponta para Cristo seria aquela que nutre e alimenta "um só corpo"⁴¹. Nessa associação, ninguém é dispensável, "nenhum membro é insignificante demais para ser servido e nenhum membro é importante demais para não servir"(WIRZBA, 2013, p. 203).

³⁵ Jeremias 31:33-34 e Hebreus 8

³⁶ CHESTER, 2011, p. 113

³⁷ FLANDRIN e MONTANARI, 2020, p. 238

³⁸ WIRZBA, 2013, p. 202

³⁹ "Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague" (1 Coríntios 11.21)

⁴⁰ 1 Coríntios 11.29

⁴¹ 1 Coríntios 12.12

A Páscoa, a Festa dos Tabernáculos, as Festas da Lua Nova e a Festa do Jubileu estavam entre algumas das celebrações que lembravam a promessa da provisão de Deus sobre o seu povo. A comida era uma forma essencial de arrependimento, celebração e conexão entre os celebrantes⁴². Histórias sobre os elementos da mesa relacionados à comunhão se estendem também por todo o Novo Testamento, incluindo o primeiro milagre de Jesus ao transformar água em vinho em um casamento⁴³, milhares de pessoas que foram alimentadas por meio do lanche de um menino⁴⁴, o café da manhã que os discípulos tomaram na praia com Jesus, depois de uma longa noite de pesca⁴⁵, as refeições feitas nas casas com Jesus ao lado dos cobradores de impostos⁴⁶. Os exemplos de ingredientes como metáforas, desde a sementeira até os efeitos do sal e do fermento, até a multiplicação de peixes e pães. Jesus rejeita os sistemas sociais de rejeição e exclusão, acolhendo a todos em comunhão consigo. O companheirismo à mesa torna possíveis encontros genuínos com os outros e ao comer livremente com todo tipo de gente Jesus rompe e questiona todos os *tabus* sociais que mantêm as pessoas separadas⁴⁷.

No sermão de Jesus registrado no Evangelho de João⁴⁸, no capítulo 6, assim como nos relatos da última ceia com seus discípulos⁴⁹, ao se oferecer como sacrifício perfeito, cumprindo as profecias, Jesus se coloca como elemento essencial de todas as mesas, para todos os tempos. Os ensinamentos de Jesus na última ceia nos mostram que a verdadeira comunhão vai muito além de apenas beber do vinho e comer o pão. A verdadeira comunhão com Deus só pode ser experimentada ao compartilhar as refeições juntos, se lembrando do sacrifício de Jesus. Na identidade formada em torno da mesa com a criação, Deus comunica sua identidade e dá uma resposta à aliança: um convite para vir e receber as provisões do Criador, para vir e partir o pão juntos⁵⁰.

No centro da adoração da comunidade cristã primitiva, estava a celebração da Ceia do Senhor, que na época era conhecida por nomes diferentes. Por um lado, a igreja primitiva costumava se reunir e celebrar o que chamavam de “Festa de ágape” ou “Festa

⁴² HURLLOW, 2020, p. 18

⁴³ João 2.1-11

⁴⁴ João 6.9-12

⁴⁵ João 21.1-14; Lucas 5.1-11

⁴⁶ Mateus 9.9-13; Lucas 5.27-32; Lucas 19.1-10

⁴⁷ WIRZBA, 2014, p. 199

⁴⁸ João 6.53-56

⁴⁹ Mateus 26.26-29, Marcos 14.22-25, Lucas 22.16-20

⁵⁰ HURLLOW, 2020, p. 25

do amor”, na qual celebravam o amor de Deus e o amor mútuo que desfrutavam como cristãos, nesta refeição santa. Posteriormente, a Ceia do Senhor foi chamada “Eucaristia”, tomando sua definição do verbo grego *eucharisto*⁵¹, que significa “agradecer”. Nesse sentido, um aspecto claro da Ceia do Senhor está no ajuntamento e comunhão do povo de Deus, para expressar sua gratidão pelo que Cristo realizou em favor deles, por meio de sua morte⁵². Portanto, o sacrifício cristão tem a ver com aprender como fazer da própria vida uma dádiva que cria comunhão⁵³.

3.1 Lembranças de Graça

Jesus entende muito bem a necessidade humana de relembrar momentos importantes. Quando se reuniu com seus discípulos no cenáculo, ordenando-os a repetirem a ceia em lembrança dele⁵⁴, foi como um recado especial, para que eles nunca esquecessem o que eles iriam experimentar nas vinte e quatro horas seguintes, da morte, do derramamento de sangue e do corpo partido. E, assim, por dois mil anos, a igreja tem lembrado a morte de Cristo, neste memorial sagrado que é a Ceia do Senhor. A própria palavra apostatar, que significa "um deixar ir" ou "esquecimento”, tem uma ligação linguística importante aqui. Jesus morreu há dois mil anos, mas por todo o mundo, em todo momento, pessoas estão em algum lugar no mundo, partindo o pão, bebendo o vinho, com os corações gratos, lembrando a morte de Cristo, até que ele venha⁵⁵.

Nesse sentido, agradecer ou oferecer uma bênção de ação de graças antes de uma refeição está entre as expressões mais sinceras e elevadas de nossa humanidade. Nesse ato nos colocamos em um lugar de humildade diante de Deus e dos outros⁵⁶. Para Warren, a gratidão à mesa, além de ser uma expressão de louvor à Deus é também uma forma de se construir vínculos duradouros de comunhão. O ato cotidiano familiar de sentar-se à mesa com gratidão ensina a criança, independentemente da idade, um hábito de pausar antes de comer para um momento de gratidão⁵⁷. Chester acrescenta ainda que quando expressamos gratidão à mesa, fortalecemos nossa dependência diária de Deus e nossa dependência dos outros ao agradecermos por aqueles que cultivaram, processaram,

⁵¹ εὐχαριστο [eucharisto] - Agradecer. Dar graças.

⁵² SPROUL, 2013, p. 7

⁵³ WIRZBA, 2014, p. 178

⁵⁴ Lucas 22.19

⁵⁵ SPROUL, 2013, p. 21

⁵⁶ WIRZBA, 2014, p. 237

⁵⁷ WARREN, 2021, p. 43

compraram e cozinham nossa comida⁵⁸. "Em volta da mesa e diante de testemunhas, testificamos a experiência da vida como um dom precioso a ser recebido e dado novamente. Reconhecemos que não vivemos e não podemos viver sozinhos, mas somos os beneficiários da bondade e dos mistérios da graça" (WIRZBA, 2014, p. 238).

3.2 Fome e sede de uma vida sacramental

Apesar dos séculos de *secularismo*⁵⁹, aqueles que tentaram transformar a alimentação em algo estritamente utilitário falharam, afirma Alexander Schmemmann. A comida até hoje é tratada com reverência e uma refeição ainda é um rito, uma espécie de "último sacramento natural" da família, de amizade e da vida. E isso é muito mais do que comer e beber. Não por acaso a história bíblica da *queda* foi centrada na comida. Quando o homem comeu o fruto daquela árvore, independente de um possível significado mais profundo que isso possa carregar, o fato é que esse fruto era diferente de todas as outras frutas no Jardim. Ele não foi oferecido como um presente para o homem, não foi dado e não foi abençoado por Deus. Era comida cuja alimentação foi condenada a ser comunhão consigo mesma, sozinha e não com Deus. Esse fruto era a imagem do mundo amado para si, e comê-lo é a imagem da vida entendida como um fim em si mesmo⁶⁰.

Essa forma egoísta de se entender a vida se manifestou também nas primeiras comunidades cristãs. Conforme lemos em Atos⁶¹, Cornélio era um oficial do exército romano, homem justo e temente a Deus. Após uma visão, Cornélio foi instruído por Deus a enviar homens até Pedro para trazê-lo a fim de se encontrar com Cornélio. Enquanto os homens enviados por Cornélio estavam a caminho da casa onde Pedro estava, Deus deu uma visão alimentar a Pedro⁶². O fato ocorrido com Pedro nos mostra que a alimentação é também uma linguagem e uma lente através do qual a cultura se comunica e esclarece seus valores, estruturas e prioridades. A visão de Pedro sugere que a diferença alimentar se torna um problema quando ela é a base para a divisão. A questão não é se culturas

⁵⁸ CHESTER, 2011, p. 74

⁵⁹ Secularismo é um modo de vida e de pensamento que é seguido sem referência a Deus ou à religião. Trata-se de uma abordagem que procura separar questões religiosas e espirituais das instituições políticas e governamentais. A raiz latina *saeculum* referia-se a uma geração ou a uma era. "Secular" veio a significar "pertencente a esta era, mundana". Em termos gerais, o secularismo é uma cosmovisão e um estilo de vida que se inclina para o profano mais do que para o sagrado, o natural mais do que o sobrenatural. Essa inclinação para o profano, em vez do sagrado, tem contaminado a igreja de um modo cada vez mais abrangente, principalmente no que diz respeito à relativização cultural da ideia de verdade.

⁶⁰ SCHMEMANN, 1998, p. 16

⁶¹ Atos 10.22

⁶² Atos 10.11-16

devem ser distintas, mas se as diferenças culturais expressas através da comensalidade têm ou não o poder de dividir e alienar pessoas umas das outras⁶³.

Amar não é fácil, e a humanidade caída insiste por não voltar ao Amor de Deus. O homem amou o mundo, mas como um fim em si mesmo e não de forma transparente diante de Deus. O mundo é caído porque caiu da consciência de que Deus é tudo em todos. A acumulação deste desrespeito a Deus é o *pecado original* que arruína o mundo e nesse cenário, a religião aceitou também o secularismo que tenta roubar o mundo, colocando-o "longe" de Deus⁶⁴.

Assim como Pedro, a comunidade cristã de hoje precisa aprender que a paz de Cristo não permite que pessoas mostrem parcialidade, mas sim acolhimento e solidariedade entre estranhos. Para a comunhão ser "em Cristo", os cristãos precisam aprender a fazer parcerias com pessoas de diferentes contextos e a comunidade deve ser construída a partir da diversidade e não da igualdade e Cristo se abre a todos, mostrando a abrangência multicultural do reino de Deus⁶⁵.

4 MESA E MISSÃO

A igreja precisa urgentemente se reencontrar em sua missão, outrora perdida, apontando o caminho para uma humanidade faminta e cega, que precisa "provar e ver" a bondade de Deus⁶⁶. As criaturas estão vivendo uma forma de vida deficiente e o que elas precisam é da cura em que a igreja, entendida como a continuação na Terra das práticas ou do modo de ser de Cristo, tem um papel vital a desempenhar. Essa cura pode ser vislumbrada na mesa eucarística e nas relações transformadas de modo a dar testemunho da vida verdadeira⁶⁷. Dentro da igreja as pessoas são batizadas e se reúnem em torno da Mesa do Senhor. Ao mesmo tempo, porém, os cristãos precisam estar ocupados, atuando como sal num mundo corrompido e de luz num mundo em trevas⁶⁸. Nós fomos redimidos para que o grande banquete messiânico seja antecipado por nós, por isso, quando comemos juntos como uma comunidade cristã, anunciamos Cristo em missão para que outros ouçam o

⁶³ WIRZBA, 2014, p. 226

⁶⁴ SCHMEMANN, 1998, p. 16

⁶⁵ WIRZBA, 2014, p. 228

⁶⁶ SCHMEMANN, 1998, p. 13

⁶⁷ WIRZBA, 2014, pp. 198-199

⁶⁸ CARSON, 2012, pp. 136

convite e venham participar da festa conosco. Criação, redenção e missão, tudo existe para que esta refeição possa acontecer⁶⁹.

4.1 Mesa e missão no A.T.

Em Deuteronômio o povo de Israel recebe várias leis de Deus⁷⁰. Nessas leis, um importante elemento aparece como explicação para que Israel mantivesse distância de alguns tipos de relacionamento com outros povos⁷¹.

Inicialmente Deus trata sobre a questão da admissão na assembleia⁷² (*qahal*) do Senhor, que se refere ao povo da aliança de Deus, especialmente quando reunido em sua presença. Assim, entrar na assembleia indicaria uma pessoa que se torna um verdadeiro israelita e que, portanto, participaria da adoração ao Senhor. No caso dos moabitas e amonitas, o motivo apontado para que eles não fossem aceitos na Assembleia de Israel foi porque eles não saíram ao encontro de Israel no deserto com pão e água. Ou seja, há um alto valor aqui para a ação de dar e oferecer comida àqueles que estão em necessidade. Israel deveria cortar relações com os moabitas e amonitas porque eles não foram hospitaleiros, porque eles não ofereceram comida quando Israel estava pelo deserto. "Embora os judeus normalmente oferecessem hospitalidade ao povo de Deus em geral, eles ofereciam o mesmo a viajantes desconhecidos. [...] Deixar de fazê-lo era considerado uma ofensa grave" (SMITHER, 2021, p. 12).

Ao mesmo tempo, os descendentes de Esaú, irmão de Jacó, não deviam ser considerados inimigos, de acordo com o texto de Deuteronômio, tanto pelo laço de irmandade⁷³, mas também porque eles seriam importantes naquele contexto, já que venderiam pão e água para os israelitas. Ainda que os israelitas fossem impedidos de passar pelo meio do território deles, diferente dos moabitas e amonitas, que não

⁶⁹ CHESTER, 2011, p. 138

⁷⁰ Deuteronômio 19-28

⁷¹ Deuteronômio 23.3-8

⁷² A LXX usa *ekklēsia* cerca de 100 vezes, na maior parte para *qāhāl* (קהל). O termo *ekklēsia* tem o sentido básico de “assembleia” (cf. Dt 9.10; 1Rs 8.65); apenas o acréscimo de *kyriou* dá a ele um sentido teológico (cf. Dt 23.2ss., etc.), ou uma expressão como “de Israel” (1Rs 8.14) ou “dos santos” (Sl 89.5, etc.) O uso de *synagōgē* é similar. Este, também, é muitas vezes usado para *qāhāl*, e tem tanto um sentido geral (“assembleia”) quanto um sentido técnico (“congregação de Israel”). [...] Enquanto *ekklēsia* é quase sempre usado para *qāhāl*, *qāhāl* é traduzido por *ekklēsia* apenas em alguns livros (p. ex., Deuteronômio, Josué, Juízes, Samuel, Reis, Crônicas, Esdras, Neemias, Salmos). Em outros lugares, *synagōgē* é usado como equivalente, ocasionalmente também outros termos como *óchlos* ou *sýstasis*. (SCHMIDT, 2013, p. 443-444)

⁷³ Deuteronômio 23.7

partilharam comida, os edomitas, ainda que partilhando por meio da venda, tiveram um mínimo de hospitalidade⁷⁴.

Já com os egípcios, além de também serem beneficiados por uma atitude mais complacente de Deus, considerando que o Egito foi hospedeiro de Israel em tempos de fome. Deus também inclui uma nova perspectiva, descrita em Deuteronômio 15. Por Israel ter sido escravo no Egito, os israelitas não devem tratar os seus escravos da maneira como eles foram tratados. Devem libertar os escravos a cada sete anos ou a cada 49 anos, ou seja, no 50º ano, o chamado ano do jubileu. Além disso, esse escravo não deve sair de mãos vazias, ou seja, os israelitas deveriam também ser generosos ao libertar seus escravos. "Como os israelitas haviam sido pobres e estrangeiros no Egito e a liberdade conquistada por Israel foi por intermédio da Graça de Deus, agora, o próprio Deus ordena que façam o mesmo pelos outros" (KELLER, 2013, p. 102). A frase-chave para aceitar os egípcios no povo de Israel em Deuteronômio 23 é: "pois estrangeiro foste na sua terra". Essa frase vai aparecer várias vezes em Êxodo, Levítico e Deuteronômio, sendo relacionada com as mais variadas leis. Primeiramente seguindo o mesmo conceito de Êxodo, ou seja, de tratar bem o estrangeiro e respeitar o direito dos necessitados. E essa ampliação que Deuteronômio faz do órfão e da viúva mostra que Israel precisa viver lembrando o quão pesado e duro foi viver como escravo no Egito, para manter o coração e os olhos os ouvidos abertos ao clamor dos necessitados. Portanto, o que deve motivar a ação em favor dos necessitados não é a memória da dor, mas sim a memória da libertação da dor. A graça recebida deve resultar em graça ofertada.

No Cristianismo Reformado o entendimento do *slogan* "*simul iustus et peccator*"⁷⁵., tende a uma transformação do crente, pela graça, que permanece sempre incompleta. A obra do Espírito está dentro da pessoa e da comunidade, transformando ambos pela graça e é isso que torna os sacramentos eficazes: "Os sacramentos cumprem adequadamente seu ofício somente quando o Espírito, aquele mestre interior, vem a eles, por cujo poder somente os corações são penetrados e as afeições movidas e nossas almas abertas para os sacramentos para entrar"(Intitutas, volume IV, Capítulo 14, Seção 9).

⁷⁴ Tal ponto de vista sobre Edom é certamente anterior ao exílio babilônico, quando Edom foi condenado mais amargamente (THOMPSON, 1982, p. 230).

⁷⁵ A tradução desse termo é: simultaneamente justificado e pecador. Essa frase em latim foi cunhada por Martinho Lutero e considerada como essência da visão da Reforma sobre justificação.

O livro do profeta Jeremias apresenta uma descrição, recebida do próprio Deus, sobre os pecados que vão causar a destruição de Jerusalém pelos neobabilônicos⁷⁶: "Engordam, tornam-se nédios e ultrapassam até os feitos dos malignos; não defendem a causa, a causa dos órfãos, para que prospere; nem julgam o direito dos necessitados" (Jeremias 5.28).

A gordura, no mundo antigo era vista como um sinal de prosperidade⁷⁷, afirma Mackay, mas se transformava em algo negativo quando essa prosperidade era vista como excessiva, ou quando adquirida ou usada de modo impróprio. "Nédios" se refere ao pensamento daqueles que são lisos e lustrados por serem gordos e que de modo algum sofrem com a desnutrição⁷⁸. Portanto, engordar⁷⁹ está relacionado a não reconhecer que é Deus quem manda as chuvas, prepara a terra e dá condições para que a comida brote da terra e o homem possa comer. Está também diretamente conectado a maldades específicas, como não julgar a causa do órfão, não deixar que os pequeninos prosperem e não defender o direito dos necessitados. Para Harrison, Jeremias repreende todos os judeus por sua estupidez e falta de discernimento moral. Eles não tinham levado a sério o que a aliança estipulava, e muitos indivíduos sem escrúpulos tinham prosperado às custas dos oprimidos⁸⁰.

Numerosas passagens do Antigo Testamento indicam que a idolatria era um problema em Israel. O desejo de Deus era justiça e não culto hipócrita. Em Isaías⁸¹ notamos que esse tipo de culto fútil é intenso. Suas palavras são severas e saturadas de sarcasmo, suas críticas estão cheias de fúria⁸². O culto de Israel tem uma apresentação estética perfeita, as festas são lembradas e celebradas, no entanto Deus não escuta mais os hinos, não ouve as orações e fecha os olhos para tudo que fazem no santuário. Deus ignora tudo o que eles fazem. Já em Ezequiel⁸³, lemos que a fartura não compartilhada é

⁷⁶ O Império Neobabilônico ocorreu aproximadamente entre 626 a.C. e 539 a.C. na região da Mesopotâmia. Na Bíblia, os neobabilônicos são mencionados principalmente como a potência dominante que conquistou o reino de Judá e exilou o povo judeu na Babilônia.

O rei mais conhecido do Império Neobabilônico é Nabucodonosor II, que governou de 605 a.C. a 562 a.C. Ele é mencionado em várias passagens bíblicas, especialmente no livro de Daniel. Nabucodonosor conquistou Jerusalém em 597 a.C., exilou grande parte da população judaica e destruiu o Templo de Salomão.

⁷⁷ Deuteronômio 32.15; Salmos 92.14; Provérbios 28.25.

⁷⁸ MACKAY, 2018, p. 303

⁷⁹ שמן – shaman - ser ou ficar gordo, engordar; (Qal) gordura (substantivo); (Hifil) tornar gordo, aparecer gordura.

⁸⁰ HARRISON, 1984, p. 62

⁸¹ Isaías 1.10-15

⁸² OSWALT, 2011, p. 108

⁸³ Ezequiel 16.49,50

arrogância, abominação e esquecimento da Graça dada por Deus. A fartura acumulada é um indício do nosso apego à nossa própria justiça, ao nosso próprio mérito. O indivíduo precisa estar cuidadoso quanto à gratidão, para não cair na armadilha de Sodoma. "Falta de gratidão significa a recusa de louvar a Deus, a recusa de desfrutá-lo. Fazer isso é uma provocação frente às bênçãos divinas. Devemos sempre ser gratos a Deus⁸⁴, pois toda boa dádiva vem dele"⁸⁵ (BRINGE, 2014, p. 28). Portanto, a memória da pessoa livre pela ação graciosa de Deus deve impulsionar a sua ação a fim de libertar outros. A memória do ser que recebeu graciosamente de Deus deve impulsionar a sua ação a fim de também ofertar. A compreensão de como o ser humano foi e é tratado por Deus deve impulsionar a sua ação a fim de tratar os outros da mesma maneira.

4.2 Mesa e missão no N.T.

O Novo Testamento geralmente retrata as igrejas como famílias, com Deus como Pai, Jesus como irmão mais velho e outros membros como irmãos e irmãs. Os líderes da igreja são líderes de família e devem provar sua capacidade de administrar sua própria casa antes de poderem administrar a casa de Deus. Esse inclusive é um dos pré-requisitos para os presbíteros: que eles deveriam ser "hospitaleiros"⁸⁶.

As primeiras igrejas se reuniam em casas, em torno de refeições compartilhadas. Suas reuniões eram refeições. A maioria das casas poderia acomodar de trinta a quarenta pessoas em uma reunião, embora estima-se que grupos superiores a cem pessoas tenham se reunido em casas maiores. Há evidências de que, em meados do século II, as casas foram aos poucos se adaptando e se tornaram os primeiros modelos de templo. As igrejas na forma como conhecemos hoje, especialmente construídas para esse fim, são edificadas quando o Império Romano se torna oficialmente cristão, e as igrejas começam a ser construídas no estilo arquitetônico dos templos romanos⁸⁷.

Os cristãos também davam hospitalidade aos irmãos que viajavam. Foi assim que recebiam notícias de outras igrejas e expressaram unidade com elas. "Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração" (Atos 2:46). Na única reunião da igreja local descrita em detalhes, o livro de Atos apresenta o contexto da igreja em Trôade,

⁸⁴ 1 Tessalonicenses 5.18

⁸⁵ Tiago 1.17

⁸⁶ 1 Timóteo 3.2; Tito 1:8; Romanos 16.23

⁸⁷ CHESTER, 2011, p. 51

lemos que eles estavam reunidos para "partir o pão"⁸⁸, mostrando que a igreja se reunia para uma refeição.

Os professores itinerantes viajavam de igreja em igreja para edificá-los, e deveriam receber hospitalidade⁸⁹. João, porém, adverte seus leitores a não mostrarem hospitalidade aos falsos mestres: "Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más" (2 João 1.10,11). Ou seja, não receber uma pessoa em sua casa significava recusar tanto a cama para passar a noite quanto a posição para que o indivíduo ensinasse em sua igreja doméstica. Isso mostra o quanto a Igreja do Novo Testamento está tão intimamente alinhada com a casa, e a hospitalidade tão intimamente alinhada com a comunhão⁹⁰.

Por meio do encontro de Jesus com a mulher samaritana⁹¹ no poço de Sicar, João registra um exemplo de missão hospitaleira durante o ministério terreno de Cristo. Destacando o movimento deliberado do Senhor nesta região conflituosa entre judeus e gentios, para um povo totalmente rejeitado pelos judeus, João escreve: "era-lhe necessário atravessar a província de Samaria." (João 4:4) No entanto, "enquanto estava em missão com os samaritanos, Jesus escolheu envolver uma mulher de reputação duvidosa. Ou seja, ela era uma pessoa rejeitada dentro de uma sociedade de pessoas já rejeitadas" (SMITHER, 2021, p. 37).

Assumindo uma postura de vulnerabilidade, as primeiras palavras registradas de Jesus à mulher revelam sua necessidade física: "dá-me de beber"⁹². Enquanto a mulher pondera sobre as ações e a identidade de Jesus, considera Smither, o Senhor passa de hóspede a anfitrião, oferecendo-lhe o "dom de Deus" e a "água viva"⁹³. À medida que a conversa continua, a mulher samaritana fala da vinda do Messias. Embora não tenha chegado a hora de Jesus revelar sua identidade nas bodas de Caná, ele se proclama livremente como o Messias para a mulher de Sicar. Deixando seu cântaro no poço, a mulher recebe a água viva de Jesus e deposita sua fé nele, voltando à cidade, agora como testemunha.

⁸⁸ Atos 20.7 e 11

⁸⁹ 3 João 1.5-8

⁹⁰ CHESTER, 2011, p. 52

⁹¹ João 4.1-30

⁹² João 4.7

⁹³ João 4.10

Depois de receber a hospitalidade da mulher no poço, Jesus torna-se o anfitrião divino que convida a mulher a crer. Seu testemunho resulta em mais hospitalidade samaritana para com Jesus, que fica mais tempo como hóspede, proclamando as boas novas, levando à conversão de muitos outros samaritanos⁹⁴.

Essa mesma analogia usada por Jesus com a mulher samaritana, se repete pouco tempo depois, na própria narrativa de João, só que agora diante de uma multidão⁹⁵. Também no sermão proferido no monte das oliveiras⁹⁶, Jesus ministra mais um ensinamento sobre a necessidade da hospitalidade até os últimos dias, ensinando que, sempre que somos hospitaleiros, especialmente quanto aos seus servos, estamos ministrando a ele próprio⁹⁷. Ao mesmo tempo, se virarmos as costas àqueles que têm fome, que necessitam de um lugar para ficar, que precisam de roupa, que precisam ser visitados nas prisões ou nos hospitais, estaremos, na verdade, voltando as costas para Jesus⁹⁸.

“Praticar a hospitalidade” para com todos⁹⁹, especialmente quanto aos cristãos, estava na lista de deveres para com os irmãos, feita pelo Apóstolo Paulo. Essa é uma qualidade essencial da integridade cristã, não uma atividade opcional ou incidental. O Senhor deseja que a sua igreja entenda que esta é a coisa correta a fazer, porque há uma grande necessidade a ser suprida¹⁰⁰.

4.3 O banquete escatológico

Ao seguir o caminho de Jesus, partindo o pão à mesa, reconhece-se que a mesa também aponta para o futuro. A ceia é uma amostra da mesa escatológica no novo céu e nova terra, onde Deus habitará plenamente com seu povo como seu Deus. Lá o objetivo de Deus é totalmente cumprido e Deus se senta à mesa com seu povo como sempre planejou. Na unidade em torno da mesa o Espírito do Deus Vivo trará reforma e renovação ao conflito que o pecado trouxe a toda criação. Na unidade em torno da mesa, a imagem do Deus Trino no homem é restaurada e a identidade dos seguidores de Jesus é realçada¹⁰¹.

⁹⁴ SMITHER, 2021, p. 37

⁹⁵ João 7.37-40

⁹⁶ O Sermão do Monte das Oliveiras deriva seu nome do local onde Jesus o proferiu. Esse sermão está registrado nos três evangelhos sinópticos: Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21.

⁹⁷ Mateus 25.40

⁹⁸ MACARTHUR, 2013, p. 159

⁹⁹ Romanos 12.13

¹⁰⁰ MACARTHUR, 2013, p. 158

¹⁰¹ HURLLOW, 2020, p. 26

Para Sproul, toda vez que celebramos a Ceia do Senhor neste mundo, não devemos olhar apenas para trás, para as realizações passadas de Cristo, mas também para a festa futura que ainda está por se cumprir¹⁰². Participar da Ceia do Senhor envolve uma experiência física de refeição e um ensinamento de Jesus, para que nos lembrássemos dele, no entanto, a Ceia também aponta para o objetivo final da história, que também é uma refeição, o banquete do casamento do Cordeiro¹⁰³.

As Bodas do Cordeiro é um evento descrito no livro do Apocalipse, no capítulo 19 e sempre recheada de muitas discussões teológicas, principalmente relacionadas à ordem cronológica dos acontecimentos e as diferentes linhas escatológicas. No entanto, para este artigo, o foco está no fato em si, que aponta para o retorno de Cristo, o convite dos justos que estarão presentes nesse grande evento e a condenação da besta e do falso profeta. Ao mesmo tempo, para os pecadores, o texto aponta que a destruição ocorrerá em três estágios. No primeiro, Cristo vem montado em um cavalo de guerra branco, acompanhado dos exércitos celestiais, carregando uma espada afiada para destruir as nações¹⁰⁴. Depois, as aves de rapina são convidadas para a "grande ceia de Deus" (que é um claro contraste com as bodas do cordeiro de apocalipse 19.7), para se banquetear com a carne daqueles que estão prestes a morrer¹⁰⁵. Finalmente, ocorre a batalha onde os exércitos da besta são destroçados¹⁰⁶.

Apesar de nos capítulos anteriores o Apóstolo João também ter registrado algumas referências acerca desse momento, apenas no capítulo 19 é que a revelação se torna mais clara e nos fornece mais detalhes. "Cristo é o principal personagem nessa passagem e nela encontramos um dos retratos mais impactantes dele já descritos" (OSBORNE, 2014, p. 749).

Portanto, reunidas em torno de uma mesa, inspiradas por Cristo e permanecendo com ele, as pessoas vivem os movimentos de auto oferta sacrificial, recepção agradecida e relações reconciliadas. Se isso é verdade, então é também verdade que na mesa de Cristo as pessoas não degustam meramente o pão e o vinho, elas também degustam o céu. Ganham um vislumbre da vida em sua graça, plenitude e verdade¹⁰⁷.

¹⁰² SPROUL, 2013, p. 32

¹⁰³ KELLER, 2010, pp. 134-135

¹⁰⁴ Apocalipse 19.11-16

¹⁰⁵ Apocalipse 19.17-18

¹⁰⁶ Apocalipse 19.19-21

¹⁰⁷ WIRZBA, 2014, pp. 303-304

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desarmonia do homem com Deus se mostra nos padrões atuais de produção e consumo, baseados na realização constante dos desejos humanos, nas monoculturas, no uso excessivo de agrotóxicos, nas demandas de se colher o mesmo alimento durante todo o ano, na força da industrialização, na ação dos mercados globais e na forma como o a humanidade passou a compreender e se relacionar com o alimento.

Os efeitos da *queda* são percebidos por meio das compulsões, doenças, alergias, vícios, diabetes, infecções e transtornos. Essas implicações se revelam na mentalidade hedonista impregnada em nossa cultura, no desaparecimento da mesa familiar, da hospitalidade, da comunhão, do companheirismo e da solidariedade, afinal, isso exige tempo, energia e esforço demais. Os reflexos da *queda* estão na igreja, que padece com uma espécie de sedentarismo espiritual, se fartando de receber, mas incapaz de se levantar e cumprir a missão pela qual foi incumbida.

A proposta bíblica diante da humanidade afetada pela depravação total aponta para a regeneração, e a regeneração está em toda a criação. Vida que gera outra vida, semente que gera nova semente. Nesse sentido, a nossa nova vida parte do próprio Cristo, que se deu para que também tivéssemos vida. E essa deve ser a nossa cosmovisão como igreja: um povo que obedece a missão que o Senhor nos comissionou, levando por todo mundo a regeneração por meio do Evangelho, pregado não apenas com a voz, mas também por meio do testemunho da hospitalidade, do companheirismo e da solidariedade.

Por causa de Cristo, somos bem-vindos à mesa. A grande celebração da fé cristã, que é a Eucaristia, a Santa Ceia do Senhor, celebra a vida de forma comunitária e a memória do nosso Salvador, que veio nos regenerar e nos reconectar com o nosso Criador, por meio do pão e do vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo.

Como Ele nos amou e nos libertou, também somos chamados para amar e libertar. E essa dimensão em torno da comensalidade, da comida e da bebida, precisam estar claras para igreja do Senhor hoje. Aprender essa relação nos faz entender que não se trata apenas de pregar um evangelho, mas se trata também de compartilhar aquilo que nós comemos e temos.

Chegou a hora de nós, como corpo de Cristo, vivermos o Evangelho na perspectiva correta, como elementos ativos da justiça de Deus nessa terra, promovendo a regeneração e aplacando a fome física e espiritual do mundo, com o coração grato diante

de uma mesa farta que o Senhor preparou para nós e nos convidou a repartir, como seus imitadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER. **O Breve Catecismo de Westminster**. 6a ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

ATTALI, Jacques. **A epopeia da comida: uma breve história da nossa alimentação**. São Paulo: Vestígio, 2021.

BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. volume 3, 1ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BENITEZ, Raúl Osvaldo. **Perdas e desperdícios de alimentos na América Latina e no Caribe**. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, 2019. Disponível em: <<https://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/239394/>>. Acesso em: 07 de junho de 2023.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã. Edição do Kindle, 2019.

BERTHOUD, Jean-Marc. **Animais impuros: uma abordagem bíblica**. Brasília: Monergismo, 2020.

BONDER, Nilton. **A cabala da comida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: EST, 2007.

BRINGE, Peter. **A filosofia cristã da alimentação**. Tradução de Josafás Cardoso Júnior. Brasília: Monergismo, 2014.

CALVINO, João. **Institutas da religião cristã**. Edição do Kindle, 2018.

CARSON, D.A. **Cristo e cultura: uma releitura**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

CHESTER, Tim. **A meal with Jesus: discovering grace, community and mission around the table**. IVP. Edição do Kindle, 2011.

FIELDHOUSE, Paul. **Food and nutrition: customs and culture**. 2nd ed. London: Chapman & Hall, 1995.

FLANDRIN, Jean-Louis. MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 2020.

HARRISON, Roland K. **Levítico: introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

HENDELL, Ronald. **Table and Altar: the anthropology of food in the priestly Tora.**

To Break Every Yoke: Essays in Honor of Marvin L. Chaney, nº 3, pp. 131-48. Jan.

2007 Disponível em:

<[https://www.academia.edu/16417548/Table and Altar The Anthropology of Food in the Priestly Torah](https://www.academia.edu/16417548/Table_and_Altar_The_Anthropology_of_Food_in_the_Priestly_Torah)>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

HURLOW, Julia. **Transcendence at the table: a transfigurational experience while breaking Bread Together.** Eugene: Wipf & Stock. Edição do Kindle, 2020.

KELLER, Timothy. **Justiça generosa: a graça de Deus e a justiça social.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

MACARTHUR, John. **O poder da integridade.** São Paulo: Cultura Cristã. Edição do Kindle, 2013.

MACKAY, John L. **Comentários do Antigo Testamento - Jeremias.** São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

MARSHALL, David. **Food as ritual, routine or convention? *Consumption, Markets and Culture***, vol. 8, no. 1, pp. 65-85, mar. 2005. Disponível em:

<https://www.pure.ed.ac.uk/ws/portalfiles/portal/37070927/CMC05_Marshall_text.pdf>. Acesso em: 10 de Maio de 2023.

MOREIRA, Sueli A. **Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos.** Cienc. Cult, São Paulo, v. 62, n. 4, Oct. 2010.

OSWALT, John N. **Comentário do Antigo Testamento – Isaías - Vols 01 & 02.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

PETERSON, Eugene. **Coma este livro: a comunidade santa à mesa com as Sagradas Escrituras.** Niterói-RJ: Textus, 2004.

RIDDERBOS, Herman. **A Teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SCHMEMANN, Alexander. **For the life of the world: Sacraments and Orthodoxy.** St Vladimir's Seminary Press, Nova York, 1998.

SMITHER, Edward L. **Mission as hospitality: imitating the hospitable God in mission.** Eugene: Cascade Books, 2021.

SPROUL, R. C. **O que é a Ceia do Senhor?** São José dos Campos: Fiel, 2013.

VOLF, Miroslav. **Uma fé pública: como os seguidores de cristo podem contribuir para o bem comum.** São Paulo: Mundo Cristão. Edição do Kindle, 2018.

WARREN, Tish H. **Liturgia do ordinário: práticas sagradas na vida cotidiana.** Distrito Federal: The Pilgrim, 2019.

WIRZBA, Norman. **Alimento & fé: uma teologia da alimentação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.



SEMINTES

